

O poder da comunicação na era da informação

Volume II



Organizadores:
Edwaldo Costa
Luis Felipe Abreu

 Atena
Editora
Ano 2024

O poder da comunicação na era da informação

Volume II



Organizadores:
Edwaldo Costa
Luis Felipe Abreu

 Atena
Editora
Ano 2024

Editora chefe

Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Ellen Andressa Kubisty

Luiza Alves Batista

Nataly Evilin Gayde

Thamires Camili Gayde

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2024 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2024 Os autores

Copyright da edição © 2024 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

- Prof^a Dr^a Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora
Prof^a Dr^a Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade de Coimbra
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Caroline Mari de Oliveira Galina – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant'Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^a Dr^a Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Elio Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof^a Dr^a Geuciane Felipe Guerim Fernandes – Universidade Estadual de Londrina
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Jodeylson Islony de Lima Sobrinho – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof^a Dr^a Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso
Prof. Dr. Julio Cândido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^a Dr^a Kátia Farias Antero – Faculdade Maurício de Nassau
Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Marcela Mary José da Silva – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^a Dr^a Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof^a Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Federal da Bahia / Universidade de Coimbra
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

O poder da comunicação na era da informação 2

Diagramação: Ellen Andressa Kubisty
Correção: Jeniffer dos Santos
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Edwaldo Costa
Luis Felipe Abreu

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
P742	O poder da comunicação na era da informação 2 / Organizadores Edwaldo Costa, Luis Felipe Abreu. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2024. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-2450-5 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.505240404 1. Comunicação. 2. Informação. I. Costa, Edwaldo (Organizador). II. Abreu, Luis Felipe (Organizador). III. Título. CDD 302.2
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

“Nunca antes na história a comunicação foi tão boa e funcionou de forma tão extensiva e tão intensiva quanto antes”, diagnosticava já na década de 1970, o filósofo Vilém Flusser, em seu “O mundo codificado”. Diante da massificação das tecnologias de informação e sua consequente reorganização da vida social, essa conclusão de Flusser é menos um elogio do que um sinal de alerta: diante de tanta informação nova, é cada vez mais difícil entrarmos em diálogo. Estamos soterrados de discursos e monólogos.

É desafio dos estudos críticos da Comunicação, portanto, investigar os modos pelos quais os processos comunicacionais se tornaram centrais a todos os aspectos da vida cotidiana, avaliando as consequências disso na sociedade e em nossa própria cognição. Diante dessa tarefa, surgem iniciativas como a deste e-book. Dando sequência ao projeto “O poder da comunicação na era da informação”, que já havia publicado um livro digital, esta coletânea reúne oito artigos acadêmicos, apresentando um panorama de análises e explorações da ação comunicacional em diferentes áreas e contextos.

O objetivo da proposta é não apenas oferecer uma porta de entrada ao estado dos estudos de Comunicação no Brasil hoje, mas fazê-lo a partir de uma proposta dialogante, capaz de demonstrar a versatilidade e potência da perspectiva comunicacional para compreender nossa realidade. Ao longo desta travessia através das fronteiras fluidas e moventes da Comunicação contemporânea, os leitores poderão encontrar e refletir sobre temas como o jornalismo alternativo na era digital, o poder da comunicação na era da informação e da educação digital, a inclusão tecnológica e seus impactos na aprendizagem, novas formas de comunicação nos ambientes organizacionais, as mediações culturais do rádio, iniciativas de ensino musical, o papel político do cinema engajado e a representatividade feminina e política na mídia.

Elaborados por pesquisadores e acadêmicos de diversas origens, interesses e gerações, todos com sólido percurso na área de estudo, os artigos possibilitam sobre a natureza indisciplinada da Comunicação na era da informação ubíqua. Em conclusão, esperamos que este e-book, em seu caráter colaborativo e plural, seja ele próprio reflexo das dinâmicas comunicacionais de nossos tempos – e assim possa oferecer uma contribuição significativa e inovadora a esse nosso campo que não cessa de se expandir.

Edwaldo Costa
Luis Felipe Abreu

CAPÍTULO 1	1
EXPLORING THE REPORTERS SANS FRONTIÈRES PLATFORM - USING QUALITATIVE METHODOLOGY TO STUDY ALTERNATIVE JOURNALISM IN THE DIGITAL AGE	
Luís Barbosa	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5052404041	
CAPÍTULO 2	11
INCLUSÃO DIGITAL: APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO COM O USO DAS TECNOLOGIAS	
Luciano Santos de Farias	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5052404042	
CAPÍTULO 3	19
COMO DECIDIR EM AMBIENTES ORGANIZACIONAIS COM NÚCLEOS DE COMUNICAÇÃO? ELEMENTOS, CONCEITOS E INTERFACES PARA UMA REFLEXÃO PRELIMINAR	
Boanerges Balbino Lopes Filho	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5052404043	
CAPÍTULO 4	33
AS MEDIAÇÕES CULTURAIS DA RÁDIO GOSPEL HORA NO COTIDIANO DE JOVENS OUVINTES DE CAMPO GRANDE-MS	
Fládima Rodrigues Christofari	
Daniela Cristiane Ota	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5052404044	
CAPÍTULO 5	52
OFICINA EXPRESSIONS - PELOS CAMINHOS DA MÚSICA	
Cristiane Furlan	
Ng Yee No	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5052404045	
CAPÍTULO 6	62
CINEMA FEMINISTA: PERSPECTIVAS SOBRE SUBJETIVAÇÃO E OCUPAÇÃO DE ESPAÇOS	
Giovanna Santos Rossetti de Carvalho	
Miguel Adilson de Oliveria Júnior	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5052404046	
CAPÍTULO 7	90
DO DIREITO AO VOTO FEMININO À POSSE DA PRIMEIRA PRESIDENTA. UMA ANÁLISE DAS MULHERES NAS PRIMEIRAS PÁGINAS	
Camila Welikson	
Leonel Azevedo de Aguiar	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5052404047	

SUMÁRIO

CAPÍTULO 8	109
CONECTIVIDADE E PODER: A NOVA FACE DA COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO	
Suélen Keiko Hara Takahama Costa	
Edwaldo Costa	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5052404048	
SOBRE OS ORGANIZADORES	119
ÍNDICE REMISSIVO	120

EXPLORING THE REPORTERS SANS FRONTIÈRES PLATFORM - USING QUALITATIVE METHODOLOGY TO STUDY ALTERNATIVE JOURNALISM IN THE DIGITAL AGE

Data de aceite: 01/04/2024

Luís Barbosa

CICANT - Centre for Research in Applied
Communication, Culture, and New
Technologies, Universidade Lusófona do
Porto, Porto, Portugal
<https://orcid.org/0000-0001-7620-6169>

ABSTRACT: Alternative journalism is usually associated with political engagement or activism, but it also covers a range of other issues such as minorities, ethnic groups, cultural and social actions, usually run by non-professionals. However, there are several examples of journalists working professionally on the political and investigative aspects of this type of journalism, such as the organisation Reporters Sans Frontières.

Technological innovation - especially since the expansion of Internet 2.0 and the creation of social networks - has been a fertile field for the expansion of alternative journalism.

This is an exploratory study on the content of alternative journalism on online platforms. The aim is to understand the main issues addressed by alternative journalism organisations in the digital arena and, in

particular, to learn more about the digital presence of Reporters Sans Frontières. The work is anchored in qualitative methodology, in particular in content analysis. The data has been retrieved from the Internet *corpus latente*. After listing the more visible platforms, we have created categories to understand the type of platform to which each one belongs: politics, culture, arts, etc. We also listed the headlines of all RSF news in French, English, Portuguese and Spanish between January and April 2019.

We were able to conclude that alternative journalism is generally developing in a professional way. Alternative journalists are using new online platforms to achieve greater visibility and impact.

Using qualitative analysis techniques, we were able to conclude that, in terms of content, the majority is of a political nature. And we were able to conclude that RSF, through its significant worldwide network, publishes hundreds of news items focusing on sensitive political issues.

KEYWORDS: Alternative Journalism, Digital Age, Qualitative Methodology, Reporters Sans Frontières.

INTRODUCTION

In a broad approach, it is accepted that alternative journalism may be as old as classical journalism. Alternative journalism is generally associated with political engagement or activism, but it can also be dedicated to a range of other issues such as minorities, ethnic groups, cultural and social actions promoted by non-professionals. On the other hand, there are several cases where journalists work professionally in the political and investigative aspects of this type of journalism. We believe that it is considered important to explore these issues at an academic level, especially from the perspective of the impact of new digital technologies on alternative journalism in the context of Internet 2.0.

Certainly, social networks have created the basis for a wider dissemination of alternative journalism. However, in this paper, in addition to a study of the main issues addressed by alternative journalism, we aim to understand the work developed today by an organisation founded several decades ago (based on its presence in the digital world and the main themes published).

The work has been divided into 6 chapters. In the following chapter - the second - we present a theoretical framework of alternative journalism and media in the digital age. The third chapter is dedicated to the methodology, focusing on the qualitative analysis methodology, with the aim of justifying the choice of this methodology based on the perspective of several specialists. The chapter ends with a description of the research process. The fourth chapter deals with the data collection and analysis techniques, also based on the vision of several authors. The fifth chapter presents the data collected and the results. In the sixth chapter we present some final considerations.

We believe that our study contributes to a better understanding of the main issues of alternative journalism, based on real data, as well as to the digital visibility of the work of Reporters Sans Frontières journalists.

THEORETICAL FRAMEWORK

Today's global society is structured according to the dynamics and domain of different powers (political, economic, competitive and others) and is increasingly focused on media coverage [1]. This media coverage refers to the so-called social communication media or mass media such as radio, television and newspapers, being a "special type of communication" [2], which involves "different operating conditions among which are the nature of the audience and the communicator's communicative experience" as defended by Wright (1978) quoted by Kunsch (2003) [3], with the addition of the Internet and, in particular, social networks. Alternative journalism is included in the above-mentioned "special type of communication".

Journalism has "several legitimate aspects that contribute in different ways to the functioning of democracy" as James Curran writes in the preface to his Alternative Media

Handbook [4]. These aspects include the interpretive and subjective styles of journalism found in most of what are considered alternative media; forms of media that, for Curran, allow diverse social groups to define and constitute themselves, facilitate internal strategic debate, and promote the transmission of their concerns and opinions to a wider audience [4].

These authors are just some of those who have contributed to the gradual growth of “academic interest in alternative journalism” [5]. Studies on alternative journalism have shown, among other aspects, that:

“Alternative journalism comes from dissatisfaction not only with the main coverage of certain subjects and topics, but also with the epistemology of the news. This critique is defined as *inter alia*, that is, anchored in news source conventions and representation; the inverted pyramid of news texts; the hierarchical and capitalized economy of commercial journalism; the professional, the elite base of journalism as a practice; the professional norm of objectivity; and the subordinate role of the public as receiver” [6].

Dissatisfaction, as Denis McQuail defines is an “expression of celebration in completely different ways, free from established systems”. This author proposed the concept of the media as “democratic participant”, a way of explaining or at least labeling the “many ideas in favor of alternative media grassroots that express and care for the needs of citizens” [7].

In the beginning, alternative media were not accessible to the general public, but with the development of technology, information capacity, storage and data transmission, there has been a large number of content creators and followers, as new technology allows small communities to express their problems, concepts, opinions and make themselves known far beyond their geographical and cultural boundaries.

Now the analysis of the information contained in digital media in the context of the use of different media “allows to see their place in the context of the combination of media for different purposes, being accepted that digital media, also called ‘new’ media, do not simply replace the previous ones - ‘traditional’ or ‘old’-, but recombines them” [8].

The use of platforms in alternative journalism (similar to collaborative journalism) is a modality and integration of a potentially disruptive or innovative technology, based on the 3Ts model [9]:

- Transfer - which corresponds to the mere transfer of conventional approaches to a work environment with technology;
- Transform - which involves redefining conventional approaches to technology-based work environments;
- Transcend - which manages to break up with conventional approaches, allowing new paradigms to emerge.

METHODOLOGY

In general terms, scientific research consists of an investigation that: a) seeks answers to a question; b) systematically uses a predefined set of procedures to answer the question; c) collects evidence; d) produces findings that are not predetermined; e) produces findings that are applicable beyond the immediate limits of the study. Qualitative research has these characteristics [10].

Qualitative methodology is understood as “a means of exploring and understanding the meaning that individuals or groups attach to a social and human problem” [11]. The main characteristics of qualitative methods in the analysis of human behaviour from the actor’s perspective are naturalistic observation, subjectivity, discovery and process orientation, exploratory, descriptive and inductive character, and non-generalisation of results [12]. The word qualitative implies the highlighting of the qualities of entities, processes and meanings; a qualitative study emphasises the socially constructed quality of reality, taking into account a constructivist framework, the closest relationship between the researcher and the object of study, and the situational constraints that shape the investigation [13].

Qualitative methods are used to answer questions about experience, meaning and perspective, most often from the participant’s point of view. The data obtained is generally not countable or measurable. Qualitative research techniques include analysing texts and documents, such as government reports, media articles, websites or journals, to learn about private or public matters [14]. It also seeks to understand a particular problem or research topic from the perspective of the stakeholders themselves. Qualitative research is particularly effective in providing culturally specific information about the values, opinions, behaviours and social contexts of particular populations. [10].

Moreover, qualitative methods are no longer seen as useful simply because they allow us to deal with data that are not considered suitable for statistical analysis. The methodology of qualitative analysis is increasingly recognised and is now considered by many professionals to be a legitimate way of obtaining information and understanding human behaviour. Although qualitative research has long been ‘out of fashion’, the modern interest in it represents a revival of an approach that has as much history in the social sciences as quantitative methods. [15].

With regard to the criteria for applying qualitative analysis, the main ones are defined by Guba & Lincoln (1994), [16] quoted in the Qualitative Research in Education Handbook [17]:

- Historical contextualisation of the situation studied (taking into account socio-economic, cultural, gender background);
- The extent to which the study focuses on the eradication of ignorance (unmasking of prejudices);
- The extent to which it provides a stimulus for action, i.e. for existing change.

Based on the coordinates of the quoted authors, we understood that the qualitative methodology was the most appropriate, especially due to the exploratory nature of this research.

DATA COLLECTION AND ANALYSIS TECHNIQUES

The purpose of data analysis “is to organise, structure and extract meaning from the content. Transcripts need to be read and reread, then organised, synthesised and interpreted, and the final task is to reduce the data for reporting purposes [18]. Therefore, according to the author, it is possible to state that qualitative analysis is a research process, interpretation, reduction and ordering of data to achieve the description or explanation of a phenomenon [18]. Data analysis is defined by Morse as:

“a process that requires intelligent questioning, a continual search for answers, active observation and accurate memory. It is a process of joining and joining data, making the invisible obvious, distinguishing the signifier from the insignificant, linking seemingly unrelated data, fitting categories into each other and attributing consequences to antecedents... It is a process of conjecture and verification, correction and modification, suggestion and defense. It is a process of organizing so that the analytical scheme appears obvious” [19].

In terms of analysis techniques, content analysis was chosen. The content analysis technique is characterised by the search for explanation and understanding, allowing conclusions to be drawn that identify, in a systematic and objective way, the singular and implicit characteristics of the discourse, as it seeks to know what is behind the words, in search of other realities. [20]. Therefore, inferences are made about what may influence the nature of the interpretation, based on establishing a relationship between the data obtained [21].

The purpose of content analysis is to “quantify salient and overt features of large numbers of texts, and statistics are used to make broad inferences about representational processes and policies” [22].

In short, as Castro argues, for research to be scientific, a threshold of control over observational methods needs to be established [23] which, according to the author, means the use of systematic and structured methods of observation and evaluation. Based on these foundations, this study is essentially an exploratory empirical research that attempts to present an integral vision and a general holistic understanding.

In practical terms, we began by collecting the names of organizations with greater visibility in the internet in Portuguese (selecting only publications of Portuguese origin) and in English. Then, a categorization or “coding” [24] was carried out in order to understand the typologies associated with alternative journalism: politics, culture, art, etc.; bearing in mind that

"Coding is one of the most difficult processes in content analysis (...) since a large part is closely linked to the richness of the discourse. It is possible to think of the codification process as a space for induction and deduction (...); the categories deduced from the literature review allow the creation of an analysis framework" [25].

The second step involved collecting, organising and coding data on the news content of the Reporters Without Borders platform. Data was also retrieved from the corpus lata, and then a content analysis of the collected data was carried out (without the use of content analysis software).

RESULTS

The Internet search made it possible to identify Portuguese and international online publications that could be described as alternative journalism. The following table (Table 1) presents a list of the organisations identified, based on their greater 'visibility':

#	Alternative Journalism	Name	Type	Source
1	Portugal	Fumaca	Política	https://fumaca.pt/
2	Portugal	Divergente	Política/Investigação	https://fumaca.pt/
3	Portugal	QINews	Política	https://qinews.pt/
4	Portugal	O Corvo	Política	https://ocorvo.pt/
5	Portugal	Arte/Factos	Arte e Cultura	http://www.artefactos.net/
6	Portugal	Praxis	Política	https://praxismagazine.org/
7	Portugal	Jornalismo de Causas	Política	https://jornalismodecausas.wordpress.com/
8	Portugal	Vice	Política	https://www.vice.com/pt
9	Portugal	Comunidade Cultura e Arte	Arte e Cultura	https://www.comunidadeculturaearte.com/
10	Portugal	Mapa	Política	http://www.jornalmapa.pt/
11	International	Media Partners	Política	https://euroalter.com/media-partners
12	International	RSF - Reporters Sans Frontières	Política	https://rsf.org/pt
13	International	ICU: International Consortium of Investigative Journalists	Política/Investigação	https://www.icij.org/
14	International	The Corbett Report	Política/Investigação	https://www.corbettreport.com/
15	International	Moon of Alabama	Política/Economia	https://www.moonofalabama.org/
16	International	The Anti Media	Política	https://theantimedia.com/
17	International	Global Research/Mondialisation	Política	https://www.globalresearch.ca/about-2
18	International	We are a change	Política/Ativismo	https://www.youtube.com/user/wearchange
19	International	The Rubin Report	Política/Sociedade	https://www.youtube.com/channel/UCJdKr0Bgd_5saZYqLCA9mg
20	International	Consortium News	Política/Investigação	https://consortiumnews.com/
21	International	Truth In Media	Política	http://truthinmedia.com/
22	International	Media Roots	Política	http://mediaroots.org/
23	International	Propublica	Política	https://www.propublica.org/
24	International	Periodismo alternativo	Política	https://periodismo-alternativo.com/
25	International	Off Guardian	Política	https://off-guardian.org/
26	International	21st Century Wire	Política	https://21stcenturywire.com/

Table 1. List of the organizations with more visibility in the internet

Source: *Corpus Latente*

Table 1 identifies 10 national and 16 international alternative news organisations. The data show that in Portugal, 8 of the 10 selected organisations focus on political issues, while the other 2 are related to arts and culture. At the international level, the work of all 16 organisations listed is related to politics; of these, 3 organisations combine politics with investigative journalism, 1 focuses on politics and the economy and another on politics and society.

From the point of view of the use of the so-called digital world, it's important to note the presence of these organisations/publications in the various social networks (that can be accessed from websites or platforms). It was also possible to verify that some of the organisations listed have, for example, their own YouTube channel.

As far as the RSF platform is concerned, in addition to learning about the themes of the news published, we wanted to observe the transition and visibility of this organisation (which has been in existence for several decades) in the digital world.

RSF is an international organisation with consultative status at the United Nations (UN), UNESCO, the Council of Europe (CoE) and the International Organisation of the Francophonie (IOF). RSF is an independent organisation based in Paris, with daily and multilingual publications in French, English, Spanish, Arabic and Persian, and often in other languages (Chinese, Portuguese, Russian, etc.), as well as reports and press releases on the situation of freedom of information in the world and the attacks on it. RSF's communication campaigns go around the world, not only because of its digital visibility, but also because the organisation itself is present in 130 countries through a vast network of correspondents. Interventions in the international press raise public awareness and influence political leaders on specific cases or overarching issues. RSF works to defend freedom of expression and to protect the freedom and lives of reporters in difficult situations, such as war zones.

By comparing the headlines in different languages, we also concluded that on the one hand, journalists are not limited to translating the content, as there is specific news for the audience in each language. On the other hand, the analysis of the content of the topics published between January and April in the different languages allows us to deduce a great amplitude in terms of the scope of their communication and to confirm the political aspect of the topics dealt with.

Finally, we observed the content of the platform itself. This process allowed us to conclude that his organisation communicates in six languages and that its presence on all social networks is of enormous importance and could be one of the factors that contribute to having an effective (and influential) voice at a global level and that RSF maximises it through the use of digital media.

As mentioned above, we listed all the headlines of the news published on the RSF platform between January and March 2019 and divided them by language (French, English, Spanish and Portuguese), as summarised in Table 2:

Language	Total
French	200
English	215
Spanish	62
Portuguese	11

Table 2. Quantity of news (headlines) from January to March, 2019

In terms of its business model, it was possible to conclude that, in addition to a certain degree of self-sufficiency generated by its online shop, it relies on the support of donors (whose identities are listed on the platform) as well as public funding for around 50% of its total budget.

RSF also produces an annual publication, the Press Freedom Index, and maintains an online barometer that tracks the number of victims of repression of freedom of expression. According to RSF, this ranking or index, which assesses the situation of journalism in 180 countries and territories every year, reveals the triggering of a mechanism of fear that is very harmful to the serene exercise of journalism.

Hostility towards journalists, and even hatred expressed by political leaders in many countries, has led (in 2018) to more serious and frequent acts of violence, increasing the risks and generating unprecedented levels of fear in certain countries and places. The index shows that out of 180 countries, press freedom is considered good in only 24.

The Press Freedom Index therefore demonstrates not only the political aspect that has been highlighted, but also the pertinence of the issues raised and the need for an active voice to defend the work of these professionals and citizens.

FINAL CONSIDERATIONS

This study has allowed us to verify that alternative journalism is very active and has a strong presence in the so-called digital world, and through this presence achieves a global reach among its audiences.

The existence of several organisations dedicated to alternative journalism brings together “ordinary people as a set of voices with an equal right (to be heard) with elite groups” [6]. This right to be heard and to have access to spaces where they can engage in dialogue with others is seen, among other things, as crucial for people to be active citizens.

Nevertheless, through the chosen example of the RSF platform, we have been able to demonstrate that alternative journalism is not only developed by individuals, but also carried out by a large number of professionals who “promote the transmission of their concerns and views to a wider audience” [4]. And the use of new technologies allows them to achieve greater visibility and impact. In this sense, we have been able to show that there

are larger organisations dedicated to alternative journalism, which are also supported by a large number of donors and, interestingly, in the case of RSF, by public funding.

The work of these organisations, especially that of RSF, is internationally recognised through various awards (including representation at the United Nations), which allows us to conclude that RSF has achieved a high level of professionalism and influence over time, and that its visibility is considered to be greater in the digital age.

With regard to digital technology, it was concluded that, in the context of alternative journalism, the RSF platform represents a modality and integration of a potentially disruptive or innovative technology, based on the 3Ts model [9] which was described using the concepts of transference, transformation and transcendence.

Finally, it is important to stress that the continued existence of some forms of alternative journalism and the expansion of social spaces for dialogue and participation remain essential for the healthy functioning of society, as evidenced by the results of the “Press Freedom Index”, where only 24 of the 180 countries in the world are considered “good”, i.e. as having favourable conditions for free journalistic expression.

As for the qualitative methodology option, content analysis allowed us to achieve the main objectives of this study. In terms of content, after codification, it was concluded that it is markedly political, both in the digital sites of alternative journalism and in the RSF platform.

REFERENCES

1. Lopes, R. 2004. *O Poder dos Media na Sociedade Contemporânea*. Universidade da Beira Interior.
2. Sant'Anna, A. 1998. *Propaganda: Teoria, técnica e prática*. S. Paulo: Pioneira.
3. Kunsch, M. 2003. *Planejamento de relações públicas na comunicação integrada*. São Paulo: Summus.
4. Coyer, K.; Dowmunt, T.; Fountain, A. 2007. *The Alternative Media Handbook*. James Curr. UK: Routledge.
5. Harcup, T. 2011. *Alternative journalism as active citizenship*. SAGE JOURNAL.
6. Atton, C.; Hamilton, J. F. 2008. *Alternative Journalism*. London: SAGE.
7. McQuail, D. 2000. *McQuail's Mass Communication Theory*. London: SAGE Publications.
8. Jorge, A.; Brites, M. J.; Francisco, K. 2011. ar, entreter, informar: um retrato da inclusão digital de jovens e seus familiares em Portuga. *Observatorio (OBS*) Journal* 5: 101–131.
9. Metros, S. 2003. *E-learning: from Electronic-Learning to Engaged*. Online.
10. Mack, N.; Woodsong, C.; Macqueen, K.; Guest, G.; Namey, E. 2005. *Qualitative Research Methods: A Data Collector's Field Guide*. United States of America.

11. Creswell, J. W.; Clark, V. L. 2011. *Designing and Conducting Mixed Methods Research*. London: SAGE Publications.
12. Serapioni, M. 2000. Métodos Qualitativos e Quantitativos na pesquisa social em saúde: algumas estratégias para a integração. *Ciência & saude coletiva*.
13. Denzin, N. K.; Lincoln, Y. S. 2005. *The SAGE Handbook of Qualitative Research*. London: SAGE Publications.
14. Hammarberg, K.; Kirkman, M.; Lacey, S. D. 2016. *Qualitative research methods: when to use them and how to judge them*. Oxford Academic.
15. Cropley, A. Introduction to Qualitative Research Methods. 2015. ResearchGate.
16. Guba, E. G.; Lincoln, Y. S. 1994. Competing Paradigms in Qualitative Research. In *Handbook of qualitative research*, ed. N. K. Denzin & Y. S. Lincoln. Thousand Oak, CA: SAGE.
17. Amado, João, António Pedro Costa, and Nilma Crusoé. 2017. A Técnica de Análise de Conteúdo. In *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*.
18. Matheus, R. F. 2009. Rafale Capurro e a filosofia da informação: abordagens, conceitos e metodologias de pesquisa para a Ciência de Informação. *Perpetivas em Ciências da Informação* 10: 140–165.
19. Morse, J. M. 1997. *Developing Qualitative Inquiry*. SAGE JOURNALS.
20. Bardin, Laurence. 2009. *Análise de conteúdo*. 3rd ed. Lisboa: Edições 70.
21. Amado, J.; Costa, A. P.; Crusoé, N. 2017. A técnica de análise de conteúdo. In *Manual de Investigação Qualitativa*.
22. Deacon, D. 1997. *Researching communications : a practical guide to methods in media and cultural analysis*. London: Arnold.
23. Castro, H. 1997. *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus.
24. Saldaña, J. 2016. *The Coding Manual for Qualitative Researchers*. UK: SAGE.
25. Berg, B. L. 2009. *Qualitative Research. Methods for the Social Sciences*. Boston: Allyn & Bacon.

CAPÍTULO 2

INCLUSÃO DIGITAL: APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO COM O USO DAS TECNOLOGIAS

Data de aceite: 01/04/2024

Luciano Santos de Farias

<http://lattes.cnpq.br/8262025539027964>

RESUMO: Analisando o crescimento da informatização dos serviços oferecidos à sociedade atual, cada vez mais se busca a necessidade da inclusão digital dos cidadãos nesse modo de vida. Ao acontecer o uso destes recursos tecnológicos, eles devem ser apropriados de meios onde a tecnologia da informação e comunicação (TIC) se direcione para fazer valer a inclusão dos indivíduos neste ciberespaço. Deste modo, a escola se apresenta como ambiente capaz de fazer emergir tais tecnologias a serviço de uma metodologia de ensino a favor da interação dos alunos nesta sociedade da informação anulando, assim, as diferenças sociais não pertinentes a este processo. Ao se utilizar diferentes mídias, que colaboram para a apropriação de um ambiente de comunicação, o computador e seus inúmeros recursos destacam-se como ferramenta de acesso apoiado por diferentes programas sociais do governo federal. Baseado nestes preceitos, o presente trabalho tem como objetivo analisar os principais desafios

que a inclusão digital impõe sobre os anos iniciais do Ensino Fundamental na educação pública, do ponto de vista das barreiras e vantagens para a sua implementação. Trata-se de uma pesquisa em que foi utilizado o método de revisão bibliográfica, que é desenvolvida com base em um material formado, geralmente, por livros, sites oficiais, publicações periódicas e artigos científicos.

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologias da Informação e Comunicação; Inclusão Digital; Ensino Básico

DIGITAL INCLUSION: LEARNING AND DEVELOPMENT WITH THE USE OF TECHNOLOGIES

ABSTRACT: Analyzing the growth in the computerization of services offered to today's society, the need for digital inclusion of citizens in this way of life is increasingly sought. When these technological resources are used, they must be appropriated from means where information and communication technology (ICT) is directed to enforce the inclusion of individuals in this cyberspace. In this way, the school presents itself as an environment capable of immersing such technologies in the service

of a teaching methodology in favor of the interaction of students in this information society, thus nullifying social differences not relevant to this process. When using different media, which collaborate for the appropriation of a communication environment, the computer and its countless resources stand out as an access tool supported by different social programs of the federal government. Based on these precepts, this paper aims to analyze the main challenges that digital inclusion imposes on the early years of elementary education in public education, from the point of view of the barriers and advantages for its implementation. It is a research in which the bibliographic review method was used, which is developed based on material formed, generally, by books, official websites, periodical publications and scientific articles.

KEYWORD: Information and Communication Technologies; Digital inclusion; Basic education

INTRODUÇÃO

O presente trabalho possui o seu foco no uso das tecnologias digitais em escolas públicas, mais especificamente sobre as aplicações web nos processos de Ensino e Aprendizagem. Portanto, o objetivo geral é analisar o impacto do uso de computadores, software e internet na educação, no sentido de propiciar o desenvolvimento dos educandos nas mais diversas dimensões, além de identificar alterações significativas no comportamento destes.

Dito isto, esta análise dos benefícios para o processo de ensino aprendizagem quando se usa o computador, software e a internet, verificou benefícios desde o momento em que houve a apresentação destes recursos aos alunos, ou seja, apresentação de softwares com as quatro operações básicas.

Estas afirmações situam-se no ensaio desenvolvido por meio de um experimento com um grupo de alunos do Ensino Fundamental II, na Escola Estadual Paulo Freire¹, situada em área urbana do município de Rio Branco, Acre, por meio do uso de um software no qual os alunos de uma turma de 6º Ano tiveram a oportunidade de exercer e conhecer as suas habilidades e conhecimentos na área de matemática, através de uma atividade prática sobre as quatro operações.

No primeiro momento exercitaram seus conhecimentos em uma atividade de cálculo sem dispor do auxílio de nenhum tipo de tecnologia e num segundo momento desenvolveram outra atividade similar, porém com a mediação de computadores com software e usaram o sistema da web para socialização do conhecimento. A execução desse experimento teve o intuito fornecer informações sobre o comportamento, atitude e desempenho dos alunos frente aos recursos tecnológicos no decorrer da execução dessa atividade.

A realização desse exercício de pesquisa deu-se por dois motivos: o primeiro, pela percepção de que, na rede pública de ensino, as escolas às vezes possuem os recursos tecnológicos (computadores, projetor multimídia, internet, etc.), e não são os utilizam ou aproveitam devidamente. É o caso dos professores e alunos. Neste sentido, acredita-se que um dos motivos seja o fato de tanto um quanto o outro não terem um conhecimento básico ou mediano sobre tecnologias aplicadas a educação.

¹ Nome fictício.

O segundo motivo parte do interesse de evidenciar que há benefícios reais quando ocorre a inclusão digital por meio de aplicações web e que estas podem trazer benefícios para o ensino-aprendizagem, além de apresentar a importância para os professores e alunos e a sociedade a qual estão inseridos, que as tecnologias estão presentes em todos os setores e ter o conhecimento sobre elas é de fundamental importância para se conseguir um bom desempenho no ensino e no mundo social como um todo.

AS TECNOLOGIAS E O SEU USO PEDAGÓGICO

O professor e a sua relação com o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) na prática pedagógica

A utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) em todos os espaços da sociedade está oportunizando as mais diversas possibilidades de conexão e transformação radical da forma como os cidadãos se apropriam do conhecimento.

De acordo com Behar (2013), em relação à educação escolar, essas mudanças estão ocorrendo de fora pra dentro. Por isso, a sociedade se modificou tecnologicamente e só, posteriormente as tecnologias foram introduzidas na escola, esperando “um novo perfil de instituição e a reformulação dos atores envolvidos, entre eles, gestores da educação, professores, monitores e alunos”.

Esse cenário atual requer um perfil diferenciado de educador, um profissional disposto a estar sempre se atualizando em relação ao uso das tecnologias nas suas ações de ensino. Na visão de Barragán (2017, p. 37), por exemplo,

As características que definem o conhecimento hoje, bem como as novas formas de relacionamento entre as pessoas e, principalmente, a expansão da aprendizagem permitida pelas mídias digitais e internet, nos permitem rever as possíveis respostas que atualmente damos para as questões como: O que aprendemos? Como aprendemos? Onde aprendemos? Com quem aprendemos?

Na era da informação e da comunicação, a formação continuada permite a reflexão sobre o que é aprender e o que é ensinar no século XXI, bem como a urgência em buscar novas metodologias. Assim, a formação continuada visa encontrar alternativas para o uso eficiente das tecnologias em sala de aula, promove reflexões acerca das inovações tecnológicas como facilitadoras do processo de ensino-aprendizagem, assim como fomentar o desenvolvimento de habilidades e competências digitais.

Sendo assim, faz-se necessária a formação de professores em TICs aplicadas à educação, pois este tema ainda é percebido como tabu por muitos educadores, que se sentem inseguros e veem a tecnologia com desconfiança.

O Horizon Report (NEW MEDIA CONSORTIUM, 2016, p. 24) destaca:

Para preparar os alunos para um mundo que utiliza cada vez mais tecnologia, atuais e futuros educadores precisam aprimorar continuamente suas habilidades em face de orçamentos reduzidos. A falta de educação adequada ao professor, relativas a competências digitais, é um desafio que está amplamente documentado.

Portanto, dos educadores destes novos tempos, espera-se um comportamento mais interativo, permeado por tecnologias digitais de informação e comunicação. Nesse sentido, a formação continuada permite a apropriação do conhecimento científico por parte dos educadores participantes, propicia a reflexão acerca da inovação das aulas a partir do uso das TICs, aproximando os estudantes de formas mais criativas em relação ao uso e manuseio dos conteúdos escolares, no sentido de otimizar a prática com o apoio dos instrumentos e recursos disponíveis nas escolas.

De acordo com Ferrari e Sotero (2017, p. 78),

Conforme surgem novas tecnologias, nascem também novas formas de aprender e assim novas competências são exigidas, novas formas de se realizar o trabalho pedagógico são necessárias e, fundamentalmente, é necessário formar continuamente o novo professor para atuar neste ambiente do processo de ensino- aprendizagem.

A Base Nacional Comum Curricular contempla o desenvolvimento de competências e habilidades relacionadas ao uso crítico e responsável das tecnologias digitais tanto de forma transversal, considerando todas as áreas do conhecimento e com objetos de aprendizagem variados, tendo como fim o desenvolvimento de competências relacionadas ao próprio uso das tecnologias, recursos e linguagens digitais, ou seja, para o desenvolvimento de competências de compreensão, uso e criação das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) em diversas práticas sociais, como está destacado na competência geral 5:

“Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.” (BNCC, 2018)

Em síntese, incorporar as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) nas práticas pedagógicas e no currículo como objeto de aprendizagem requer atenção especial e não pode mais ser um fator negligenciado pelas escolas.

A INFORMÁTICA EDUCATIVA COMO FERRAMENTA PARA O ENSINO

Pode-se caracterizar a informática educativa como uma ferramenta que possibilita ao docente a ampliação de suas possibilidades metodológicas em suas aulas. Os recursos digitais vêm tornando o processo de ensino e aprendizagem cada vez mais construtivo e dinâmico (BREZOLIN et al, 2018). E, segundo Teixeira (2017), com a informática torna-se possível melhorar a comunicação, realizar pesquisas, criar artes (desenhos), realizar cálculos, digitar textos, dentre outras possibilidades.

O computador pode trazer muitos benefícios e utilidades que podem ser empregados no processo pedagógico. A partir da sua utilização é capaz de tornar as aulas mais criativas, que despertam nos alunos a curiosidade e a vontade de aprender. A internet pode auxiliar no processo de aprendizagem em sala de aula ou fora dela. Além do aprendizado, a informática pode propiciar outros benefícios, como o desenvolvimento social, realização de atividades de forma prática, ambientes mais dinâmicos e ativos, motivação, criatividade, curiosidade e habilidades de comunicação (TEIXEIRA, 2017).

O surgimento da Informática Educativa tem repercutido transformações no fazer docente, que passa de transmissor e controlador de conhecimento para colaborador e orientador da aprendizagem, propiciando aos alunos maiores opções e responsabilidades em seu próprio processo de crescimento como estudante (Tajra, 2016).

Em complementaridade às mudanças no fazer docente, surgem as mudanças nos papéis dos estudantes, que passam de receptores passivos de informação para participantes ativos no processo de construção da própria identidade e aprendizagem, como produtores e aprendizes de conhecimento.

A informática já conquistou o seu espaço nas casas, nas instituições comerciais, entretenimento, indústria, agricultura, porém, ainda é necessário contextualizar o seu uso nas escolas, para despontar como possibilidade de ensino qualificado e capaz de aproveitar as capacidades de interação tecnológica entre alunos e professores.

Aliada ao computador, veio a internet facilitando a troca de experiências por meio virtual e todas as outras situações educativas, tais como o tira dúvidas ou a disponibilidade de materiais para estudo para quem está longe ou perto, geograficamente, permitindo que o professor possa ampliar as suas práticas, além de modificar o processo de avaliação e de comunicação com os alunos e com os seus pares.

Assim, a rede mundial de computadores e o próprio computador são considerados ferramentas que possibilitam grande exploração pedagógica, no entanto, o seu uso necessita de um planejamento cuidadoso e coerente com os objetivos que se quer alcançar.

O desenvolvimento de uma cultura da informatização é essencial na reestruturação da maneira como se dá a gestão da educação, a reformulação dos programas pedagógicos, a flexibilização das estruturas de ensino, a interdisciplinaridade dos conteúdos, o relacionamento dessas instituições com outras esferas sociais e com a comunidade como um todo (KENSKI, 2017).

As novas possibilidades e oportunidades ofertadas pela tecnologia e o uso da rede pela utilização da Informática Educativa, exigem transformações não apenas das teorias educacionais, mas na própria ação educacional e na forma como a própria escola e toda sociedade percebe a sua função na atualidade (PONTE, 2016).

É preciso usar o potencial das tecnologias e o alcance social que as escolas públicas possuem, pois não justifica ter laboratórios de informática com computadores novos e internet, se não há uma utilização racional e proveitosa destes espaços que são potenciais ambientes de pesquisa e produção de conhecimento pelos professores e estudantes.

São várias as correntes teóricas que chamam a atenção para a possibilidade de incrementar processos de ensino a partir das tecnologias, evidenciando que os computadores não apenas melhoram a aprendizagem escolar e que são ferramentas fundamentais nos processos de ensino e aprendizagem. O conhecimento não é mais estático, encontra-se situado em meio a uma dinâmica social intensa. A cada instante as tecnologias sofrem alterações e aperfeiçoamento.

Nesse contexto, Lévy (2019) assenta que o papel da informática não está voltado apenas para questões relativas à inteligência artificial, onde se concebem máquinas inteligentes e capazes de superar o homem, pois, há evidências que a inteligência coletiva, o saber e a utilização otimizada das competências são potencializados por meio das tecnologias digitais.

Dessa maneira, passa-se a uma nova forma de organizar os conhecimentos em tempo real, porém, à distância, propondo mudanças profundas na estrutura da escola e na forma de fazer educação. Fica evidenciado, portanto, que são necessárias novas proposições governamentais, principalmente, no sentido de incluir a informática educativa nas práticas concretas dos professores, que também terão que redesenhar seu papel e as suas responsabilidades (SANCHO, 2016).

APRENENDENDO NA/COM A WEB

Nos dias atuais, vive-se em uma sociedade muito engajada às tecnologias. Por toda parte é possível observar pessoas conectadas à internet, seja para se comunicar ou compartilhar informações utilizando as mídias digitais, principalmente os celulares.

Em razão dessa facilidade de comunicação para todos os fins, o número de usuários de mídias chegou a 2,5 bilhões de adolescentes, jovens e adultos. Porém, por causa de sua propagação acelerada os efeitos desse aumento significativo já estão contabilizados, tanto positivamente, quanto negativamente, devido ao uso que se faz, podendo inclusive ser a causa de problemas na saúde mental (MOROMIZOTO et al., 2017).

As ferramentas de mídias sociais vão muito além das proposições voltadas para os relacionamentos em geral nas redes sociais, por meio delas é possível obter informações, realizar pesquisas, ofertarem-se cursos em todos os níveis, realizar debates, enfim, são possibilidades infinitas.

De acordo com De Alvarenga Barros (2026), as tecnologias digitais auxiliam particularmente no aprendizado. Em relação ao Facebook, WhatsApp, Twitter, Instagram, Netflix e tantas outras redes de comunicação, estas chamam a atenção e causam estranhamento quando desconectam as pessoas por algum motivo, tendo em vista que há uma geração de jovens extremamente inserida nas tecnologias e isso pode influenciar de maneira problemática, caso não haja uma orientação correta (GALVEZ JÚNIOR, 2016).

Ao se conectar nas redes sociais, tem-se a sensação de que o tempo possui dimensões diferenciadas da realidade, geralmente esquece-se das horas visualizando, curtindo e publicando mensagens. Neste sentido, estas conexões são capazes de causar acúmulo e desordem no cotidiano.

Hoje, a utilização da internet é primordial, porém, seu uso deve ser racional e equilibrado, dessa forma trará benefícios, tanto na área profissional, quanto na pessoal, pois, as vantagens para quem utiliza as tecnologias da informação e comunicação (TIC) são muitas, e se forem difundidas nos ambientes educacionais, podem auxiliar bastante no desenvolvimento do trabalho docente com atividades, avaliações, dentre outras funcionalidades (GALVEZ JÚNIOR, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que, com o uso da tecnologia, tem-se agilizado praticamente todas as atividades cotidianas, desde o mais simples ato de comunicação aos mais complexos atos de resolução de problemas. A análise de dados e conteúdos sobre inclusão digital em escolas públicas, por exemplo, permitiu uma melhor compreensão acerca das necessidades de aprendizagem e dificuldades encontradas nos processos de desenvolvimento dos alunos, no sentido de percepção da falta de prática nas atividades concernentes as TICs.

Entretanto, é importante e essencial deixar em evidência a mudança na qualidade de vida que a tecnologia pode proporcionar à sociedade como um todo, possibilitando um exercício cognitivo diferenciado em relação à memória e atenção, além de facilitar a socialização entre pessoas de todas as idades e seus grupos familiares ou profissionais.

Porém, em análises mais aprofundadas, a análise de dados e conteúdos sobre inclusão digital permite uma melhor compreensão acerca das necessidades e dificuldades encontradas no processo de aprendizagem de novas informações relacionadas à tecnologia, de acordo com suas necessidades e potencialidades. Assim, o acesso para as novas tecnologias estará no alcance de todos públicos.

REFERÊNCIAS

Alexander B., ADAMS, S. & CUMMINS, M. (2016). *Digital Literacy: An NMC Horizon Project Strategic Brief*. Austin, Texas: The New Media Consortium. (Volume 3.3, October 2016). Retrieved July 18, 2022 from <https://www.learntechlib.org/p/182085/>.

BARRAGÁN, Luís. Discurso de aceptación del premio, p. 58-61, 1980. In: RIGGEN, Antonio Martinez. Luís Barragán: escritos e conversaciones. Madri: Ed. El Croquis, 2017.

BEHAR, Patrícia A. Competências em Educação à Distância. Porto Alegre: Editora Penso, 2013.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular – Brasília: MEC. 2018 c. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/aprofundamentos/193-tecnologias-digitais-da-informacao-e-comunicacao-no-contexto-escolar-possibilidades> Acesso em 05 de junho de 2022.

Brezolin, F., et al. (2018) “Dispositivo IoT lúdico para monitoramento de variáveis ambientais: Uma experiência de aplicação no ensino fundamental», In: Brazilian Symposium on Computers in Education (Simpósio Brasileiro de Informática na Educação-SBIE). p. 91

FERRARI; SOTERO. A educação na cultura digital. São José: Ilha Mágica, 2017.

GALVEZ JR, Paulo Eduardo. Impacto das Mídias Sociais no Processo de Ensino Aprendizagem. Revista Eletrônica Saberes da Educação – Volume 5 – nº 1 – 2014.

KENSKI, V. M.; MEDEIROS, R. A.; ORDÉAS, J. Ensino Superior mediados pelas tecnologias digitais. Trabalho & Educação, Belo Horizonte, v. 28, n. 1, p. 141–152, 2019.

LÉVY, P. As Tecnologias da Inteligência – o futuro do pensamento na era da informática, Rio de Janeiro: Editora 34, 2019.

MOROMIZATO, M. S. et al. O uso de internet e redes sociais e a relação com indícios de ansiedade e depressão em estudantes de medicina. Rev. bras. educ. med., Rio de Janeiro, v. 41, n. 4, p. 497-504, dez. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022017000400497&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 26 de junho de 2022.

Ponte, J. P. tecnologias de informação e comunicação na formação de professores: Que desafios? In: Revista Iberoamericana de Educación. Número 24. Pozo, J. I. (2016).

SANCHO, J. M.; HERNÁNDEZ, F. Tecnologias para transformar a educação. Porto Alegre: Artmed, 2016.

TAJRA, Sanmya Feitosa. Informática na educação. Novas ferramentas pedagógicas para o professor da atualidade. 2. ed. São Paulo: Érica, 2016.

Teixeira, É. A. “Os Impactos da Informática na Educação Infantil e na Sociedade”. 2017.

CAPÍTULO 3

COMO DECIDIR EM AMBIENTES ORGANIZACIONAIS COM NÚCLEOS DE COMUNICAÇÃO? ELEMENTOS, CONCEITOS E INTERFACES PARA UMA REFLEXÃO PRELIMINAR

Data de aceite: 01/04/2024

Boanerges Balbino Lopes Filho

Doutor em Comunicação pela UFRJ,
Professor Titular da Universidade Federal
de Juiz de Fora, UFJF-MG
Universidade Federal de Juiz de Fora,
UFJF/MG

RESUMO: Destaca-se no texto a ação profissional nas decisões diárias, especialmente em núcleos de comunicação, com elementos que passam pela seleção, escolhas, influência, persuasão e autoridade. As reflexões, ao envolver indivíduos e coletividades, dão ao ato decisivo o trato de consideração. Observa-se assim, a condição dialógica entre autores, que atentam para a busca acadêmica transdisciplinar, ao confluir conceitos e interfaces que abrangem áreas diferenciadas. Envolve-se com isso no percurso, condições relacionadas às emoções, incertezas, o think data, a pré-

suação, a análise preditiva e a emergência, a fim de permitir contribuição renovadora para posições e ações de pessoas e organizações perante a sociedade, inclusive no que tange ao consumo específico ou coletivo de ações comunicativas. Impulsionar e abrir trilhas para discussões futuras sobre tema tão instigante, bem como agir na realidade vigente de retrocessos, disruptões e mudanças também estão entre as possibilidades discutidas.

PALAVRAS-CHAVE: Decisão; Disrupções; Interfaces; Escolhas; Comunicação nas Organizações.

VIVER É DECIDIR?

A rigor, não tomamos decisões,
As decisões nos tomam a nós.

José Saramago

1 Entre as possibilidades de definirmos o período turbulento que atravessamos foi preciso “decidir”, inclusive sobre as palavras que compõem o título. O pensamento de Maria de Lourdes Baptista Quaresma, docente na área das Ciências da Conduta, da Universidade Nova de Lisboa e DEA (Diplôme d’ Études Approfondies) em Sociologia Urbana na Universidade de Nanterre, Paris X, de certa maneira auxiliou quando aponta que as questões do momento são radicais, pois, por um lado, nos colocam na incerteza face os erros que inevitavelmente iremos cometer, e por outro na necessidade de reconhecimento dos cometidos, quer conceituais, quer processuais, quer de avaliação de cada **ciclo de poder**. Assim sendo, diz a pesquisadora, o período fez emergir a falta de sentido ou múltiplos sentidos, contraditórios, avulsos, arbitrários que condicionam nossas vidas. Portal do Envelhecimento, publicado em 28/05/2020. Disponível em: <https://bit.ly/3ApfpQ0>

Relativa – no tempo e no espaço – pode ser a resposta à pergunta essencial que é feita neste início de texto e embasada a partir da denominada Teoria da Decisão², uma questão, segundo Monteiro Gomes (2006, p. 15), quase “hamletiana” e que assim se apresenta: como tomar uma boa decisão? Franca e pertinente, ainda mais associada ao enfrentamento dos desafios intelectuais análogos em nossa vida cotidiana, sustentado pelo doutor em física pela Universidade da Califórnia, Leonard Mlodinow.

De acordo com dados fornecidos em sua publicação em língua portuguesa, o livro “Elástico, como o pensamento flexível pode mudar nossas vidas”, em média consumimos hoje o surpreendente total de 100 mil palavras de novas informações por dia de diversas mídias – o equivalente a um livro de 300 páginas (MLODNOW, 2019, p.11). Se comparadas a algumas décadas atrás, tínhamos algo em torno de apenas 28 mil palavras. Mlodinow diz que essa proliferação de informações já foi uma tarefa simples e agora é uma jornada complexa e desconcertante numa selva de possibilidades. Mesmo diante dos avanços que o ser humano vem demonstrando em sua capacidade.

O emprego de revolucionárias técnicas de imagem de alta resolução e tecnologia de ponta dos computadores utilizadas pelo *Human Connectome Project*, do Instituto Nacional de Saúde dos EUA auxilia a exemplificar. Hoje, o cérebro tem muito mais subestruturas do que se imaginava. O projeto se baseou no estudo do córtex pré-frontal dorsolateral – área localizada próxima ao rosto. Evolutivamente, a última região cortical a se desenvolver no homem. Onde ocorrem processos mentais e cognitivos mais complexos -, 97 novas regiões cerebrais, diferenciadas tanto por estruturas quanto por funções. Com as exigências – e avanços – o autor reafirma a condição do pensar complexo para se viver no que ele denomina de era da turbulência. Período de mudanças aceleradas e transformadoras do ambiente de negócios, profissional, político e pessoal - do qual dependem o sucesso e a felicidade – para se chegar a bons termos de compreensão. O que de qualquer maneira permanece não sendo fácil, alerta Sigman (2018, p.60), pois as decisões que tomamos diariamente se resolvem quase sempre com base em informação incompleta e dados imprecisos, envolvidas muitas vezes no autoengano, ou desvirtuada pelos vieses cognitivos. A maioria das coisas que fazemos, por exemplo, a cada minuto, segundo o neurocientista Paul Whelan, da Universidade de Wisconsin, é praticada de maneira inconsciente (CAMARGO, 2013, p.36). Assustador, não? Em qualquer tipo de escolha – o colégio em que um pai vai matricular o filho, um ministro da Economia que resolve mudar a política tributária, uma ação comunicativa que pode transformar profundamente as diretrizes de uma organização ou um jogador que opta entre chutar ou fazer um passe em um momento crucial – só é possível esboçar de maneira aproximada as futuras consequências do que será – ou foi – decidido, uma certa conjectura sobre um futuro que é necessariamente impreciso. O que Sigman entende, de qualquer maneira, como extraordinário. Pois pode proporcionar descobertas.

2 Entenda-se, tomando-se como referência a linha de pensamento de Monteiro Gomes (2007), que aponta para o estudo dos paradigmas subjacentes à decisão e seus fundamentos analíticos, tendo como clareza a maneira como é empregada, ou seja, como sinônimo de “tomada de decisão”.

A surpresa é um elemento interessante pelo impulso que dá a criatividade. Mas ela anda nos faltando na contemporaneidade. Em parte pelo retrocesso ao pensamento linear em iniciativas organizacionais. Também não é percebida pelos Estados e estruturas governamentais ocupados transitoriamente por partidos conservadores associados às contradições presentes em vácuos proporcionados por sociedades em transformação que permeiam o mundo globalizado. No entanto, vez em quando, por lampejos, proporciona o despertar para ações e objetos que permitem o aguçar da curiosidade. Mesmo que a rota parta de uma condição preditiva e algumas de suas premissas e envolva o risco de ingressar em uma jornada-aventura onde as assimetrias ocultas não se mostrem com clareza de imediato e os riscos tragam implicações menos óbvias e, assumidamente desconfortáveis.

Felizmente, no caminhar existem desvios – ou vieses - que apontam para outras trilhas, ao menos inesperadamente úteis para possíveis reflexões preliminares, porém construtivas, a um diálogo e debate sempre necessários aos campos profissionais e acadêmicos, inclusive o de comunicação nas organizações. Nassim Taleb (2019, p.13) pontua sobre a possibilidade de compreensão dos mecanismos que se apresentam quando se arrisca a própria pele – e, consequentemente, arca-se com o próprio dano, pagando um preço se algo der errado. O que nos permite perceber sérios enigmas subjacentes a uma matriz da realidade de granulação fina, metáfora pertinente à situação. Ao aplicar como regra a condição do risco, Taleb diz que é possível reduzir, mesmo que pretensamente, os efeitos de algumas divergências que se desenvolveram com a civilização: a consequência e a intenção, o ético e o legal, o genuíno e o cosmético, o comprometimento e a sinalização e, de modo decisivo, o coletivo e o individual, esta última uma dimensão ligada às questões de comunicação e de como os membros de uma cultura podem perceber o que os de outra realizam devido as diferenças do denominado “viés cultural”, segundo Lanzer (2013, p.15). Uma vez encontrados os possíveis caminhos e suas bifurcações, são as decisões que nos levarão ou não ao objetivo, garante Cipriani (2011, p.48). Decidir ativa um processo mental complexo, de acordo com Cipriani, que envolve enfrentar do momento da percepção e da necessidade à obtenção daquilo que se deseja. A tomada de decisão depende das características e personalidade individual – e coletiva - e também da capacidade cognitiva de percepção daquilo que é vivenciado.

Tratar de um tema como a decisão é algo desafiador pois remete aos eventos que ocorreram, principalmente os disruptivos³, causas de marcas profundas na humanidade. Nos faz pensar, entretanto, em possíveis correções para aqueles que possam ocorrer mesmo que em condições ainda presentes e intensas de estagnação ou retrocesso, onde

3 O termo é aqui empregado no sentido é uma quebra ou descontinuação de um processo já estabelecido. Diz-se que algo é disruptivo quando interrompe, suspende ou se afasta do funcionamento normal. Entre os principais sinônimos de disruptão estão: ruptura, rompimento, divisão, suspensão e descontinuação. O termo tem sido frequentemente utilizado na atualidade e, especificamente, no contexto empresarial para se referir a inovações no mercado. Portanto, é comum hoje, autores empregarem denominações mais positivas como inovação disruptiva (ou mesmo disruptão tecnológica), fenômeno através do qual empresas se estabelecem no mercado oferecendo novas alternativas de produtos ou serviços.

a complexidade torna as decisões cada vez mais difíceis - como na separação entre joio e trigo (metaforicamente) -, ou seja, as boas ou minimamente satisfatórias escolhas, previsões ou decisões, envolvendo o presente e futuro. Matthews (2017, p.121) lembra que todo dia somos confrontados com tomadas de decisão, ou pelo menos com a necessidade de ter uma opinião sobre elas. Ressalta que muitas vezes, aquelas carregadas de pressão ou de uma traíçoeira mistura de probabilidades não muito claras, provocam incertezas e consequências graves, que podem paralisar as ações, o que faz com que gestores, inclusive da área de comunicação, em diversas ocasiões, decidam não decidir.

Uma analogia interessante para demonstrar que no âmbito das decisões, a comunicação é um sustentáculo básico, é apresentada por Costa (2014, p.37). Ilustra com a suposta quantidade de informações associada a uma garrafa. E relaciona a capacidade de armazenamento a um copo. No dia a dia, as organizações, diz Costa, viram a garrafa até ela ficar totalmente vazia. O copo, obviamente, é menor do que a garrafa, e transborda, desperdiçando boa parte do líquido. Assim, deixa claro que as instituições parecem não estar preocupadas em encher o copo, mas, sim, em esvaziar a garrafa. Ou seja, sem um fluxo de informações (gerado por boas ações comunicativas) que possa ser retido, tomar decisões fica mais difícil e falível.

Neurocientistas dão conta, ao tratarem do assunto, que as emoções são forças importantes que governam as principais decisões. E que, ao se incorporarem aos processos decisórios, assumem uma condição protagonista e revolucionária na atualidade. De acordo com Dana e Almeida (2017, p.143-148), pesquisas indicam que fatores viscerais como emoções negativas (ansiedade e medo), desejos (fome, sede e sexo) e sensações físicas (dor) são capazes de alterar as escolhas de forma veloz e irregular nas diversas manifestações de consumo. Eles citam alguns estudos como o do neurocientista português António Damásio, pesquisador da Universidade da Carolina do Sul com pacientes em tratamento ou recuperados de diferentes tipos de lesões cerebrais e o realizado pelo Facebook, em 2013, com mais de meio milhão de usuários da rede no qual a empresa direcionava o conteúdo das mensagens que apareceriam na timeline das pessoas. O estudo reduziu a quantidade de mensagens negativas para um grupo e de mensagens positivas para outro. Os resultados foram interessantes: os que visualizaram menos posts com conteúdo positivo passaram a postar mais conteúdo negativo. E os com menos conteúdo negativo, mais postagens positivas. O problema é que o experimento foi realizado sem que os usuários soubessem. Houve uma massiva reação negativa não só das pessoas, mas da imprensa também⁴.

O cientista americano Barry Schwartz (2004, p.58), argumenta que a abundância de opções pode também ser uma fonte de depressão e angústia pela sobrecarga e insatisfação. Faz com que deixemos de escolher ou escolhemos errado ao consumirmos.

4 Facebook é investigado por manipular emoções de usuários. Portal da Revista Exame. Publicado em: 02/07/2014. Disponível em: <https://bit.ly/3s3XGuw>

Bauman (2012, p.61) auxilia no raciocínio, ao afirmar que a infelicidade dos consumidores deriva do excesso e não da falta de escolha. De acordo com Schwartz, reduzir as opções, adotando regras que simplifiquem e agilizem a tomada de decisões, tem o efeito de mitigar o desconforto mental de avaliar tanta variedade. E Caldas (1999, p.310) chama a atenção para o fato de que se a escolha não é propriamente um ato de vontade entre as diversas alternativas que nos seriam autonomamente oferecidas, por outro, falhar em perceber que é uma escolha, significa – em última análise –, fazer uma opção. O autor afirma que (quase) inevitavelmente escolhemos um único tipo-opção – ou suas variantes -, o que apenas revela a incapacidade de se enxergar opções. Consequentemente, se não se percebe uma escolha, “então já escolhemos”.

Dados são sempre instigantes. Ainda mais quando se relacionam aos avanços do cérebro humano, elemento fundamental quando pensamos em aspectos que envolvem o processo decisório. Por exemplo: ao refletirmos que cada ser humano é responsável por uma média apenas de 5 a 15% das decisões que toma todos os dias (ASSAD, 2017, p.4). E para isso, utiliza (ou deveria utilizar) as 300 trilhões de conexões neurais em constante transformação. São entre 85 a 100 bilhões de neurônios – número total que varia de acordo com a projeção de um ou outro estudioso -, onde cada um deles possui de mil a dez mil sinapses, ou seja, elos responsáveis pela transmissão de um impulso nervoso de um neurônio para outro. O número de neurônios equivale a aproximadamente 15 vezes a população total presente no planeta. O cérebro possui 160 mil quilômetros de veias sanguíneas, o suficiente para quatro voltas ao redor da Terra. Nos faz pensar em desperdício, não? O neurocientista David Eagleman (2017, p.122), professor da Universidade de Stanford, diz que embora a neurociência faça parte da sua rotina, sente-se assombrado sempre que segura um cérebro humano. Independente, de seu peso médio substancial (de um adulto pesa menos de 1,5 quilo e parece uma gelatina firme), pensa constantemente que esse pedaço desinteressante de matéria parece estar sempre em desacordo com o processo mental que cria. Ele aponta que existem padrões cambiantes que se estabelecem pelas grandes extensões de território cerebral e quando um padrão vence o outro em disputas diárias, é o momento da tomada de decisão. Segundo Eagleman, o cérebro toma milhares de decisões em cada dia de nossas vidas, ditando a experiência no mundo: desde que roupa vestir à interpretação de um comentário, responder ou não a um e-mail, comprar um ou outro produto ou em que momento sair com alguém, bases de cada ação e pensamento. Quem cada um de nós é surge, de acordo com o pesquisador, das “batalhas” que assolam o cérebro pelo domínio do crânio em cada movimento ou momento da vida.

Mayer-Schönberger e Cukier (2013, p.2) relacionam o processo decisório contemporâneo aos dados. Atribuem a essa realidade presente – em que extrair volume, variedade, e valor da avalanche de informações cotidianas é fundamental para alterar mercados, criar novas ideias e impulsionar organizações – a denominação de Big Data, ou seja, a capacidade de uma sociedade de obter informações de maneiras diferentes

a fim de gerar ideias úteis e bens e serviços de valor significativo. Eles destacam que o Big Data relaciona-se com três importantes mudanças de mentalidade interligadas que se reforçam: a capacidade de analisar grandes quantidades de dados sobre um tema sem necessariamente contar com conjuntos menores; a disposição de aceitar a real confusão dos dados em vez de privilegiar a exatidão e o maior respeito por correlações do que pela contínua busca pela causalidade elusiva. Na prática, o segmento Big Data – termo surgido em 2005, auxilia a entender o comportamento das pessoas e, em muitos casos, a prever os mesmos: o que vai comprar, para onde vai, decisão que vai tomar, etc - apresentou crescimento no Brasil: em 2017, Big Data e Analytics movimentaram, juntos, 1,35 bilhão de dólares. Em 2019 deu-se um crescimento de 18%. À medida que o Big Data auxilia nas decisões, transforma as vidas – ao otimizá-las, melhorá-las, tornando-as mais eficientes e trazendo benefícios -, proporciona reflexões para algumas questões. Por exemplo: que papel resta para a intuição, a fé, a incerteza e a originalidade? Num mundo no qual os dados informam as decisões, o que resta para as pessoas é a intuição e a contrariedade dos fatos?

Mais recentemente, a etnógrafa Tricia Wang (2016, p.4), retomou o termo “*Thick Data*⁵”, no intuito de mapear territórios até então, segundo ela, desconhecidos. Segundo a pesquisadora, a partir de uma vivência de alguns anos junto a Nokia, quando as organizações querem saber o que elas ainda não sabem, os dados densos podem oferecer-lhos, pois fornecem algo que o Big Data explicitamente não faz - inspiração. O ato de coletar e analisar histórias (e outros dados qualitativos) produz insights, garante Tricia.

Os concorrentes velozes, a revolução algorítmica, antagonismos econômicos pelo mundo inteiro e outras forças são aquelas que podem alterar rumos de qualquer pessoa ou organização, aponta Charan (2019, p.17). Ele atribui a novidade do contexto ao que chama de “incerteza estrutural”, e a define como a maneira de um determinado mercado ou setor específico ser minado na estrutura, colocando-se em risco de redução ou até de extinção: curvas repentinas, que aparecem sem avisar, obscurecendo qualquer ideia de futuro. E sinaliza que aquele que tiver acuidade perceptiva para detectar, antes dos outros, as forças transformadoras, mentalidade para superar o medo de lidar com as incertezas e enxergar oportunidades num contexto de dúvidas, reunir agilidade, foco e determinação, tende a se destacar ou pelo menos superar com certa tranquilidade o período.

Sobre esta questão que envolve o ambiente que nos cerca, Goldsmith (2017, p.49-51) diz que a maioria segue pela vida sem perceber como o ambiente define o comportamento.

5 Alguns especialistas afirmam que o *Thick Data* é o contrário do Big Data, por se ater a um reduzido número de dados. Outros, garantem que se completam quando se trata de estratégia de negócio. O termo originou-se de *Thick Description*, presente nas obras de Gilbert Ryle. Traduzido como “Descrição Densa”, o termo é usado na Antropologia, e é disseminado pelo trabalho de Clifford Geertz, no livro “A Interpretação das Culturas”. Geertz utilizou o termo *Thick Description* para analisar significados tecidos pelo homem e presentes nas culturas. Geertz destaca a etnografia como método propício de entendimento dos sentidos e significados contidos em diferentes atos humanos como rituais e outras performances.

Quando sentimos ódio ao volante, em uma autoestrada com trânsito difícil, não é porque somos monstros sociopatas. É porque a condição temporária de estar atrás do volante de um carro, cercado por motoristas agressivos e impacientes, acaba por disparar uma mudança em nosso temperamento costumeiramente plácido. Inadvertidamente, nós nos colocamos em um ambiente de impaciência, competitividade e hostilidade – e isso nos altera. (GOLDSMITH, 2017, p.49)

Atribui também ao ambiente que nos cerca, a possibilidade de geração de um mecanismo ininterrupto de gatilhos – expressão cunhada por ele – cujo impacto sobre o comportamento é muito significativo para ser ignorado, pois é situacional e hiperativo na mudança de estrutura. O autor enfatiza que cada vez que se entra em uma nova situação – com seus quem, o quê, quando, onde e por quê específicos – um cerco se estabelece para uma nova configuração ambiental. E, com isso, as metas, planos e integridade comportamental correm riscos. Ou seja: a dinâmica é simples: um ambiente mutante muda constantemente qualquer pessoa. A alteração de apenas um fator, de vez em quando, também pode transformar o ambiente em um desastre. Ele cita o exemplo do apresentador americano David Letterman, que durante muito tempo conduziu o programa Latte Show. Ele abaixava a temperatura do ar para 12º antes de entrar no palco. Na década de 1980, ele fez algumas experiências e descobriu que suas piadas funcionavam melhor na temperatura escolhida, pois torna o som mais nítido e a plateia mais alerta.

Alinhavadas algumas das vertentes que se apresentam nesta parte do texto, mais perguntas surgem de maneira provocativa. De alguma maneira elas representam o conjunto do que o texto busca expressar como brechas para um possível avanço inicial ao debate: Por que motivos, afinal, estudar as decisões? Tentar entender o processo decisório humano (individual ou coletivo) remete a um desejo de resolver um enigma do comportamento humano e social, tal qual o que Maldonado (2017, p.15) persegue há mais de 20 anos e que denomina como um tempo da viagem em busca da região ignora, ou seja, a região desconhecida que nos guia e nos dá a ilusão de que somos nós a decidir. A pesquisadora italiana Francesca Gino (2014, p. 255) explica que de maneira predominante, esperamos que nossos objetivos e desejos funcionem como uma bússola que orienta as escolhas, mas, as decisões que necessariamente precisamos tomar para alcançar objetivos são geralmente desviadas por fatores sutis e imprevistos. E o que é mais preocupante, enfatiza Gino, é que geralmente não sabemos por que tomamos uma decisão que sabotou um plano importante. O que torna o desafio ainda maior em busca da grande dúvida e das subsequentes. Afinal de contas, somos intrinsecamente decisores e criadores, mas também criaturas que ao criarmos (ou recriarmos) tudo em que estamos diretamente envolvidos, demonstramos claramente que não aceitamos o caráter efêmero da existência. Duro (2015, p.16) aponta que foi por conta dessa não aceitação que inventamos, inclusive, as religiões, a filosofia e a ciência: para tentarmos compreender a vida e tudo que ela implica.

Sendo assim, ancorada a primeira questão, outras foram se somando conforme o exploratório avança. A investigação, centrada na condição revisional de parte da literatura vigente sobre o assunto vai sendo gradativamente desvelada em sua etapa primeira, ao permitir que pontos de vista interdisciplinares dialoguem dando voz aos autores que têm proporcionado reflexões produtivas a respeito da temática.

Como homens inteligentes, de posse de todos os seus meios, puderam tomar decisões que vão a tal ponto contra aquilo que eles procuravam obter e insistir nelas? Porque somos acometidos por um inevitável viés cognitivo, um padrão de julgamento, que nos leva a tomar decisões ou a interpretar evidências de forma tendenciosa, sem que percebemos o desvio? O que a intuição tem a ver com as decisões e escolhas? Qual o real papel da comunicação em decisões internas e externas - bem posicionadas - nas organizações? Como as decisões em momentos de crise podem ser utilizadas pela área de comunicação a fim de obter soluções? A preocupação com decisões intuitivas é apenas uma tendência momentânea nesse mundo líquido? As boas decisões são acidentais, ou existem princípios lógicos que guiam o raciocínio nos processos e ações comunicativas? Como lidar com as tendências cognitivas, falácia e heurísticas que provocam ilusões decisórias? Será que as boas intenções antecedem e se sobrepõem às consequências reais das decisões? Ou, contrário ao senso, será que os resultados efetivos detêm primazia em relação à pureza dos motivos? As novas e mal compreendidas implicações dos avanços da tecnologia de predição podem ser combinadas com a velha e bem compreendida lógica da teoria da decisão com o objetivo de fornecer insights que auxiliem a planejar a abordagem das organizações em contextos amplos e diferenciados?

Muito provavelmente será difícil respondê-las em sua totalidade em prazos tão exíguos ou em espaços limitados. Algumas permanecerão no prosseguimento da pesquisa, outras, não. Talvez determinadas questões ainda levem um bom tempo a serem respondidas. No conjunto, o importante, é que norteiam as indagações possíveis no momento, e em um futuro próximo vão permitir aprofundamentos necessários e proveitosos, junto a um tema tão mobilizador que se apresenta.

A COMUNICAÇÃO NO PROCESSO DECISÓRIO

Carregado de emoção, o ser humano
é capaz de fazer grandes coisas, revoluções.
E a emoção depende de uma boa história.
Quanto mais simples é a história, mais simples
é cativar o outro. Uma história muito simples
pode ter uma influência é muito grande.

Yuval Noah Harari (autor de *Sapiens* e *Deus*)

Em janeiro de 2014, a revista *Veja* publicou uma ampla reportagem onde citava psicólogos americanos que, ao estudar a vida de gerentes em grandes organizações, descobriram que eles chegam a tomar uma decisão a cada nove minutos. Projetando, são mais de dez mil decisões por ano, ou seja, dez mil possibilidades de acertar ou errar. Segundo Kestenbaum (2008, p.11), o pior é que não há como fugir: ou você decide ou alguém decide em seu lugar. O autor também cita um estudo da consultoria Internacional Kepner Tregoe, de 2000, sobre o processo de tomada de decisão no ambiente corporativo e destaca dele duas conclusões: A. Ficou comprovado que efetivamente a maioria dos profissionais em todos os níveis hierárquicos estava tomando mais decisões em menos tempo do que em períodos passados; B. Em função disso, foi detectada uma perda de qualidade nas decisões.

Diante da acirrada pressão do tempo no mundo contemporâneo, acentua Assad (2010, p.92), cada instante pode tomar as proporções de um “momento decisivo” para a história de seus personagens. Nessa trama, diz a autora, o destino de uma organização, se encontra na grandeza que uma decisão pode provocar para aprimorar ou abalar sua estrutura. Assad considera que o alicerce que sustenta uma decisão acertada é um sólido conhecimento sobre a conjuntura interna ou externa que envolve uma organização. “Diante da necessidade de mudanças, a flecha lançada e a palavra pronunciada devem convergir a fim de desencadear decisões positivas” (ASSAD, p.93).

Angeloni (2010, p.12), complementa que o decisor deve ter consciência de que o maior desafio não é o de obter dados, informações e conhecimentos, mas sim a aceitação de que no processo de codificação/decodificação, as distorções ocorrem e que existem formas para amenizá-las. Ela destaca a maturidade como um elemento fundamental na comunicação organizacional para a tomada de decisão. Ao citar pesquisadores como Capra, Sfez e Lindbom (1959, 1982 e 2002), Angeloni atribui uma convergência de pensamento no sentido de que para compreender o processo de decisão organizacional um dos primeiros passos é a identificação dos comportamentos comunicativos dos indivíduos envolvidos no processo decisório e sua complexidade. A pesquisadora e autora afirma que envolver um maior número de pessoas na tomada de decisão tende a resultados mais qualificados, amenizando as distorções ligadas a uma visão individual. Decisões tomadas por equipes heterogêneas, tendem a resultados de maior qualidade, pois permitem envolver pessoas com pontos de vistas e experiências diferentes, o que implica em decisões mais sólidas.

Scrofernecker (2008) afirma que em contextos organizacionais, lidar com imprevistos e situações cada vez mais desfavoráveis (e muitas vezes diante de decisões equivocadas geradoras de ações ilegais ou por meio de questionamentos quanto ao comportamento ético), as identidades, imagens e reputações correm risco de serem afetadas. Dessa forma, o crescimento e a multiplicação das ações e estratégias (que utilizam recursos e ferramentas da Comunicação), nos últimos anos, reforçam a necessidade e a importância de se construir significados que possam dar sentido e gerar vínculos, inclusive afetivos, entre a empresa e seus interlocutores.

Ferreira (2004, p.122), indica o oferecimento de “constelações” de informações – centros de gravidades a partir dos núcleos de comunicação ligados aos vínculos, diretos e indiretos, dados, conhecimentos etc – como maneira de um interagir permanente entre fontes e usuários, o que facilitaria a análise e tomada de decisões.

SISTEMAS COMPLEXOS

Eu me contradigo?

Pois bem, eu me contradigo

(sou vasto, contenho multidões)

Walt Whitman, Song of Myself

Então, o que vem por aí?, perguntam Ito e Howe (2018, p.12), ou, quem vai tomar a decisão certa rumo ao futuro?, indaga Eagleman (2012, p.23). Quais fatores podem influenciar o estado desejado ou as aspirações do consumidor?, questiona Mendez. Rever concepções, baseado no que acreditava o filósofo francês Michel Foucault, ou seja, na matriz de crenças, preconceitos, normas e convenções – um conjunto de regras que guiam o pensamento – talvez seja uma escolha intuitiva acertada para assentar preliminarmente algumas outras ideias vigentes sucedâneas. Ou levar em consideração que uma escolha e compra é uma resposta para um problema do consumidor, de acordo com Solomon citado por Mendez⁶, e que o processo de decisão abraça todo um campo teórico, o qual inclui atitudes, estilo de vida, percepção, e todo um leque de fatores motivacionais que influenciam, direta ou indiretamente, na correta tomada de decisão. De qualquer maneira, com todos os avanços, reconhecem Ito e Howe, o conjunto de ferramentas cognitivas atual ainda nos deixa mal equipados para compreender as profundas implicações derivadas dos rápidos saltos qualitativos em tudo, de comunicações, consumos a guerras. Mas também nos proporciona indícios de que os progressos pelas ideias, virão dos locais menos prováveis, já que os períodos de estabilidade têm ficado mais curtos e as mudanças e novos paradigmas têm surgido com frequência cada vez maior. E os sistemas complexos são também cada vez mais adaptativos com influências que passam pelos quatro botões que são a heterogeneidade, redes, interdependência e adaptações, o que pode provocar mudanças de regras com ocorrências imprevisíveis no espaço de poucos dias.

Alguns autores consideram, a partir das experiências do Media Lab (um dos laboratórios de pesquisas do MIT nos EUA) que hoje a atitude em prol da compreensão do processo decisório está muito mais para uma atitude “antidisciplinar” do que interdisciplinar, já que possibilita-se assim um movimento que explora outros espaços além da colaboração entre disciplinas. Acreditam, inclusive, que se são ações que podem constituir um novo

⁶ MENDEZ, Silmara Yurksaityte. Processo de decisão de compra e estratégias de publicidade. Disponível em: <https://bit.ly/2VzhiLo>

sistema, denominado emergência⁷, pois a vida em si – inclusive o cérebro – é uma propriedade emergente, aquela onde em si ocorrem uma infinidade de pequenas coisas, composta de habilidades e inteligências para além da soma de suas partes, proporcionando condições para a evolução da comunicação humana. Ito e Howe (2018, p. 104) dizem que aproveitar as oportunidades que o novo mundo, por vezes confuso e assustador, tem a oferecer requer dos que têm a responsabilidade das tomadas de decisão que trabalhem rapidamente, dispensando as camadas de permissões e aprovações exigidas pelo tradicional modelo de gestão de comando e controle.

Gestores também precisam compreender que a tomada de decisões está no centro da maioria das ocupações e que diante das incertezas que se multiplicam, tomar uma decisão implica - ou envolve - observar uma predição – que não é uma decisão, mas sim um dos seus componentes, junto com o julgamento, ação, resultados e três tipos de dados, ou seja, entrada, treinamento e feedeback, segundo Agrawal, Gans e Goldfarb (2019, p.81) – e agir. Fica ao final desta etapa, apesar das possibilidades de diálogo e interfaces até então, inevitavelmente, mais um questionamento, sob a inspiração da epígrafe deste tópico: será que ao entendermos melhor o ato de decisão e, consequentemente, o processo decisório, poderemos a partir daí, decidirmos sim, mas sempre pensando e até desconfiando daquilo que diz o trecho da letra de uma das canções intrigantes de rock do mundo contemporâneo, composta pelo Pink Floyd: “tem alguém na minha cabeça, mas não sou eu”?

REFERÊNCIAS

ABRANTES, Ana; SANMARTIN, Stela Maris. **Intuição e criatividade na tomada de decisões**. SP: Trevisan editora, 2017.

AGUILERA, J.C.; LAZARINI, L.C. **Gestão estratégica de mudanças corporativas: turnaround, a verdadeira destruição criativa**. SP: Saraiva, 2009.

AGRAWAL, Ajay; GANS, Joshua; GOLDFARB, Avi. **Máquinas preditivas, a simples economia da inteligência artificial**. RJ: Alta Books, 2019.

ALVES DE LIMA, Josimara. **Liderança e tomada de decisão na organização**. UNOESC, VIDEIRA, SC, 2012. Disponível em <https://bit.ly/2GJo0oh>

ANGELONI, Maria Terezinha. **Comunicação nas organizações da era do conhecimento**. SP: Atlas, 2010.

ASSAD, Alessandra. **Liderança tóxica**. RJ: Alta Books, 2017.

7 A ideia de emergência aqui é baseada no conceito apresentado por JOHNSON, Steven. 2003. Emergência – a vida integrada de formigas, cérebros, cidades e softwares. Como diz o autor, o conceito se define como o “movimento das regras de nível baixo para a sofisticação do nível mais alto”. (p. 14). Podemos assim dizer que as formas de emergência apresentadas no livro são as que têm a qualidade de se tornarem mais inteligentes, mais adaptáveis e mutantes ao longo do tempo.

ASSAD, Nancy Alberto. **As cinco fases da comunicação na gestão de mudanças**: como aplicar o conhecimento na sustentabilidade corporativa. SP: Saraiva, 2010.

BARRADAS, Gal. **Novas questões respostas diferentes, os desafios da comunicação nesta nova era, diante da natureza e da inteligência do consumidor**. RJ: Alta Books, 2018.

BARON, J. **Thinking and Deciding**. 3.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. **Isto não é um diário**. RJ: Zahar, 2012.

BAZERMAN, Max H. & MOORE, Don. **Processo decisório**. RJ: Campus, 2010.

CALDAS, Miguel P.; WOOD JR, Thomaz. **Transformação e realidade organizacional, uma perspectiva brasileira**. SP: Atlas, 1999.

CIALDINI, Robert B. **Pré-suasão, a influência começa antes mesmo da primeira palavra**. RJ: Sextante, 2017.

CIPRIANI, Fabio. **Estratégia em mídias sociais**. SP: Campus, 2011.

CHARAN, Ram. **Ataque! Transforme incertezas em oportunidades**. RJ: Alta Books, 2019.

COSTA, Daniel. **Não existe gestão sem comunicação**. Porto Alegre: Dublinense, 2014.

DANA, Samy; ALMEIDA, Sérgio. **Pode não ser o que parece**. RJ: Objetiva, 2017.

DAVEL, Eduardo; VERGARA, Sylvia Constant (orgs.). **Gestão com pessoas e subjetividade**. SP: Atlas, 2001.

DRUCKER, Peter. **Gestão management**. RJ: Agir, 2010.

DURO, Jorge. **Gestão de mudanças, como fazer a diferença**. RJ: Senac, 2015.

EAGLEMAN, David. **Cérebro, uma biografia**. RJ: Rocco, 2017.

_____ . **Incógnito, as vidas secretas do cérebro**. RJ: Rocco, 2012.

FERREIRA, Alípio do Amaral. **Comunicação para a qualidade**. RJ: Qualitymark, 2004.

FORNARI, Jorge. **O executivo na essência**: a genética do comportamento gerencial. SP: Évora, 2016.

GINO, Francesca. **À risca! Tomada de decisão, como não desviar da rota planejada e acelerar**. SP: Da Boa Prosa, 2014.

GLADWELL, Malcolm. **Blink, a decisão num piscar de olhos**. RJ: Sextante, 2016.

GOLDSMITH, Marshall. **O efeito gatilho**: como disparar mudanças de comportamento que levam ao sucesso nos negócios e na vida. SP: Companhia Editora Nacional, 2017.

GOMES, Luiz Flávio Autran Monteiro; GOMES, Carlos Francisco Simões; ALMEIDA, Adiel Teixeira. **Tomada de decisão gerencial**: enfoque multicritério. São Paulo: Atlas, 2002.

ITO, Joi; HOWE, Jeff. **Disrupção e inovação, como sobreviver ao futuro incerto**. RJ: Alta Books, 2018.

KAHNEMAN, Daniel. **Rápido e devagar, duas formas de pensar**. RJ: Objetiva, 2012.

KESTENBAUM, Normann. **Obrigado pela informação que você não me deu! Relevância, concisão e simplicidade na comunicação empresarial**. SP: Campus, 2008.

LEGAULT, Michael R. **Think! Por que não tomar decisões num piscar de olhos**. SP: Best Seller, 2008.

LEHRER, Jonah. **O momento decisivo**: o funcionamento da mente humana no instante da escolha. RJ: Best Business, 2010.

LEWIS, Michael. **O projeto desfazer**. RJ; Intrínseca, 2017.

MAIA, Midierson. **Thick Data é a nata do Big Data**. Webinsider, 2017. Disponível em: <https://webinsider.com.br/thick-data-e-nata-do-big-data/>

_____. **O cientista de dados deve interpretar, também, sentidos, cultura e significados**. Webinsider, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2V580k5>

MALDONADO, Mauro. **Na hora da decisão**: somos sujeitos conscientes ou máquinas biológicas? SP: Edições SESC, 2017.

MATTEWS, Robert. **As leis do acaso, como a probabilidade pode nos ajudar a compreender a incerteza**. RJ: Zahar, 2017.

MAYER SCHÖNBERGER, Viktor; CUKIER, Kenneth. **Big Data**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

McGEE, James; PRUSAK, Laurence. **Gerenciamento estratégico da informação**: aumente a competitividade e a eficiência de sua empresa utilizando a informação como uma ferramenta estratégica. RJ: Editora Campus, 1994.

MLODINOW, Leonard. **Elástico, como o pensamento flexível pode mudar nossas vidas**. RJ: Zahar, 2018.

MONTEIRO GOMES, Luiz Flávio Autran. **Teoria da decisão**. SP: Thomson Learning, 2007.

MOREL, Christian. **Erros radicais e decisões absurdas**: uma reflexão sobre a estrutura das decisões. RJ: Editora Campus, 2003.

MORITZ, Gilberto; PEREIRA, Maurício. **Processo decisório**. Florianópolis: SEAD/UFSC, 2006. Disponível em: <https://bit.ly/2I7sp6E>

PASETTO, Neusa Vítola; MESADRI, Fernando Eduardo. **Comportamento organizacional, integrando conceitos da administração e da psicologia**. Curitiba: InterSaber, 2012.

PEREIRA, Maria José Lara de Bretas, FONSECA, João Gabriel Marques. **Faces da decisão**: as mudanças de paradigmas e o poder da decisão. São Paulo: Makron Books, 1997.

RANADIVÉ, Vivek & MANEY, Kevin. **Dois segundos de vantagem**. RJ: Alta Books, 2013.

ROBBINS, S. P. E DECENZO, D. A. **Fundamentos de Administração**: conceitos e aplicações, São Paulo: Prentice Hall 2006.

RUSSO, J. Edward & SCHOEMAKER, Paul J.H. **Decisões vencedoras**: como tomar a melhor decisão, como acertar na primeira tentativa. RJ: Campus, 2002.

SCROFERNEKER, Cleusa Maria Andrade (Org.). **O diálogo possível**: comunicação organizacional e o paradigma da complexidade. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2008.

SENGE, Peter M. **A quinta disciplina, arte e prática da organização que aprende**. RJ: Best Seller, 2010.

SIEGEL, Eric. **Análise preditiva**: o poder de prever quem vai clicar, comprar, mentir ou morrer. RJ: Alta Books, 2017.

SIGMAN, Mariano. **A vida secreta da mente**. RJ: Objetiva, 2017.

SIMON, Herbert A. **A capacidade de decisão e liderança**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1963.

_____. **Comportamento administrativo**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1970.

SROUR, Robert Henry. **Decisões éticas nas empresas**: como e por que adotar. RJ: Alta Books, 2016.

SCHWARTZ, B. **The paradoxo of choice**: why more in less. NY:Ecco/HarperCollins Publishers, 2004.

TALEB, Nassim Nicholas. **A lógica do cisne negro**: o impacto do altamente improvável. RJ: Best Business, 2014.

_____. **Arriscando a própria pele**: assimetrias ocultas no cotidiano. RJ: Objetiva, 2019.

TETAZ, Martín. **Psychonomics**: como o funcionamento da mente ajuda a definir nosso comportamento consumidor. SP: Planeta, 2018.

WNG, Tricia. **Why big data needs thick data: ethnography matters – Medium 2016**. Disponível em: <https://medium.com/ethnography-matters/why-big-data-needs-thick-data-b4b3e75e3d7>

CAPÍTULO 4

AS MEDIAÇÕES CULTURAIS DA RÁDIO GOSPEL HORA NO COTIDIANO DE JOVENS OUVINTES DE CAMPO GRANDE-MS

Data de aceite: 01/04/2024

Fládima Rodrigues Christofari

Mestre em Comunicação Social pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Artes, Letras e Comunicação (FAALC) na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Bacharel em Jornalismo e Especialista em Comunicação Organizacional e Assessoria de Comunicação

Daniela Cristiane Ota

Doutora em Comunicação pela ECA-USP. Professora Associada do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Artes, Letras e Comunicação (FAALC) na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

RESUMO: A religiosidade é um importante fator de mediação social. Os números do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE/Censo 2010) mostram que mais de 20% da população é evangélica e as projeções são de que este grupo deve superar o número de católicos, religião predominante até o momento, na próxima década. A religiosidade não se limita aos espaços internos das igrejas, engloba todo

o comportamento social a partir da inserção dos fiéis em espaços de poder e nos meios de comunicação social. A partir desta perspectiva, esta pesquisa discutiu o uso de uma rádio gospel no cotidiano de jovens com idades entre 15 e 29 anos, de Campo Grande - MS. A emissora escolhida foi a rádio Hora (FM 92,3), de caráter comercial, que não possui vínculo com nenhuma denominação religiosa, o que lhe confere autonomia administrativa e a possibilidade de atingir um público mais vasto. Analisou-se as formas de consumo desta emissora pelo público selecionado e identificou-se como as principais mediações culturais que permeiam o cotidiano desses receptores: a identidade religiosa formada e fortalecida a partir da cotidianidade familiar, as narrativas de um movimento gospel cada vez mais próximo à cultura secular, as tecnicidades de uma emissora que se utiliza de todos os recursos audiovisuais para adentrar à rotina de seus ouvintes e as redes e fluxos de informação que fortalecem a cultura gospel. As análises foram realizadas utilizando o modelo teórico-metodológico de Jesús Martín-Barbero: o quarto mapa das mediações.

PALAVRAS-CHAVE: Rádio; Religião; Juventude; Cultura *Gospel*; Mediações.

THE CULTURAL MEDIATIONS OF RADIO GOSPEL HORA IN THE DAILY LIFE OF YOUNG LISTENERS IN CAMPO GRANDE-MS

ABSTRACT: Religiosity is an important factor in social mediation. Numbers from the Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE/Censo 2010) show that evangelical population is more than 20% and it should surpass the number of Catholics next decade, the predominant religion so far. Religiosity is not limited to the internal spaces of churches, it also encompasses all social behavior as of the insertion of the faithful in spaces of power, political participation and presence in social communication. From this perspective, this research discussed the use of a gospel radio in the daily lives of young people aged between 15 and 29 years, from Campo Grande-MS. The radio station chosen was Radio Hora (FM 92.3), commercial in nature, which has no connection with any religious denomination, which gives it administrative autonomy and the possibility of reaching a wider audience. The forms of consumption of this radio by the selected public were analyzed and it was identified as the main cultural mediations that permeate the daily lives of these receivers: the religious identity formed and strengthened from daily family life, the narratives of a gospel movement increasingly closer to secular culture, the technicalities of a broadcaster that uses all audiovisual resources to get into the routine of its listeners and the networks and information flows that strengthen the gospel culture. The analyzes were carried out using the theoretical-methodological model of Jesús Martín-Barbero: the fourth map of mediations.

KEYWORDS: Radio; Religion; Youth; Gospel Culture; Mediations.

INTRODUÇÃO

A relação entre mídia e religião não é nova no Brasil. Desde a popularização do rádio (década de 1930) e da televisão (década de 1960), diversas denominações religiosas passaram a utilizar os meios de comunicação para expandir suas mensagens. Mas, foi a partir de 1990 que o brasileiro se deparou com a presença cada vez maior de denominações católicas e evangélicas em estações de rádio de todo o país com uma programação que entremeava música religiosa, pregações, leituras bíblicas, notícias e informações de utilidade pública (PRATA *et al.*, 2014). Para as igrejas, a mídia eletrônica tornou-se eficaz para atingir o maior número de pessoas com menor esforço possível e, para os fiéis, ela representou uma extensão de sua religião (GOMES, 2010).

Cunha (2007) destaca que a criação e expansão das emissoras de rádio, a partir dos anos 1990, bem como canais de TV, gravadoras e produtoras evangélicas, colaboraram para o fortalecimento de uma cultura *gospel*¹ no Brasil.

O que ocorreu nos anos 90 no Brasil foi uma explosão do *gospel* como um movimento cultural religioso, de um modo de ser evangélico, com efeitos na prática religiosa e no comportamento cotidiano. Passou-se a experimentar vivências religiosas combinadas em contextos socioculturais os mais variados, o que torna possível uma unanimidade evangélica não-planejada sem precedentes na história do protestantismo no Brasil. Essas vivências são expressas por meio da música, do consumo e do entretenimento. (CUNHA, 2007, p. 86)

1 Significa “evangelho” em inglês. Está relacionada à cultura evangélica.

Dante deste contexto, surge o questionamento sobre a relação entre a recepção e o consumo desses meios de comunicação religiosos pelo público jovem, que, conforme Novaes (2011), estão predispostos a vivenciar suas próprias escolhas com independência, sem estar presos a instituições, mesmo quando recebem influências familiares. O interesse pela categoria juvenil se deve à forma como eles exploram, fazem novos arranjos e dão nova visibilidade ao conteúdo recebido (NOVAES, 2011).

Para além das desigualdades sociais e diferenças culturais, são os jovens que têm maiores chances de atualizar os novos sentidos e funções da religião na sociedade. A condição juvenil – socialmente compreendida enquanto momento do ciclo de vida de transferência para a fase adulta – favorece a experimentação dos novos sentidos da religião como fonte de imaginação simbólica. (NOVAES, 2011, p. 136)

A juventude brasileira - conforme a Lei nº 12.852/2013, denominada de Estatuto da Juventude - é composta por pessoas entre 15 e 29 anos de idade, subdivididas em: jovem-adolescente (15 a 17 anos), jovem-jovem (18 a 24 anos) e jovem-adulto (25-29 anos). Este é considerado um período de moratória social, ou seja, um momento de preparação e de transição para o futuro: a fase adulta (SOUZA; PAIVA, 2012).

A partir do questionamento inicial sobre quais seriam as mediações culturais presentes no cotidiano de jovens ouvintes de uma rádio *gospel*, esta pesquisa buscou compreender como se articulam as relações socioculturais entre a rádio *gospel* Hora FM 92,3 e os seus ouvintes jovens. Para isso, foi realizada uma análise do consumo da rádio Hora (FM 92,3), localizada em Campo Grande-MS com ouvintes com 15 a 29 anos de idade, que residem neste município, com condições socioeconômicas diversificadas e que professam diferentes tipos de fé. A emissora possui programação integralmente *gospel*, sem estar vinculada a uma denominação religiosa específica, podendo assim alcançar pessoas de diferentes perfis.

Contrapondo-se à tradição de teorias norte-americanas de que os meios de comunicação influenciam a opinião e os modos de vida das pessoas, o teórico Jesús Martín-Barbero, em uma de suas principais obras “*Dos Meios às Mediações*”, de 1987, ratificou que a comunicação não se reduz apenas aos meios, mas perpassa o dia a dia do receptor e interage com suas crenças, hábitos e costumes, ou seja, ela interage com a cultura cotidiana. Esse conceito foi denominado pelo autor como *Mediações*, que são “aqueles espaços, aquelas formas de comunicação que estavam entre a pessoa que ouvia o rádio e o que era dito no rádio” ou entre outros meios de comunicação existentes em cada tempo (MARTÍN-BARBERO, 2000, p. 154). Assim, o principal aspecto investigado neste estudo são as mediações culturais nas quais os jovens entrevistados nesta pesquisa estão inseridos.

Para a identificação dos jovens ouvintes da programação realizou-se uma busca por meio das redes sociais Instagram² e Facebook³ da rádio *gospel* e por meio do contato com pastores evangélicos. Foi realizada uma conversa inicial com alguns ouvintes e outros nomes foram indicados por eles sucessivamente. Na etapa preliminar desta pesquisa buscou-se identificar ouvintes da rádio Hora, inicialmente sem qualquer distinção etária e condição socioeconômica. A partir dos nomes coletados, iniciou-se o levantamento de ouvintes que pudessem atender à faixa etária entre 15 e 29 anos e que possuíssem diferentes perfis socioeconômicos para responder ao questionário.

A amostra de ouvintes selecionados considerou a diversificação de participantes entre faixa etária, renda familiar, dependência financeira familiar e a participação em igrejas. A seleção foi realizada considerando-se a maior diversidade etária e socioeconômica possível e a aceitação dos ouvintes em participarem da pesquisa. Como técnica de coleta de dados, optou-se pelo emprego do questionário com perguntas abertas e fechadas.

As ferramentas utilizadas para captação das respostas foram o WhatsApp⁴ (áudio e texto) e o Google Meet⁵ (videochamada), devido ao agravamento do número de casos de Covid 19 em Campo Grande no período selecionado⁶, o que impossibilitou a aplicação de questionários presenciais. Nesse aspecto, a coleta de dados ficou restrita ao contato somente por meios digitais devido às limitações e aos cuidados sanitários que a pandemia impôs a toda a população mundial. A análise foi realizada a partir da metodologia aplicada: o Quarto Mapa Metodológico das Mediações, de Jesús Martín-Barbero (2017).

A partir dos resultados, chegou-se à conclusão que a rádio Hora estabelece com esses jovens uma relação de fortalecimento da identidade *gospel*, construída – na maioria dos casos – desde a infância, por meio da cotidianidade familiar. Compreende-se também que os conteúdos da emissora geram integração entre públicos de igrejas históricas, pentecostais e neopentecostais a partir de narrativas universais que abordam fé, motivação e esperança para esse público. Identificou-se, ainda, a inserção de músicas *gospel* que se assemelham aos ritmos tocados em emissoras de rádio seculares, o que desperta o interesse da juventude em ouvir a rádio.

O RÁDIO E A CULTURA EVANGÉLICA

De acordo com o mais recente Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE/Censo 2010), houve um crescimento de 16 milhões de adeptos às religiões evangélicas no Brasil nos últimos 10 anos pesquisados. Em 2000, os cristãos-evangélicos representavam 15,4% da população, enquanto que em 2010 este grupo cresceu para 22,2% dos brasileiros. Em 1991, o percentual era de 9,0% e, em 1980, era de 6,6%. Ou seja, a religião cristã-evangélica foi a que registrou o maior crescimento nos últimos 30 anos.

2 Rede social interativa. Endereço eletrônico: www.instagram.com/radiohora/

3 Rede social interativa. Endereço eletrônico: www.facebook.com/RadioHora/

4 Aplicativo de mensagens instantâneas.

5 Serviço de comunicação por vídeo desenvolvido pelo Google.

6 Entre os meses de março e junho de 2021.

Entre as décadas de 1960 e 1980 a população brasileira era predominantemente católica. Mais de 90% das pessoas declararam pertencer a esta religião até o ano de 1979. Entre 1980 e 1991, mais de 80% da população continuava professando essa fé. Porém, o número de católicos começou a reduzir no Brasil a partir dos anos 2000, conforme demonstra o gráfico:

Religião	1970	1980	1991	2000	2010
Católicos	91,1	89,2	83,3	73,8	64,6
Evangélicos	5,8	6,6	9,0	15,4	22,2
Outras religiões	2,3	2,5	2,9	3,5	3,3

Tabela 1: Religiões do Brasil de 1940 a 2010, em porcentagem

Fonte: PIERUCCI (2004, p.20), adaptado com os dados do Censo Demográfico 2010 do IBGE.

A partir desta tabela, observa-se que houve uma redução gradual da hegemonia do catolicismo; em contrapartida, as igrejas evangélicas experimentaram um crescimento significativo nos últimos 50 anos. Se a tendência de 2010 for mantida, no próximo Censo do IBGE, o número de católicos poderá ser inferior à metade da população brasileira.

Em Mato Grosso do Sul, Estado do Centro-Oeste brasileiro, o Censo 2010 apontou que 26,5% da população é evangélica, sendo que 15,21% são evangélicos de origem Pentecostal; 5,08% de Missão e 6,21% são de igrejas evangélicas não determinadas. A população católica no Estado ainda permanece preponderante, com 59,42% da população.

Católica Apostólica Romana	59,42
Evangélica/ Evangélica de Missão	5,08
Evangélica de Origem Pentecostal	15,21
Evangélica não-determinada	6,21
Outras religiões cristãs	0,77
Espírita	1,9
Umbanda e Candomblé	0,15
Budismo	0,15
Outras religiões	2,58
Não determinada e múltiplo pertencimento	0,43
Sem religião	9,22
Não sabe	0,17

Tabela 2: Religiões de Mato Grosso do Sul, em porcentagem

Fonte: JACKS & TOALDO (2014, p. 206)

Esses números refletem, entre outros fatores, no investimento do segmento *gospel* nos meios de comunicação, especialmente no rádio, um veículo de baixo custo para aquisição e manutenção de equipamentos para a transmissão, com amplo alcance de propagação. Apesar dos católicos representarem o maior número populacional, observa-se que as igrejas evangélicas foram as que mais investiram no rádio em Mato Grosso do Sul.

	Rádio	Identificação	Frequência	Município
1	Coração	Católica Fundação Terceiro Milênio	FM 95,7	Itaporã e Dourados
2	Deus é Amor	<i>Gospel</i> Igreja Pentecostal Deus é Amor	AM 720	Dourados
3	Deus é Amor	<i>Gospel</i> Igreja Pentecostal Deus é Amor	FM 106,1	Sonora
4	Hora	<i>Gospel</i> Interdenominacional	FM 92,3	Campo Grande
5	Imaculada	Católica Associação Milícia da Imaculada	AM 580	Campo Grande
6	Nova (Rede Aleluia)	<i>Gospel</i> Igreja Universal do Reino de Deus	FM 99,1	Campo Grande e Terenos
7	Novo Tempo	<i>Gospel</i> Igreja Adventista	FM 97,3	Campo Grande

Tabela 3: Rádios religiosas de Mato Grosso do Sul

Fonte: Elaboração própria por meio de consulta aos portais Guia de Mídia de MS e Tudo Rádio. Acesso em 19 Jul. 2020.

RÁDIO GOSPEL HORA FM 92,3: O OBJETO DESTA PESQUISA

Diferente das demais rádios religiosas localizadas em Mato Grosso do Sul, a rádio *gospel* Hora - objeto desta pesquisa - possui características de uma rádio comercial segmentada ao público religioso. Mesmo com uma programação integralmente *gospel*, sua principal diferença é não possuir vínculo administrativo-financeiro com nenhuma denominação religiosa, sendo assim, pode ser considerada receptível a todas as correntes religiosas. Os recursos para administração da programação provêm da venda de anúncios comerciais e sua inserção nas mídias sociais reflete uma nova fase vivida pelo rádio brasileiro: a convergência tecnológica (BIANCO, 2012) e midiática (JENKINS, 2009).

A emissora é descendente da rádio Cultura AM, a segunda emissora implantada em Campo Grande, inaugurada em 1949. Em 1969 foi integrada ao grupo Correio do Estado⁷ sob a responsabilidade do empresário José Maria Hugo Rodrigues e sua direção passou por sucessões familiares até que em 2009 ficou sob a direção de Luciano Barbosa Rodrigues (TELLAROLI, 2015).

No dia 1º de agosto de 2017, ainda em AM, Luciano decidiu transformar essa rádio histórica em uma rádio *gospel* interdenominacional, segundo depoimento a esta pesquisa, motivado por um posicionamento pessoal e mercadológico:

7 Compõem o grupo: o jornal impresso e online Correio do Estado, e as rádios Mega FM 94,3 e Hora FM 92,3.

Esse formato nasceu em cima de uma decisão comportamental minha por eu ser evangélico, por eu ter uma palavra e uma missão internamente de levar os valores cristãos ao maior número de pessoas possível e por uma questão mercadológica porque hoje os evangélicos já são quase 40% da população e como a gente fez uma rádio não evangélica, mas 100% *gospel*, então a gente leva muitos católicos, muitas pessoas que querem uma informação e uma música bacana que leve uma boa mensagem. (RODRIGUES, 2020).

O diretor informou que a proposta editorial da rádio é a de comunicar valores cristãos, a partir de mensagens que abordem fé, amor, paz, esperança e serenidade. O jornalismo não pauta tragédias, mortes ou acidentes. As pautas são relacionadas a assuntos de prevenção e informações que a direção considera de utilidade para o público no geral, tais como: campanhas de saúde e temas relacionados à educação, economia, esportes, cultura e política. O nome da rádio é uma redução de “Homem Ora” (Hora) e foi sugerido por uma agência de publicidade, por ser um nome curto e que se refere à lógica religiosa, conforme explicou o diretor:

É uma rádio que conecta o homem com a oração. A nossa visão é nos consolidar em Campo Grande e em Mato Grosso do Sul como um veículo de referência dos valores cristãos e adaptar a rádio aos novos tempos: uma rádio com imagem, uma rádio na internet ouvida e vista pelo mundo inteiro. E, principalmente, pregar um jeito e uma maneira de se portar. (RODRIGUES, 2020).

A estimativa da direção é que o alcance da rádio seja de um milhão de ouvintes em Mato Grosso do Sul, mas não há uma pesquisa de audiência que confirme esse número e que clarifique qual é o perfil socioeconômico do ouvinte da rádio Hora.

Sua transição para o modelo FM ocorreu no dia 16 de abril de 2018. Além da sintonia radiofônica, a emissora está presente nas mídias sociais mais utilizadas atualmente: Facebook, Instagram e Youtube. No final do ano de 2020, a rádio emissora seu aplicativo para que os ouvintes pudessem acompanhar a programação pelo celular.

A PROGRAMAÇÃO DA RÁDIO HORA

Os principais programas da emissora vão ao ar de segunda a sexta-feira, das 5h às 18h, aos sábados das 7h às 18h e aos domingos das 7h às 12h. A maioria dos locutores não são pastores, ou seja, são comunicadores com formação universitária, e o conteúdo da programação é eclético e característico por veicular valores da fé cristã. No período noturno há dois programas produzidos e apresentados por denominações religiosas, são eles: A Voz da Libertação, da Igreja Pentecostal Deus é Amor, apresentado de segunda a sexta-feira, das 18h às 19h; e o Noite com Deus, da Igreja Assembleia de Deus de MS, às quartas-feiras, das 21h às 22h.

Um culto neopentecostal é transmitido diariamente das 20h30 às 21h pelo pastor Josiel Santos, líder da igreja que leva o mesmo nome do programa: Hora Profética. O pastor

recebe pedidos de oração e de intercessão pelos ouvintes e realiza a chamada benção da água, na qual o espectador é convidado a deixar um recipiente com água próximo ao rádio para receber a benção conduzida por ele.

No domingo, a emissora retransmite o programa Palavra e Viola, produzido pela Rádio Trans Mundial⁸ e apresentado pelo artista *gospel* Vitor Quevedo. Trata-se de um programa de 15 minutos com músicas sertanejas cristãs, no estilo da música caipira raiz, com leituras e reflexões bíblicas. Há ainda a Voz do Brasil, da Empresa Brasil de Comunicação (EBC) - programa de notícias nacional com veiculação diária obrigatória em todas as rádios do país.

ANÁLISE DAS MEDIAÇÕES CULTURAIS DA RÁDIO HORA NO COTIDIANO DE JOVENS OUVINTES DE CAMPO GRANDE-MS

Contrapondo-se à tradição de teorias norte-americanas de que os meios de comunicação influenciam a opinião e os modos de vida das pessoas, o teórico Jesús Martín-Barbero, em uma de suas principais obras “Dos Meios às Mediações” (1987), observou que a comunicação não se reduz apenas aos meios, mas perpassa o dia a dia do receptor e interage com suas crenças, hábitos e costumes, ou seja, ela interage com a cultura cotidiana. Esse conceito foi denominado pelo autor como Mediações, que são “aqueles espaços, aquelas formas de comunicação que estavam entre a pessoa que ouvia o rádio e o que era dito no rádio”, ou entre outros meios de comunicação existentes em cada tempo (MARTÍN-BARBERO, 2000, p. 154). Dessa forma, o autor referiu-se aos meios de comunicação social como um dos atores do processo comunicativo, mas não o principal, nem o fundamental, a ponto de influenciar as atitudes e os comportamentos dos receptores.

Para discutir o cotidiano dos jovens entrevistados e o consumo da rádio *gospel* Hora foi utilizado o Quarto Mapa Metodológico das Mediações, também chamado de Mapa das Mutações Culturais e Comunicativas Contemporâneas (JACKS et al, 2019). Segundo Lopes (2018), o conceito de Mediações, cunhado por Jesús Martín Barbero, remete a uma noção móvel que acompanha as transformações da sociedade, especialmente no âmbito da comunicação. Essa perspectiva teórica abrange o espaço do receptor, que é onde se entrelaçam as relações entre a produção e a esfera social onde a mensagem se estabelece e é interpretada. A proposta de Jesús Martín-Barbero caracteriza-se pela interdisciplinaridade com outras áreas do pensamento e múltiplas abordagens teóricas. O mapa das mediações relaciona a comunicação ao cotidiano e aos modos de vida da sociedade (JACKS, 2019).

Os mapas das mediações de Jesús Martín-Barbero, datados de 1987, 1988, 2010 e 2017, não substituem um ao outro, mas se complementam. Nesse sentido, identificou-se o

8 Rede mundial de rádios cristãs. Disponível em <https://www.transmundial.org.br/nossa-historia>. Acesso em: 20 nov. 2021

objeto deste estudo, a rádio Hora, como um formato industrial – presente no primeiro mapa, para articulá-lo aos eixos e mediações presentes em sua versão atual (2017).



Figura 1: Quarto Mapa Metodológico das Mediações: Mutações Culturais e Comunicativas Contemporâneas - 2017

Fonte: LOPES, 2018, p. 58

ANÁLISE A PARTIR DO QUARTO MAPA DAS MEDIAÇÕES DE JESÚS MARTÍN-BARBERO

A aplicação dos questionários com os jovens ocorreu nos meses de março a junho de 2021, quando o Brasil enfrentava a pandemia pelo Coronavírus⁹, que modificou o cotidiano das famílias. As aulas continuaram a acontecer de forma remota, as escolas públicas disponibilizaram apostilas para que seus alunos fizessem as atividades em casa e entregassem em datas estipuladas. Muitos deles tinham acesso precário à internet, o que impedia a participação em aulas online. Outro desafio da pandemia foi manter-se mais tempo em casa, o que possibilitava maior contato desses jovens com os meios de comunicação social, especialmente voltados ao entretenimento.

Em maioria nesta amostra, o perfil dos jovens ouvintes da rádio Hora são de evangélicos, moradores de bairro periféricos (com localização de até 14km do centro de Campo Grande) e com renda média familiar entre 3 a 5 salários mínimos (entre R\$ 3.300 e R\$ 5.500). A maioria provém de famílias com até quatro pessoas no domicílio. Todos, mesmo os de menor faixa etária, estavam desenvolvendo alguma atividade laboral concomitante com os estudos no momento da pesquisa, ainda que tais atividades fossem para auxiliar os familiares em seus ramos de atuação e não empregos formais.

9 A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou, no dia 11 de março de 2020, que o Brasil se encontrava em uma Pandemia de Covid-19, doença causada pelo vírus Coronavírus. Pandemia refere-se à disseminação mundial de uma nova doença.

Quando houve o início da pandemia e dos trabalhos no modelo *home office*, a audiência do rádio subiu em 17% no país (KANTAR, 2020). A participação religiosa não ficou impedida neste período, pois as igrejas foram consideradas atividades essenciais e puderam ficar abertas respeitando limites de horários e de lotação. Desta forma, os integrantes da pesquisa tiveram restrições de acesso a entidades de ensino e a circulação em grupos sociais que não fossem religiosos. A temporalidade advinda com a pandemia deixou os jovens com poucas possibilidades de socialização. O trabalho (no caso daqueles que possuem), a família, o estudo individual, as atividades religiosas e o acesso a tecnologias de comunicação foram as ações mais comuns dos jovens nessa época.

Nome	Idade	Escolaridade	Religião	Nº de pessoas na residência	Renda Familiar	Bairro	Trabalho ou outras ocupações
Brayan	15	9º EF	Evangélico (Igreja Universal do Reino de Deus)	12 (Ele, a mãe, irmãos e cunhados)	De 1 a 2 salários mínimos	Portal Carobá	Auxilia a mãe a coletar recicláveis
Leilane	17	3º EM	Evangélica (Igreja Batista)	4 (Ela, a mãe, o pai e o irmão)	Mais de 5 salários mínimos	Jardim Carioca	Freelancer em fotografia
Giovana	18	3º EM	Evangélica (Igreja Nova Família)	4 (Ela, a tia, a irmã e a prima)	De 1 a 2 salários mínimos	Nova Jerusalém	Auxilia a tia a cuidar de crianças
Igor	18	ES (cursando)	Católico (Paróquia Cristo Rei)	5 (Ele, a mãe, o padastro e duas irmãs)	De 3 a 5 salários mínimos	Coophavila II	Auxiliar administrativo
Amanda	20	ES (cursando)	Evangélica (Congregação Cristã no Brasil)	2 (Ela e o esposo)	De 3 a 5 salários mínimos	Piratininga	Designer de sobrancelhas
Fiamma	22	EM	Cristã (Não se identifica com uma determinada religião)	2 (Ela e o pai)	De 1 a 2 salários mínimos	Vila Popular	Operadora de caixa
Denise	22	ES (cursando)	Católica (Comunidade Cristo Bom Pastor)	3 (Ela, a mãe e o pai)	De 3 a 5 salários mínimos	Jardim Tarumã	Estagiária
Leonardo	24	ES (cursando)	Católico (Paróquia Nossa Senhora das Graças)	4 (Ele, a avó, a mãe e a prima)	De 3 a 5 salários mínimos	Santo Antônio	Técnico em informática
Ronan	25	ES (cursando)	Evangélico (Igreja Nova Família)	4 (Ele, a esposa e as duas filhas)	De 3 a 5 salários mínimos	Jardim Itamaracá	Apontador de produção
Larissa	27	ES (cursando)	Evangélica (Igreja Batista)	5 (Ela, a mãe, o pai e duas irmãs)	Mais de 5 salários mínimos	Jardim Imá	Consultora de Cosméticos
Caio	27	ES (incompleto)	Evangélico (Igreja Batista)	5 (Ele, a mãe, o pai e dois irmãos)	Mais de 5 salários mínimos	Centro	Consultor de Cosméticos
Isa Ludmila	29	EM e curso técnico	Evangélica (Igreja Adventista da Promessa)	4 (Ela, o esposo e duas filhas)	De 3 a 5 salários mínimos	Jardim Tarumã	Técnica em enfermagem

Tabela 4: Apresentação dos jovens participantes da pesquisa

Fonte: Elaboração própria¹⁰.

10 Os jovens entrevistados assinaram um termo de autorização para a divulgação de seus nomes, bem como das

Brayan (15 anos) é o que apresenta maior tempo de exposição ao conteúdo gospel, escuta da rádio todos os dias, durante a maior parte do seu dia, e frequenta a igreja cerca de quatro vezes por semana. Na pandemia sua sociabilidade ficou restrita ao ambiente familiar e à igreja, bem como a exposição ao conteúdo da rádio Hora. Já Leilane (17 anos), se dedica à preparação para o vestibular, escuta a rádio diariamente pela manhã, frequenta a igreja somente aos domingos e possui sociabilidade, na modalidade virtual, com amigos de diversas religiões.

Giovana (18 anos), ouvinte da rádio no horário matutino, estuda o ensino médio, auxilia a tia (responsável por ela) a cuidar das crianças de sua vizinha e chega a ir à igreja três vezes por semana. Igor (18 anos) trabalha como auxiliar administrativo durante o dia, faz aulas online da faculdade durante à noite e vai à igreja apenas aos domingos, é ouvinte assíduo no início da manhã e no horário de almoço. Amanda (20 anos) é autônoma, possui seu próprio estúdio de design de sobrancelhas e trancou a faculdade durante a pandemia, escuta a emissora em horários diferenciados do dia. Fiamma (22 anos), concluiu o ensino médio, é operadora de caixa e não frequenta nenhuma igreja, ouve a emissora em horários alternados e relatou que é o único meio que a conecta com a sua espiritualidade. Denise (22 anos), faz estágio durante o dia, realiza atividades da faculdade e frequenta a igreja aos domingos, escuta a rádio Hora enquanto dirige. Leonardo (24 anos), trabalha durante o dia como técnico em informática, faz faculdade à noite no modo semipresencial e frequenta a igreja aos domingos, escuta a rádio durante o seu expediente.

Ronan (25 anos), trabalha durante o dia, faz as atividades da faculdade à noite, possui duas filhas gêmeas de 8 anos de idade e frequenta a igreja até quatro vezes por semana. Larissa (27 anos), estuda, trabalha em horários flexíveis e vai à igreja aos domingos. Caio (27), estuda, trabalha em horários flexíveis, ajuda os pais em um comércio e vai à igreja aos domingos. Isa (29 anos), possui escalas de 12 horas seguidas de trabalho em hospital, possui duas filhas de 6 e 3 anos de idade e frequenta a igreja em sábados alternados. Todos escutam a rádio Hora durante seus deslocamentos e durante o expediente.

Três dos doze entrevistados não eram evangélicos. Igor (18) frequentou a igreja evangélica quando criança com seus pais que eram adventistas, com a separação deles passou a frequentar com a mãe a igreja Quadrangular. Aos 15 anos de idade, sua mãe casou-se novamente e a nova família constituída passou a frequentar a igreja católica. Denise (23) é de família predominantemente católica e nunca mudou de religião. Leonardo (24) frequentou a igreja Internacional da Graça com a mãe, mas aos 13 anos de idade passou para a religião de sua avó, a católica.

Fiamma (22), de nacionalidade argentina, não estava frequentando nenhuma igreja no momento da aplicação do questionário, ela participou de um grupo de jovens da igreja Batista e conheceu a rádio Hora no evento Marcha para Jesus em 2019. A jovem se afastou da igreja em 2020, mas continuou sendo ouvinte frequente da emissora.

informações obtidas para esta pesquisa.

Leilane (17), Giovana (18) Amanda (20), Larissa (27) e Isa (29) são protestantes de berço, ou seja, desde o nascimento foram levadas à igreja, sendo que os pais ou familiares próximos são as principais referências individuais para a participação religiosa. Ronan (25) e Caio (27) tornaram-se evangélicos há menos de cinco anos. Ronan se declara como “convertido”, ou seja, passou a frequentar uma religião evangélica, segundo ele, por influência da esposa. Caio é de família católica, mas passou a igreja Batista com a noiva Larissa, porém, não fez o batismo que é o ingresso oficial na igreja.

Esses entrevistados estavam imersos em uma cultura cristã, sendo que a maioria professa o protestantismo em suas diferentes denominações. Apenas três deles são católicos e uma afirmou não seguir uma denominação religiosa. Os participantes desta pesquisa apresentaram, em sua maioria, a imersão na cultura cristã-evangélica desde a infância, motivados pela educação familiar recebida. A relevância que dão às informações que circulam variam muito conforme a idade – que confere maior ou menor dependência familiar – e de acordo com o tipo de inserção na educação formal, o tempo de exposição à emissora *gospel* e a participação em outros grupos sociais.

A seguir, foram reunidas algumas observações quanto às espacialidades identificadas a partir das respostas dos jovens:

- a. Espaço habitado: é o espaço do território ao qual pertencem. A pesquisa se limitou à capital Campo Grande. Dentre os participantes, os jovens Brayan, Leilane, Giovana, Igor, Fiamma, Denise, Ronan e Isa habitam o território dos bairros mais distantes do centro da cidade, entre 10 e 14km de distância. Enquanto Larissa e Leonardo estão a cerca de 5km da região central. O único morador do centro da cidade é Caio. A localização dos participantes infere sobre o poder aquisitivo, tempos de deslocamentos para atividades sociais (trabalho, escola, cursos) e de lazer e acesso às tecnologias, tal como explicam Felippe *et all*:

Um habitante que reside no subúrbio de uma cidade, para viver sua vida utilizará numerosos recursos e competências espaciais para se locomover, organizar e melhorar sua vida, estabelecer sua relação com o bairro onde vive, entre outros (Felippi et all, 2019, p. 97, tradução própria).

- b. Espaço produzido: discute as tecnologias de comunicação e espacialidades possibilitadas por elas como conexão de territórios, mas também como o isolamento e a fragmentação do público consumidor (FELIPPI *et all*, 2019). A utilização das redes sociais - que socializa o usuário com mundo e ao mesmo tempo em que o isola de quem está a seu entorno – foi citado por quase todos os jovens participantes desta pesquisa. O único entrevistado que não as utiliza com frequência é o Brayan pela dificuldade de acesso à internet. O rádio e a TV também são citados pelos jovens pela presença na rotina vivida na totalidade dos entrevistados.

- c. Espaço imaginado: é o espaço nacional, aquele imaginado pela população que ele reúne com suas normas e leis particulares, que servem para manter uma certa “coesão” entre os humanos que nele habitam (FELIPPI *et all*, 2019, p. 105, tradução própria). Dessa forma, os jovens habitam as leis e normas nacionais e preservam os ensinamentos que são transmitidos pelas religiões que seguem, além da educação familiar, formada a partir do nascimento.
- d. Espaço praticado: representa o espaço da cidade moderna, construídos por trajetos, usos e apropriações que os habitantes fazem dele (FELIPPI *et all*, 2019).

A espacialidade se decompõe em múltiplos espaços: o espaço habitado, do território feito de proximidade e pertencimento; o espaço comunicacional que tecem as redes eletrônicas; o espaço imaginado da nação e de sua identidade; o espaço praticado da cidade moderna, com a subjetividade que emerge das novas relações com a cidade e dos modos de sua apropriação. (LOPES, 2018 p. 57).

Os ouvintes, habitantes destes espaços, deparam-se com uma série de mensagens e informações diariamente. A rádio Hora elaborou caminhos e estratégias comunicativas para estar presente no ambiente dos ouvintes, tais como: a presença na internet – por meio do site e dos canais oficiais no Facebook, Instagram, Youtube -, e com a criação de um aplicativo para celular. Ou seja, não é mais necessário estar com o aparelho de rádio tradicional ligado em casa para consumir o conteúdo da rádio, atualmente é possível escutá-lo em qualquer ambiente.

Seguindo o eixo “Sensorialidades-Tecnicidades” do mapa metodológico de Martín-Barbero verificou-se a relação entre os meios de comunicação consumidos pelos jovens na diversidade de plataformas digitais que acessam no dia a dia e a relação desses meios com suas práticas. Ao serem questionados sobre os meios de comunicação que acessam no cotidiano para se informar e se entreter, muitos se lembraram das mídias sociais digitais, que trazem conteúdos informativos de sites de notícia e também conteúdos voltados ao entretenimento.

Dentre as respostas destacou-se a importância das mídias sociais como canais de encurtamento de distâncias entre o conteúdo que desejam acessar e suas rotinas. Seu acesso é fácil, instantâneo e está na palma da mão. Os jovens ouvidos entendem que a informação está por toda parte: nas rádios, TVs, sites e nas redes sociais. Quando possuem interesse maior em algum assunto fazem suas próprias buscas para comprehendê-lo. A jovem Larissa afirmou no questionário aplicado que “se tem alguma notícia muito específica eu vou atrás, no Google, pois, para o dia a dia, no Instagram já tem”.

Quanto às respostas sobre os meios utilizados para entretenimento eles citaram os nomes de canais de streaming, canais de música e de vídeos, além das redes sociais e do aplicativo WhatsApp. Os jovens comprehendem o entretenimento como uma forma de pausa dos acontecimentos, da rotina e do trabalho, e desejam ver algo que traga divertimento e alegria.

A partir das respostas dos jovens sobre os meios de informação e entretenimento que costumam utilizar, a rádio Hora se destacou como fonte de informações (noticiários), narrativas de fé e motivacionais e de músicas gospel atualizadas, que é o principal atrativo para eles. Percebe-se que o veículo penetra em rotinas tão diversificadas por não necessitar de uma atenção concentrada, apenas a preferência pelos conteúdos, músicas e o formato da narração dos programas, esses foram os principais fatores relatados pelos jovens que a escutam no dia a dia.

Outra observação foi o interesse de católicos ou pessoas sem religião determinada a consumir o conteúdo gospel da rádio Hora. Isso pode ser explicado pelo fato de que a música gospel contemporânea - o principal atrativo da rádio de acordo com esses jovens - é produzida para comercialização, diferenciando-se dos cânticos e louvores próprios das igrejas. Conforme explica Moura (2018, p.61) “ela [a música gospel] foi convertida a complemento das mensagens e entretenimento com letras carregadas por temáticas repetitivas baseadas na prosperidade, vitórias pessoais e autoajuda”.

Em todos os relatos, observou-se que os ouvintes se mantêm expostos tanto à produção cultural leiga quanto à religiosa; as produções religiosas precisaram se adaptar ao mercado leigo para atingir seus fiéis. Uma constatação deste fenômeno de hibridação gospel-secular foram as respostas coletadas em questionários sobre quais seriam os artistas ou bandas que os jovens entrevistados mais gostavam de acompanhar. O resultado foi uma miscelânia entre a preferência por artistas gospel e de bandas seculares de pop, rock, indie e até músicas japonesas – que não possuem uma circulação recorrente na mídia brasileira – foram citadas. Essa é uma das razões que pode explicar o fenômeno de artistas gospel que apostam em parcerias com artistas seculares ou adaptam seus ritmos ao que é amplamente consumido pelo público jovem. Conforme destaca uma reportagem de 2019 publicada pelo jornal Folha de São Paulo,

Além dos clássicos louvores a Deus e letras inspiradas em trechos da bíblia, surgem canções sobre amor, paz e até saúde mental, além de ritmos mais variados, como a música eletrônica e o pop. (SCHIAVON, 2019)

Quanto às narrativas, a rádio Hora possui as seguintes peculiaridades em relação a outras emissoras do estilo gospel: o formato dos programas mantém as características da maior parte das emissoras FM comerciais - uma média de cinco minutos de spots publicitários entre uma narração e outra dos locutores, a locução tem um espaço aproximado de dois a três minutos de duração e as músicas têm um tempo médio de 10 minutos de duração em cada bloco de programa. Além das publicidades, existem ainda os flashes ao vivo dos estabelecimentos comerciais que patrocinam a rádio, especialmente nos programas do período da manhã. Os comerciais são compostos por algumas empresas com nomes evangélicos, mas muitos dos patrocinadores não possuem relação direta com o segmento gospel.

A produção de seu conteúdo é multimídia, ou seja, alcança tanto os ouvintes da emissora quanto aos internautas inscritos nas redes sociais da rádio. Diariamente os locutores do período diurno produzem Stories para o Instagram com mensagens de fé e motivação pessoal e um convite para ouvir a rádio. Todas as entrevistas realizadas em estúdio são transmitidas por meio das Lives do Instagram e as gravações permanecem no IGTV. As notícias do site são compartilhadas diariamente no Facebook, bem como fotos, artes e vídeos produzidos nos estúdios.

Por fim, enquanto as emissoras pertencentes a denominações religiosas se pautam por transmitir doutrinas aos seus fiéis, a rádio Hora explora os aconselhamentos, a autoajuda religiosa, o conforto espiritual, o desenvolvimento pessoal e o incentivo à prosperidade profissional e financeira em suas narrativas – conteúdos alinhados à Teologia da Prosperidade¹¹.

Nos questionários aplicados, os jovens foram convidados a relatar o porquê do interesse pela rádio Hora para compreender como as narrativas da emissora se relacionam ao cotidiano deles.

A maioria acredita que a emissora é voltada ao público jovem devido à seleção musical que apresenta e à dinâmica das locuções. Em suas narrativas, os locutores apresentam trechos e versículos da bíblia, compartilham experiências pessoais e palavras motivacionais para seu público. Os programas do horário diurno trabalham com temas que são explorados no decorrer de cada programa, integrando a música à mensagem que está sendo veiculada.

Conforme as respostas obtidas com os questionários, infere-se que as músicas são a parte da programação que mais prende a atenção dos jovens à rádio. As letras veiculadas abordam questões da moral cristã, mensagens bíblicas e motivacionais.

Jesús Martín-Barbero afirma que as identidades e as tecnicidades possuem uma relação de dependência, pois os meios de comunicação são um espaço chave para a produção e o consumo cultural. Para o autor, grande parte das identidades que se mostram na atualidade foram constituídas a partir de aparatos tecnológicos. É o caso da identidade *gospel*: ela foi pensada, planejada para atingir uma grande massa de jovens, inicialmente integrando denominações evangélicas, e no segundo momento, alcançando pessoas de outras crenças religiosas. O rádio e a televisão foram os principais aparatos tecnológicos utilizados a partir da década de 1990, os shows musicais atraíram multidões e geraram a curiosidade das pessoas que não faziam parte daquele movimento. A partir da popularização da internet, o gospel continuou se expandindo, não deixou de ocupar esses espaços. Como demonstram as pesquisas, o gospel tem força nos streamings de música e concorre com os artistas seculares em números de acesso.

¹¹ Teologia da Prosperidade (ou Evangelho da Prosperidade) prega que os fiéis devem pedir a Deus o sucesso financeiro e a prosperidade, vistos como um direito intrínseco de qualquer ser humano (BELLOTTI, 2019).

O estímulo à autonomia religiosa, a adaptação das religiões aos mais modernos meios de comunicação e o crescimento do mercado consumidor de bens e serviços deste segmento foram as consequências mais visíveis da midiatização religiosa (BELLOTTI, 2019) – tal como verificado na recepção da rádio Hora pelos jovens campo-grandenses que responderam à pesquisa.

Por fim, destaca-se as mediações das cidadanias e urbanidades caracterizadas pelos laços sociais construídos entorno de espaços virtuais em que os habitantes das cidades se reconhecem e se reúnem em busca objetivos comuns, como a luta por direitos e causas sociais. Na cultura *gospel*, os ambientes virtuais são igualmente utilizados tanto para o reconhecimento da identidade, para o consumo de bens e serviços próprios dessa cultura, como também para a mobilização social acerca de causas que defendem: contra o aborto, pela liberdade de expressão religiosa, campanhas de combate à fome, entre outras.

Observou-se nas conversas iniciais com os jovens integrantes desta pesquisa que, os que possuem participação ativa em igrejas, assumem lideranças ou são integrantes de grupos que lhe conferem um espaço não somente como espectadores de um culto, mas como protagonistas de ações dentro das comunidades evangélicas e católicas.

A mediação das Cidadanias e Urbanidades fecham o círculo do mapa metodológico de Jesús Martín-Barbero (2017) revelando que esses personagens promovem espaços de cidadania e participação social dentro e fora de suas igrejas. E reforça o pensamento do autor, de que em meio ao aparente desencantamento moderno com a religião, de sua separação do movimento global da racionalização, com os meios de comunicação social e as novas tecnologias comunicativas, a religião tornou-se capaz de devolver o mistério e a magia aos ambientes secularizados (MARTÍN-BARBERO, 1995).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou-se que a rádio Hora se estabeleceu no cotidiano dos jovens entrevistados como um canal de comunicação que faz uma conexão com o *sensorium*, referenciado por Martín-Barbero, em seu mapa mais recente, com os modos de sentir, de se relacionar e de se reconhecer da juventude. Esses modos de vida se constroem a partir de uma prática regular da religiosidade, consequência das mediações familiares. No cotidiano essas famílias vivenciam práticas corriqueiras de fé. Grande parte dos jovens relataram ser levados à igreja desde a infância, pelos pais, avós ou outros familiares próximos. Enquanto outros adentraram ao universo religioso a partir de um relacionamento afetivo, há ainda quem se afastou da vivência religiosa por não concordar com as doutrinas, mas encontrou na rádio *gospel* o espaço que precisava para continuar alimentando a espiritualidade.

Mesmo inseridos em ambientes diversificados, tendo maior ou menor participação em igrejas, as narrativas da rádio Hora conseguem dialogar com o público da faixa etária pesquisada, estabelecendo com eles o fortalecimento da cultura *gospel*, da qual a maioria

dos participantes faz parte desde o nascimento. Em seus relatos, os jovens destacam que buscam essa sintonia de rádio religiosa para cultivar momentos de espiritualidade e conectar-se com o divino, principalmente por meio da música.

Os cantos e hinos tradicionais da igreja cederam espaço a ritmos cada vez mais secularizados, ou seja, adotaram estilos musicais que se assemelham aos grandes sucessos tocados nacional e internacionalmente. Além disso, os cantores da música secular se inserem no ambiente *gospel* com composições próprias para este público.

A partir do questionamento inicial sobre quais seriam as mediações presentes no cotidiano de jovens ouvintes desta rádio *gospel*, a pesquisa passou pelas mediações das identidades: majoritariamente cristã-evangélica entre os jovens entrevistados. Esta mediação articula-se com as narrativas de uma rádio que aborda conteúdos sobre família, sucesso, prosperidade, sonhos, amor próprio e fé, tanto nas locuções quanto no conteúdo musical, e que se diferencia das outras duas rádios religiosas da cidade que possuem conteúdos particulares das doutrinas da Igreja Universal (Rede Aleluia) e da Igreja Adventista (Novo Tempo).

As mediações das redes e fluxos de comunicação, proporcionadas a partir da convergência para outras plataformas, permitem sua presença em vários momentos do cotidiano do ouvinte: entre os deslocamentos nos espaços urbanos à presença em ambientes domésticos ou de trabalho formal.

Nesse sentido, a rádio Hora encontra-se na ritualidade própria de alguns dos ouvintes. Brayan, por exemplo, tem o rádio como despertador musical; sua mãe sintoniza-o logo ao acordar e todos da casa já se levantam para fazer companhia a ela no café. A família de Leilane, que se desloca em conjunto para compromissos como escola e trabalho, mantém o hábito de ligar a emissora logo ao entrar no carro. Já Ronan costuma sincronizar sua oração matinal com a do locutor Alexandre Leão em seu trajeto para o trabalho. A mediação das ritualidades está presente no terceiro mapa metodológico das mediações e, por sua importância no cotidiano dos jovens, foi trazida para esta análise.

As mediações das Cidadanias fecham esse círculo do mapa metodológico reforçando o espaço praticado pelos jovens em seu protagonismo na participação religiosa, bem como o espaço habitado no mundo através das interações com outros meios de comunicação não religiosos, seja para informação ou entretenimento. Isso reflete que, mesmo com a temporalidade do presente em que estiveram mais expostos ao conteúdo religioso, os jovens possuem autonomia para conhecer e refletir conteúdos expostos nos espaços globais, não se fechando apenas à prática religiosa.

A segmentação do público por meio da rádio Hora e o desprendimento de vínculo a uma instituição própria favoreceu o consumo desta emissora por jovens de diferentes denominações e classes sociais. Sem prender-se a doutrinas distintas a rádio reúne os fiéis das mais diversas igrejas, disseminando informações, músicas, valores e crenças que reforçam a identidade e a cultura *gospel*, sem fazer distinções entre o protestantismo histórico, pentecostal ou neopentecostal.

REFERÊNCIAS

- BELLOTTI, Karina Kosicki. Pensando positivo: uma história cultural do gênero de aconselhamento e autoajuda religiosa nos Estados Unidos e no Brasil (1930-1960). In: BELLOTTI, Karina; CUNHA, Magali do Nascimento (Orgs). **Mídia, religião e cultura: percepções e tendências em perspectiva global**. Curitiba: Appris, 2019.
- BIANCO, Nélia R. Del (Org.). **O rádio brasileiro na era da convergência**. São Paulo: INTERCOM, 2012. E-book (Coleção GP'S: grupos de pesquisa; vol. 5). ISBN: 978-85-8208-007-8.
- CUNHA, Magali do Nascimento. **A explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad X: Instituto Mysterium, 2007.
- CUNHA, Magali do Nascimento. Elucidações contemporâneas nos estudos brasileiros em mídia e religião: a perspectiva das mediações culturais e comunicacionais. In: BELLOTTI, Karina; CUNHA, Magali do Nascimento (Orgs). **Mídia, religião e cultura: percepções e tendências em perspectiva global**. Curitiba: Appris, 2019.
- FELIPPI, Ângela Cristina Trevisan; VILLELA, Rosário Sánchez; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da. La espacialidad en el mapa comunicativo de la cultura: producto social y condición del devenir. In: JACKS, Nilda; SCHMITZ, Daniela; WOTTRICH, Laura. **Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural: diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero**. Quito: Ediciones Ciespal, 2019.
- GOMES, Pedro Gilberto. **Da igreja eletrônica à sociedade em midiatização**. São Paulo: Paulinas, 2010.
- HOOVER, Stewart. Mídia e religião: premissas e implicações para os campos acadêmico e midiático. In: BELLOTTI, Karina; CUNHA, Magali do Nascimento (Orgs). **Mídia, religião e cultura: percepções e tendências em perspectiva global**. Curitiba: Appris, 2019.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo 2010: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião**. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14244-asi-censo-2010-numero-de-catolicos-cai-e-aumenta-o-de-evangelicos-espiritas-e-sem-religiao>. Acesso em 24 jun. 2020.
- JACKS, Nilda; TOALDO, Mariângela M. **“Brasil em números – dados para pesquisas de comunicação e cultura em contextos regionais**. Insular, 2014.
- JACKS, Nilda; SCHMITZ, Daniela; WOTTRICH, Laura (Orgs). **Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural: diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero**. Quito: Ediciones CIESPAL, 2019.
- JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2ª ed. São Paulo: Aleph, 2009.
- KANTAR Ibope Media. **Inside Radio 2020, no ritmo da transformação**. Disponível em: <https://www.kantaribopemedia.com/estudos-type/inside-radio-2020/>. Acesso em 10 fev. 2021.
- LOPES, Maria Immacolata Vassallo. **A teoria barberiana da comunicação**. MATRIZes, v. 12, n. 1, p. 39-63, 2018.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Secularizacion, desencanto y reencantamiento massmediatico. **Dialogos de la comunicación**, n. 41, p. 71-81, mar. 1995.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Diálogos Midiológicos–6**. Comunicação e Mediações Culturais–Uma entrevista com Jesús Martín Barbero por Claudia Barcellos. Rádio CBN São Paulo, v. 1, janeiro-junho 2000.

MOURA, Adailton. **A indústria da música gospel**. São Paulo: Scortecci, 2018.

NOVAES, Regina. Os jovens, os ventos secularizantes e o espírito do tempo. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Org.). **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. 2ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

O MERCADO de música gospel bate recorde mundial durante a pandemia. Terra, out. 2020. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/dino/o-mercado-de-musica-gospel-bate-recorde-mundial-durante-a-pandemia,b9e30af3e329c739b2e027501b1c1a95babn6ixz.html>. Acesso em: 07 jun. 2021.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **“Bye bye, Brasil” – O declínio das religiões tradicionais no Censo 2000**. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 2004.

PRATA, Nair; LOPEZ, Debora Cristina; CAMPELO, Wanir. **Panorama do rádio religioso no Brasil**. Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, 2014. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-0548-1.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2020.

RODRIGUES, L. M. B. **Luciano Medeiros Barbosa Rodrigues**. Entrevista [jun 2020]. Entrevistadora: Fládima Rodrigues Christofari. Campo Grande, 2020. 1 arquivo (19:31 min). Entrevista concedida.

SOUZA, Cândida de; PAIVA, Ilana Lemos de. Faces da juventude brasileira: entre o ideal e o real. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 17, n. 3, p. 353-360, 2012.

TELLAROLI, Taís. Rádio Cultura AM 680: trajetória e perspectivas do analógico ao digital. In: OTA, Daniela Cristiane (Org.). **A história do rádio em Campo Grande**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2015.

CAPÍTULO 5

OFICINA EXPRESSIONS - PELOS CAMINHOS DA MÚSICA

Data de aceite: 01/04/2024

Cristiane Furlan

Cristiane Furlan, Fonoaudióloga e Pedagoga, Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência de Barueri (SDPD). Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional; Educação Especial com ênfase em Deficiência Intelectual; Educação Especial; Musicoterapia

Ng Yee No

Terapeuta Ocupacional, Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência de Barueri (SDPD). Especialista em Preceptoria no SUS; Saúde Mental

RESUMO: A Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Município de Barueri (SDPD), através do serviço Centro Dia, oferece atividades de lazer e cultura para pessoas com deficiência acima de 18 anos. Dentre as atividades oferecidas está a “Oficina Expressons”, que tem a música como elemento permeador para o trabalho. A Oficina divide-se em três momentos: aquecimento corporal, aquecimento vocal e canto. A partir da identificação das dificuldades dos usuários do serviço, foram necessárias estratégias alternativas para que pudesse se envolver na proposta e ter benefícios individuais e coletivos.

Para o trabalho de aquecimento corporal a proposta foi baseada em movimentos de alongamento e de dança sentada, com sincronicidade e ritmo, respeitando os limites físicos e de coordenação motora de cada usuário; para o trabalho de aquecimento vocal, foram realizados exercícios com mímicas faciais e respiratórios associados a sons; e para o trabalho com o canto foram necessários o uso de pictogramas, vídeos e gestos para associação das músicas escolhidas e conseguir melhor assimilação do que cantavam. Inicialmente, o trabalho foi realizado de forma virtual, estendendo-se para a modalidade presencial. Os resultados apresentaram êxito no que se refere à interação social, fortalecimento de vínculos, ampliação de repertório musical, melhora na autoestima, memorização, criatividade e concentração, além da construção de um coral. O presente artigo descreve o processo de desenvolvimento e resultados da “Oficina Expressons”, na modalidade presencial, com base em bibliografia sobre a importância da música para o desenvolvimento da pessoa com deficiência.

PALAVRAS-CHAVE: Música; Protagonismo; Pessoa com deficiência; Expressão; Coral

INTRODUÇÃO

O Centro Dia, gerenciado pela Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Município de Barueri/SP (SDPD), tem como principal objetivo a interação social dos usuários frequentadores do serviço, de forma coletiva, com seus pares, técnicos e comunidade, podendo desenvolver suas habilidades e potencialidades a partir dos seus desejos. Os usuários do Centro Dia são pessoas com deficiência, acima dos 18 anos e com vulnerabilidade social.

Preocupada em oferecer atividades condizentes à idade, nível de interesse e deficiência que a pessoa possui, a SDPD oferece oficinas diárias com atividades culturais e de lazer para as pessoas com deficiência do município, amparada pela Constituição Federativa do Brasil (1988) e ratificada pela Lei Brasileira de Inclusão (Lei 13.146/2015) que diz que “O poder público deve promover a participação da pessoa com deficiência em atividades artísticas, intelectuais, culturais, esportivas e recreativas, com vistas ao seu protagonismo, ...”.

Com a pandemia da COVID-19, novos serviços foram criados, inclusive as oficinas de trabalho do Centro Dia. O atendimento virtual foi uma das formas de manter a interação social proposta pelo serviço, com seus usuários e suas famílias, fundamentado na Convenção Internacional sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência (2009), que determina a adoção de “medidas apropriadas para assegurar às pessoas com deficiência o acesso, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, ao meio físico, ao transporte, à informação e comunicação, inclusive aos sistemas e tecnologias da informação e comunicação [...]”, e pela Lei Brasileira de Inclusão (nº 13.146 de 06/07/2015), além de permitir a aproximação à tecnologia, recurso importante para o cotidiano da pandemia.

Buscando temáticas de interesse dos usuários participantes das oficinas do serviço, foi elencada a música como elemento permeador para a criação da “Oficina Expressons”. Esta oficina, iniciada em 2021, está fundamentada nos benefícios da música descritos em Melo (2008), “ouvir música, aprender uma canção, brincar de roda, realizar brinquedos rítmicos, jogos de mãos etc., são atividades que despertam, estimulam e desenvolvem o gosto pela atividade musical, além de atenderem às necessidades de expressão que passam pelas esferas afetiva, estética e cognitiva. Aprender música significa integrar experiências que envolvem a vivência, a percepção e a reflexão, encaminhando-as para níveis cada vez mais elaborados”.

O nome da “Oficina Expressons” foi escolhido pelo grupo, dentre outros sugeridos por eles. “Expressons” partiu da premissa que, independente de sua deficiência, o usuário do serviço possa expressar-se através de formas particulares, como movimentos do corpo, expressões sonoras, expressões faciais entre outras, utilizando a música como mediador neste processo, ampliando suas vivências e tornando-se protagonistas em suas escolhas e ações.

A organização da oficina, sugerida pelas profissionais técnicas de referência do grupo, foi pensada de forma que a música fosse o eixo central, mas vivenciada de várias formas. Por isso, a oficina conta com três momentos: aquecimento corporal, aquecimento vocal e canto.

Para o aquecimento corporal, são utilizados exercícios de alongamento e sequência de movimentos baseada na dança sênior, a considerar Franco et al.(2016) e Cassiano (2018), “A dança sênior é uma atividade lúdica, composta por diferentes coreografias, com movimentos rítmicos e simples movidos por canções folclóricas. Pode ser considerada como estratégia para prevenção da inatividade, para socialização e para promoção de qualidade de vida no envelhecimento. Na maioria das vezes é aplicada em roda, o que possibilita reviver cantigas e cirandas da infância.”

Apesar de, segundo Dantas & Oliveira (2003), a dança sênior ter sido desenvolvida para a senescência, em função de várias limitações desta fase da vida, como perda de massa muscular, redução na mobilidade, perda de flexibilidade, lentidão no movimento e outros, foram percebidas várias características similares nos usuários da oficina proposta, mesmo não fazendo parte da faixa etária citada.

No aquecimento vocal são utilizados exercícios com a musculatura facial associados a sons, palavras cantadas e respiração.

Para o momento de canto, com a proposta de Coral, são utilizados recursos audiovisuais, como vídeos e pranchas com pictogramas, deixando o trabalho com uma linguagem simples e acessível a todos os usuários, conforme propõe a abordagem do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) que busca a diminuição das barreiras para que o aprendizado aconteça (RIBEIRO & AMATO, 2018).

Com a adesão e interesse nesta Oficina na modalidade remota e com o retorno das atividades presenciais, foi proposto, em 2022, o desenvolvimento da “Oficina Expressons” também na modalidade presencial.

O presente estudo irá apresentar como ocorreu o processo de desenvolvimento da “Oficina Expressons”, na modalidade presencial e suas implicações para os usuários do serviço, considerando suas idades, contexto social e histórico em que vivem.

DESENVOLVIMENTO

A “Oficina Expressons” foi idealizada tendo como principal objetivo possibilitar aos usuários do Centro Dia utilizar suas manifestações corporais e orais para ampliar suas relações sociais.

Manifestar o pensamento por meio de palavras, gestos, ações e atitudes; perceber o próprio corpo e do outro; explorar o corpo em atividades vivenciadas; ampliar o repertório musical; expressar-se através da música; construir novas relações a partir das histórias e contextos particulares e tornar-se protagonista da sua história, também são metas que se agregam a construção desta oficina.

Direcionada a um grupo semanal, que, inicialmente, contou com 10 pessoas no teleatendimento, quando passou para a modalidade presencial, a “Oficina Expressons” abrangeu usuários que não tinham tolerância para permanecer no trabalho remoto ou que não tinham acesso a tecnologia, ampliando para, aproximadamente, 20 pessoas semanais, com Deficiência Intelectual, Transtorno do Espectro Autista e Deficiência Múltipla, com e sem oralidade e que não eram alfabetizados.

A organização da oficina, sugerida pelas profissionais técnicas de referência, foi pensada para que a música permeasse a atividade com três abordagens diferentes, de modo que os usuários pudessem usufruir dos benefícios que ela traz de forma singular em cada uma das etapas. São elas: aquecimento corporal, aquecimento vocal e canto.

No momento de aquecimento corporal são realizados movimentos de alongamento e conscientização corporal associado a músicas relaxantes. Alternadamente são utilizados movimentos de dança sentados, baseados nos preceitos da dança sênior. O fato de realizar a atividade sentados, sendo a maioria dos movimentos com os membros superiores, faz com que os usuários com uma deficiência de membros inferiores ou ainda aqueles com Transtorno do Espectro Autista, que necessitam de um ambiente organizado, tenham a possibilidade de participar de modo mais efetivo da atividade. Os movimentos simples são acompanhados de músicas próprias da dança, trazendo um novo repertório para estes usuários.

A ideia de utilizar a dança como recurso introdutório parte da proposta de desenvolver uma sequência de adequação rítmica e coordenada dos movimentos associados à música, respeitando o tempo de cada usuário.

Os movimentos da dança realizados de forma ritmada, sincronizada e lenta, permitem a participação de todos os usuários que estão no grupo, independente da sua deficiência.



Foto 1- Movimentos para alongamento – Centro Dia/ SDPD (Usuário e técnica com autorização para uso de imagem)

No segundo momento da oficina é realizado um trabalho de aquecimento vocal, importante para a conscientização da postura corporal, das estruturas orais e da própria voz. Neste momento, é realizada sonorização de vogais e canto salmodiado com poesias e nomes dos dias da semana ou meses do ano. Em oportunidade, também são utilizados os próprios nomes dos usuários para fazer o aquecimento, contribuindo para a percepção e conhecimento de si e do outro.

Exercícios com mímicas faciais, produzindo sons, também são utilizados para a percepção dos movimentos e possibilidades de expressão. Associados aos movimentos são trabalhadas sequências ritmadas e repetições que exigem do grupo atenção às regras, concentração e disciplina.

A respiração também tem um enfoque neste momento do trabalho. Com exercícios de inspiração e expiração com ou sem sons, o grupo percebe a importância da respiração para tranquilizar o corpo e a mente, e também a sua influência na qualidade da produção sonora.



Foto 2 - Exercícios de respiração – Centro Dia/ SDPD (Usuários e técnicas com autorização para uso de imagem)

No terceiro momento da oficina, a proposta é o trabalho de desenvolvimento de canto, com possibilidade de um coral. Para a escolha do repertório, inicialmente, foi identificada a dificuldade dos usuários para se expressarem e escolherem as músicas para cantar, pois apresentavam dificuldade para lembrar as letras das músicas. Seus repertórios também eram restritos e divergentes uns dos outros, pelo contexto em que cada um vive. Portanto, foi necessária a busca de formas alternativas de expressão associando imagens e gestos à letra da música para facilitar a memorização e favorecer também o público que não utiliza a fala para se expressar.

A primeira música a ser escolhida foi “Fico assim sem você”, na versão da cantora Adriana Calcanhoto. Foram associados gestos conforme a letra se apresentava e selecionados pictogramas do Sistema de Símbolo Gráfico Arasaac para dar um apoio visual aos usuários utilizando uma forma simples e acessível ao novo vocabulário. Com os pictogramas, a compreensão do que era cantado era ampliada, atingindo o interesse de mais usuários.

“O modo pessoal e distinto de como cada um aprende constitui-se como a característica básica do estilo de aprendizagem” (NATEL et. al., 2013), portanto, considerando que as pessoas aprendem de formas diferentes, apresentar estratégias alternativas, contribui para uma melhor compreensão da proposta.



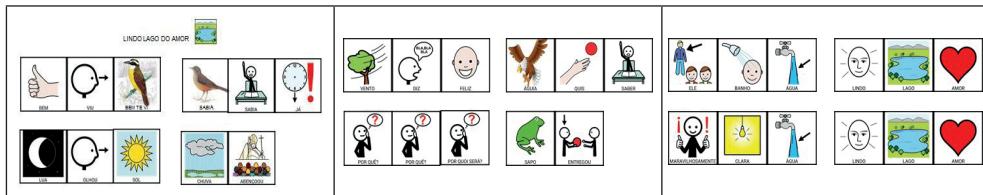
Fonte: Cristiane Furlan (2021) Pictogramas do Sistema de Símbolo Gráfico Arasaac

Música “Fico assim sem você” (Composição: Abdullah / Cacá Moraes)

A partir daí, o grupo se fortaleceu e a motivação aumentou. Foram selecionadas novas músicas para o trabalho que obedecia sempre o mesmo processo: escolha da música, “tradução” da música em pictogramas, associação de gestos, apreciação de vídeos com os clipes das músicas, estudo de cada parte da música individual e coletivamente e prática do coral com vozes, gestos e apoio de pictogramas.

Destaca-se aqui a importância do processo de “tradução” da música em pictogramas, associação dos gestos e apreciação de vídeos com os clipes das músicas, pois com estas estratégias foi possível melhorar a compreensão do que estava sendo dito na letra da música facilitando a memorização da mesma. As músicas, apesar de simples, faziam parte de um repertório desconhecido pelos usuários e eles relatavam que “estava muito difícil, que não conseguiam”, que preferiam as que eles já conheciam. Após o desenvolvimento destes processos, o relato dos usuários mudou e eles diziam orgulhosos que “as músicas eram muito fáceis”.

O estudo da música com o apoio das estratégias citadas era feito frase por frase, em alguns momentos de forma individual e, em outros momentos, coletivamente. Isso possibilitou que os usuários, cada um com a sua forma de expressar-se, conseguisse compreender e cantar a música de forma integral. Dessa forma, foi possível o trabalho com músicas mais complexas, como a música “Lindo lago do amor”, de Gonzaguinha, conseguindo, efetivamente, ampliar o repertório musical dos usuários e perceber a satisfação com que realizavam a atividade.



Fonte: Cristiane Furlan (2022) Pictogramas do Sistema de Símbolo Gráfico Arasaac

Música “Lindo lago do amor” (Composição: Gonzaguinha)

Segundo Bosi (1994), a memória, quando acionada dentro de um contexto de significados, responde melhor. Ela necessita de um motivo ou um chamado que a desperte no presente para que as lembranças do passado sejam evocadas e surjam sempre de forma atualizada.

Durante os três momentos da “Oficina Expressons” (aquecimento corporal, aquecimento vocal e canto), além da interação social, principal objetivo do serviço, eram promovidos aspectos como respeito, comportamento, percepção de si e do outro, atenção, concentração e melhora da autoestima.

Os encontros semanais foram desenvolvidos em salas da SDPD, com dia e horário determinados para a atividade.

Com o envolvimento e a motivação dos usuários na “Oficina Expressons” foi possível expandir o trabalho e levar os usuários para realizar a atividade em outros equipamentos do município de Barueri, ampliando as relações dos usuários.

A proposta de explorar outros espaços foi pensada em função da deficiência das pessoas, pois as famílias não estimulavam a autonomia de seus filhos para circular nas proximidades de suas residências. Segundo entrevistas realizadas no serviço, elas alegavam que esta falta de estímulo ocorria por: desatenção dos entes no ambiente externo; falta de confiança para que transitasse sozinhos; vulnerabilidade com estranhos; falta de credibilidade no potencial deles; entre outros fatores que eram justificados, resumidamente, pela necessidade de proteção dos familiares aos seus entes. Foi discutido com as famílias sobre esta nova ação, as quais confiaram e apoiaram o trabalho.

O primeiro equipamento elencado foi uma Biblioteca/Museu Municipal nas imediações do Centro Dia, onde foi realizado o contato inicial pelas chefias dos serviços e viabilizado os contatos com as técnicas dos serviços. Neste espaço foi possível realizar as atividades da “Oficina Expressons” em uma cabine de um trem antigo que está exposto no ambiente, após conhecimento de todos os espaços dos equipamentos. Neste momento, foi possível agregar outros conhecimentos que circundam o espaço do trem, levando questionamentos sobre a história, costumes e comportamentos da época, fazendo-os refletir e relacionar-se com o mundo atual.



Foto 3: Trem localizado no espaço da Biblioteca Eny Cordeiro/ Museu Municipal de Barueri (2022)

Fonte: Cultura Barueri

Outros espaços foram utilizados, como o auditório da própria SDPD, onde tiveram a experiência de estar ensaiando em um ambiente com plateia e puderam aprender sobre os protocolos de organização de espaço e localização de cada usuário em posição de coral.

Com isso, ampliaram-se as relações interpessoais, conhecimentos de locais e favorecimento da autonomia dos usuários, ampliando um repertório pessoal que pode ser aplicado no cotidiano, como atravessar a rua, observar locais, interessar-se por outros temas e assuntos e, principalmente, fazer novas amizades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O início da “Oficina Expressons” propôs alguns desafios para os usuários e técnicas de referência, como: espaço rotativo para desenvolver a atividade, necessidade de acolher outros usuários que não faziam parte do grupo, pela falta de profissionais técnicos e utilização de aparelhos de som inadequados para tocar as músicas, porém, aos poucos o serviço foi se adequando e percebido que, apesar dos empecilhos técnicos e estruturais enfrentados, os aspectos positivos em relação aos ganhos dos usuários eram maiores, possibilitando-lhes amadurecimento refletido em respeito, responsabilidade, organização e pertencimento a um grupo específico.

Com a autoestima elevada se propuseram a realizar apresentações nas festividades da SDPD, como Festa Junina, Festa da Primavera, aniversário da SDPD e Semana Inclusiva.

No ano de 2023, ampliou-se a oficina para mais uma turma, assim outros usuários foram contemplados e beneficiados pela “Oficina Expressons”. Atualmente (ago/23) o grupo conta com a participação de 37 usuários divididos em 2 grupos e novas apresentações têm ocorrido.

O desafio de um novo repertório musical, fez com que os usuários tivessem iniciativa em buscar novos ritmos e músicas que antes não apresentavam interesse. O estudo das músicas fez com que eles tivessem confianças em si mesmos e compreendessem que

eram capazes de aprender, mostrando seus potenciais que estavam latentes. Atualmente, contam com um repertório de seis músicas: “Fico assim sem você”, “Lindo lago do amor”, “Pra melhorar”, “Quero te encontrar”, “Me abraça” e “Temporal de amor”.

Destaca-se no processo de construção da oficina, a promoção do desenvolvimento criativo e expressivo e como resultado a reativação da memória e concentração, o despertar da integração, a melhora na autoestima, a ampliação das relações interpessoais e afetivas e a promoção da interação.

A oportunidade do conhecimento de diferentes espaços públicos do município favorecendo a circulação social, também foi um aspecto positivo do trabalho.

Considerando e respeitando as diferenças e dificuldades de cada usuário, foi possível a formação de um grupo que consegue discutir e chegar a conclusões em conjunto, como a escolha de repertório ou a roupa para utilizar em uma apresentação.

A expectativa é que “Oficina Expressons” continue no ano de 2024 com novas oportunidades de apresentações e ampliação de número de usuários e repertório musical.

Ressaltam-se também os benefícios aos usuários que não estavam ligados diretamente à “Oficina Expressons”. Devido à rotina do serviço, em alguns momentos, era necessário o acolhimento destes usuários, no geral, com deficiências intelectuais graves, e, mesmo sem participar ativamente do trabalho, estar no ambiente organizado e com música, já lhes trazia tranquilidade e atenção ao ambiente, esboçando sorriso e satisfação em estar com o grupo.

Conclui-se com o presente trabalho que a “Oficina Expressons” trouxe aos participantes elementos para uma organização interna que lhes possibilitou organizarem-se externamente, com responsabilidade, iniciativa e tomada de decisões, aspectos fundamentais para a sua autonomia enquanto ser social, tornando-os protagonista em suas ações.

REFERÊNCIAS

ARASAAC - Portal Aragonês de Comunicação Aumentativa e Alternativa – Disponível em: www.arasaac.org . Acesso em 01/05/2023.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 2016.

CONSENZA, R.M.; GUERRA, L.B. (2011). Neurociência e Educação: Como o Cérebro Aprende. Porto Alegre: Artmed.

Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência: Protocolo Facultativo à Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência: Decreto Legislativo nº 186, de 09 de julho de 2008: Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009.

DANTAS, E.H.M.; OLIVEIRA, R.J. Exercício, Maturidade e Qualidade de Vida. Rio de Janeiro: Shape.2003.

DEGANI, M; MERCADANTE, E. F. Os benefícios da música e do canto na maturidade. *Revista Kairós Gerontologia*, 13(2), ISSN 2176-901X, São Paulo, novembro/2011: 149- 66.

DELIBERATO, D. et al. Comunicação Suplementar e/ou Alternativa no Contexto da Música: Recursos e Procedimentos para Favorecer o Processo de Inclusão de Alunos com Deficiência. Disponível em: www.unesp.br . Acesso em: 26/04/2023.

GODOY, Diego Azevedo. A Influência da Música e da Dança na Construção da Identidade de Estudantes com Deficiência Intelectual / Diego Azevedo Godoy. -- Araraquara, 2020. Disponível em: https://agendapos.fclar.unesp.br/agenda-pos/educacao_escolar/5484.pdf. Acesso em: 12/01/2023.

HOSSAIN, Md Mahbub; SULTANA, Abida; PUROHIT, Neetu. Resultados de saúde mental da quarentena e isolamento para prevenção de infecções: uma revisão sistemática abrangente das evidências globais. Disponível em SSRN 3561265, 2020.

Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF: Presidência da República, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm.

MAGALHÃES, Ricardo Antonio. GARCIA, July Mesquita Mendes. Efeitos Psicológicos do Isolamento Social no Brasil durante a pandemia de COVID-19. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*. Ano 06, Ed. 01, Vol. 01, pp. 18-33. Janeiro de 2021. ISSN: 2448-0959, Link de acesso: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/psicologia/isolamento-social>, DOI: 10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/psicologia/isolamento-social. Acesso em 12/08/2023.

MARTINS, Marceli Tomé; MARTINI, Sandra Regina. Covid-19 na perspectiva dos países fundadores do Mercosul: uma análise dos cenários a partir dos discursos presidenciais e consequentes medidas tomadas pelos líderes1. O Direito à Saúde Frente à Pandemia COVID-19: da crise sanitária à crise.

MELO, L. R. C; OLIVEIRA, de M. A MÚSICA: Um Caminho Para o Desenvolvimento do Deficiente Intelectual. Londrina, 2008. Disponível em: <https://www.meloteca.com/wp-content/uploads/2018/11/a-musica-um-caminho-para-o-desenvolvimento-do-deficiente-mental.pdf> . Acesso em 17/03/2023.

MUSZKAT, M. Música e Neurodesenvolvimento: em busca de uma poética musical inclusiva. *Literartes*, São Paulo, v. 1, n. 10, p. 233-243, 2019. ISSN: 2316-9826. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9826.literartes.2019.163338>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/literartes/article/view/163338>. Acesso em: 10/01/2023.

NADOLNY, A.; TRILLO, M.; FERNANDES, J.R.; PINHEIRO, C.S.P.; KUSMA, S. Z.;

RAYMUNDO, T.M.. A Dança Sênior como recurso do terapeuta ocupacional com idosos: uma contribuição na qualidade de vida. *Cad. Bras. Ter. Ocup* ; 28(2): 554-574, abr.-jun. 2020. tab. Artigo em Português | LILACS-Express | LILACS, Index Psicologia - Periódicos | ID: biblio-1132783. Biblioteca responsável: BR1.1. <https://doi.org/10.4322Q2526-8910.ctoAO1792> . Acesso em: 01/09/2023.

NATEL, Maria Cristina; TARCIA, Rita Maria Lino de; SIGULEM, Daniel. A aprendizagem humana: cada pessoa com seu estilo. *Rev. psicopedag.*, São Paulo , v. 30, n. 92, p. 142-148, 2013 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862013000200008&lng=pt&nrm=iso> . Acesso em 04/09/2023.

RIBEIRO, Gláucia Roxo de Pádua Souza; AMATO, Cibelle Albuquerque de la Higuera. Análise da utilização do desenho universal para aprendizagem. *Cad. Pós-Grad. Distúrb. Desenvolv.*, São Paulo , v. 18, n. 2, p. 125-151, dez. 2018 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-03072018000200008&lng=pt&nrm=iso>. <http://dx.doi.org/10.5935/cadernosdisturbios.v18n2p125-151>. Acesso em 01/09/23.

CAPÍTULO 6

CINEMA FEMINISTA: PERSPECTIVAS SOBRE SUBJETIVAÇÃO E OCUPAÇÃO DE ESPAÇOS

Data de aceite: 01/04/2024

Giovanna Santos Rossetti de Carvalho

Comunicóloga, graduada em Comunicação Social, com foco em Rádio, TV e Internet pelo Centro Universitário

Teresa D'Ávila (UNIFATEA)
Lorena, São Paulo

Miguel Adilson de Oliveria Júnior

Centro Universitário Teresa D'Ávila
(UNIFATEA)
Lorena, São Paulo

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo desenvolver sobre a temática do cinema político feminista por meio de um mini documentário. A fim de enriquecer a discussão, a pesquisa visa abordar além do recorte de gênero, a interseccionalidade de violências sociais, como opressões motivadas por raça e/ou classe. A participação da mulher no mercado de trabalho representa uma importante conquista para a independência financeira e, além disso, o cinema, como meio de expressão cultural, é responsável por transmitir ideais e vivências. Nesse sentido, a pesquisa apresenta uma análise crítica das estatísticas de representatividade disponibilizadas por órgãos competentes na

área e busca contextualizar as implicações de tais números na vigência de um imaginário coletivo patriarcal, dentro e fora dos produtos audiovisuais. Dado isso, é possível delinejar a necessidade de ações que busquem transformar o cinema em um espaço de luta e teorização diversas. A partir de tal abordagem, o documentário propõe uma abstração do cinema alternativo, provindo de narrativas plurais, escoando por suas importâncias referentes à sociedade e à cultura. No que tange a expectativa social referente aos comportamentos e estigmas, espera-se alcançar um debate reflexivo com a atribuição de um caráter transformador na indústria cinematográfica. Em suma, o trabalho almeja revelar e valorizar as vivências das mulheres na cadeia produtiva audiovisual, elucidando o vínculo entre a sociedade e a sétima arte, expondo a inevitabilidade da transgressão cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema – Feminismo – Cultura – Sociedade – Documentário;

ABSTRACT: The aim of this work is to develop a theme of feminist political cinema through a documentary. In order to enrich the discussion, this research approaches, not only gender, but also the intersectionality of social violence, such as oppression motivated by race and/or social class. The participation of women in the labor market represents an important achievement for financial independence and, not only is cinema a way of cultural expression, but it is also responsible for transmitting ideals and experiences. In this sense, the research prioritizes a critical analysis of the representativeness statistics made available by competent government agencies in the area and contextualizes the numbers' implications in a patriarchal common sense, inside and outside audiovisual products. Having said that, it is possible to define the necessity of actions to transform cinema into a space of battle and diverse theories too. For that reason, the documentary offers an abstraction of alternative cinema, originated by plural narratives, considering its importance regarding society and culture. About the social expectation regarding behavior patterns and stigmas, it is expected to reach a reflective debate and a significant transformation in the film industry. In conclusion, the work aims to reveal and value women's experiences in the audiovisual production chain, elucidating the link between society and the seventh art, exposing the inevitability of cultural transgression.

KEYWORDS: Cinema – Feminism – Culture – Society – Documentary;

INTRODUÇÃO

O cinema é responsável por oferecer às gerações um instrumento de propagação e preservação da história. Por meio dos aparatos visuais e sonoros, incorporados à sétima arte, as narrativas são tecidas e compartilhadas sucessivamente. Ao considerar que tais exposições audiovisuais estão inseridas em determinado escopo temporal, e por consequência, sociocultural, a ação milenar de narrar assume formas da sociedade na qual foi produzida. Sendo assim, o exercício filmico desencadeia um espaço complexo de teorizações e estudos.

Dessa forma, ao conceber a conexão da indústria cinematográfica com o fenômeno de manifestação das diferentes significações e condutas socioculturais, é possível traçar debates acerca da importância do processo de identificação. Ao habitar o inconsciente coletivo, o cinema é capaz de ultrapassar os limites do seu formato midiático. Tal abordagem converge para campos complexos da experiência em sociedade, como a linguagem, condutas e comportamentos, além da ocupação de espaços, subjetivos e físicos.

Por isso, a dinâmica de exteriorização por meio dos produtos audiovisuais representa uma zona de manifestação e representatividade. Sendo assim, o presente estudo busca entrelaçar a cadeia produtiva cinematográfica e suas respectivas reverberações socioculturais. Pois, ao povoar a linguagem e o imaginário de seus espectadores, a sétima arte, ultrapassa as fronteiras das telas, tornando-se expressão social e política.

A transformação do cinema, antes apenas documental e artístico, em elemento do espaço crítico da sociedade trouxe consigo a necessidade de analisar os discursos filmicos e a origem dos mesmos. Sendo assim, a comercialização cinematográfica pautada em

experiências hegemônicas e privilegiadas prejudica o debate sobre a representatividade das minorias. Enquanto isso, o cinema alternativo, busca transgredir os valores do tradicionalismo a fim de agregar diversidade aos produtos audiovisuais.

Ancorada à teoria feminista do cinema, a pesquisa busca elucidar as conexões entre sociedade e arte. A partir da revisão bibliográfica e cinematográfica, evidenciando obras de cunho crítico e reflexivo, o debate sobre a representatividade da mulher no audiovisual demarca os limites de uma transgressão cultural necessária. Tal rompimento com o tradicionalismo cede espaço para novas perspectivas, construindo um cinema mais plural e menos fálico.

Ao se distanciar do processo normativo na construção de narrativas, cineastas como Agnès Varda, Ana Carolina e Helena Solberg, tornaram-se vozes do movimento de contracinema, assim como tantas outras. Ater-se à importância destas figuras na linguagem cinematográfica é valorizar a mulher na frente e atrás das câmeras, desconstruindo estereótipos e discursos.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Cinema como ferramenta sociopolítica

O cinema é capaz de despertar em seus espectadores sensações e compreensões veiculadas aos estímulos visuais e sonoros da narrativa. Também como forma de expressão cultural, as produções audiovisuais são tecidas de acordo com quem as cria, ou seja, são fragmentos de experiências individuais e coletivas. Dessa forma, as obras filmicas estão intrinsecamente ligadas ao meio sociocultural no qual foram originadas.

À vista disso, é essencial analisar as narrativas filmicas juntamente com seus respectivos autores e contextos históricos. Tal cenário nos leva a compreender o motivo pelo qual a linguagem cinematográfica é responsável por construir sentidos e propagar conceitos. Barros (2007) aponta para o fato de que o cinema é, além de expressão da cultura, uma forma de representação. O historiador defende que:

O Cinema, considerado como agente histórico, pode ser por isto compreendido mais propriamente como um feixe de agentes históricos diversos – e se ele permite um estudo sistematizado das relações políticas, permite também um estudo acurado das práticas e representações culturais. Daí o seu simultâneo interesse tanto para a História Política como para a História Cultural (BARROS, 2007, p. 127-159).

O fragmento expõe a conexão da linguagem filmica com organizações e condutas sociais, portanto, paralela às conjunturas políticas e culturais. Até mesmo o cinema comercial, destinado ao público de massas, é influenciado por este panorama, uma vez que revela determinados impulsos da sociedade. Entretanto, o enfoque da atual discussão será na análise da narrativa hegemônica em comparação ao exercício da narrativa transgressora.

Ao desconsiderar os limites da sétima arte e observá-la como elemento analítico, deve-se também interpretar os propósitos das estruturas de poder ligadas à criação. A argumentação de Barros no ensaio “Cinema e História” traça um paralelo entre a cinematografia como instrumento a favor da hegemonia e como manifesto de contra poder. Mediante o exposto, serão examinadas tais proposições e seus respectivos efeitos na sociedade.

A relação entre cinema e poder é por si só sistematicamente complexa, pois em contato com instituições dominantes, a prática cinematográfica pode operar em prol desta dominação. De acordo com Barros, o cinema é usado em diferentes situações como instrumento de “imposição hegemônica e de manipulação pelos agentes sociais ligados ao poder instituído” (2007), como organizações governamentais, religiosas e políticas. Diante de tais circunstâncias, as produções audiovisuais advindas de realidades privilegiadas e ideais conservadores marginalizam narrativas plurais.

A contribuição para uma consciência coletiva estigmatizada representa apenas uma faceta do tradicionalismo cinematográfico. Todavia, para além da difusão ideológica, é preciso atentar-se à prática do cinema, ou seja, ater-se aos sujeitos sociais que o realizam. Neste caso, a discussão permeia a lacuna de produções audiovisuais chefiadas por grupos minoritários. Frente a isso, é possível analisar a indispensabilidade das narrativas transgressoras.

Barros caracterizou o contrapoder exercido por estas narrativas como uma prática de resistência. Ao insistir na independência de instituições dominantes, o cinema transgressor atua como denúncia das estruturas de dominação, além manifesto e representação dos sujeitos sociais silenciados pelos poderes instituídos. A ação contrária à monopolização cinematográfica mostra-se fundamental na construção de uma cultura fílmica que preconiza a pluralidade.

Portanto, uma indústria cinematográfica composta majoritariamente por homens brancos cisgêneros e heterossexuais será responsável por produzir obras pautadas em uma experiência privilegiada e fálica da sociedade. Diante disso, não apenas as narrativas serão influenciadas, mas também toda a cena fílmica, envolvendo grandes premiações (como o Oscar), a distribuição de cargos, o feedback da crítica e a visibilidade das produções.

A relação entre audiovisual e gênero é reflexo do patriarcalismo estrutural que rege a cultura. Dessa forma, é notório que o tradicionalismo cinematográfico é responsável por produzir o conceito do cinema normativo. Diante disso, quando as mulheres ingressam na área em questão, há diferentes formas de marginalização ao qual estão sujeitas. O desnívelamento dos cargos, a institucionalização e sexualização da figura feminina, e a associação essencialista a determinados temas, ilustram esse cenário.

Apoiada nesse pensamento, a filmologia feminista é responsável por oferecer uma abordagem crítica sobre o fenômeno de abstração patriarcal por parte do cinema. Sustentada pelo questionamento a respeito do olhar masculino nos filmes, a teoria levanta

aspectos sobre voyeurismo, narcisismo e fetichismo. A partir disso, entende-se que a indústria cinematográfica, principalmente da estrutura hollywoodiana na época de origem do contra movimento, fundamenta-se nas vontades e desejos masculinos. Essa necessidade visual, seria então, o início da expressão patriarcalista nas narrativas cinematográficas.

À vista disso, o sistema de representação da sociedade, marcada pelo falocentrismo e pela ideação do patriarca, colide com o feminismo e suas transgressões culturais. Desse modo, entende-se que um cinema feminista não é somente um cinema que represente a figura feminina, mas sim, um contra movimento cinematográfico que busca romper com as amarras institucionalizadas de comportamentos, atribuições, hábitos e performances atribuídas à mulher.

Ao propor novos olhares, a filmologia feminista dialoga também com o conceito de interseccionalidade, já que traz à superfície uma somatória das violências sociais existentes. Portanto, o cinema feminista não pode ser pensado sem considerar a luta antirracista, assim como o próprio femismo não deve reduzir e generalizar as experiências socioculturais, econômicas e psíquicas das mulheres em sociedade.

bell hooks¹, significativo expoente do ativismo feminista antirracista, argumentou sobre a ausência do levantamento racial dentro das teorias cinematográficas feministas. De acordo com a autora:

Quando a maioria dos negros nos Estados Unidos tiveram pela primeira vez a oportunidade de ver filmes e programas de TV, eles o fizeram perfeitamente conscientes de que a mídia de massa era um sistema de conhecimento e poder que reproduzia e mantinha a supremacia branca. Ver televisão, ou filmes comerciais, envolver-se com suas imagens, era envolver-se com a negação da representação negra. (HOOKS, 1992, [s.p.])

Hooks, disserta sobre um olhar opositivo, marcado pela concepção do cinema negro independente. Essa resposta ao sistema fílmico majoritariamente branco faz um paralelo ao complexo de ideação da mulher por meio da perspectiva masculina. Pois, se refletir a respeito da construção da imagem feminina provinda da posição social masculina é um exercício que desestrutura conceitos institucionalizados, discutir sobre a representação da mulher negra dentro desse mesmo contexto significa analisar e questionar a prática do movimento cinematográfico de oposição em um recorte racial.

Para tal, é preciso que o contra cinema atue além de tudo como fomentador da consciência antirracista, em uma espécie de educação por meio do consumo de arte. Ao adentrar nesse raciocínio, a movimentação dos aparatos fílmicos em prol do letramento racial mostra-se inevitável para o levantamento de questões socioeconômicas e políticas. No que diz respeito às formas de representação da mulher negra no cinema e a ocupação das mesmas no mercado audiovisual é vital levar em consideração que a estruturalização do racismo intensifica significativamente o cenário como um todo.

1 O uso do nome em letras minúsculas é fruto do posicionamento político da autora que procura ressaltar seu trabalho e não ela própria como indivíduo, distanciando-se dos formalismos linguísticos e acadêmicos.

Laura Mulvey, crítica cinematográfica e feminista britânica, dissertou sobre a temática em seu ensaio intitulado “Prazer Visual e Cinema Narrativo”. Segundo a autora, as obsessões psíquicas da sociedade estão estampadas nas obras cinematográficas. O pensamento de Laura se estende de modo a constatar que “o cinema alternativo deve começar especificamente pela reação contra essas obsessões e premissas” (MULVEY, 2018, tradução Mariana Amaral).

O ponto defendido por Laura é de extrema relevância, pois, além de ter sido argumentado em uma época onde os debates sobre gênero e cinema eram escassos, o manifesto foi responsável por expandir a consciência coletiva referente aos impactos sociais da cena filmica. Tais implicações revelam a necessidade da transgressão fílmica, estrutural e culturalmente.

Mulvey também argumenta sobre o papel do cinema transgressor, a autora afirma que “o cinema alternativo por outro lado cria espaço para o aparecimento de um outro cinema, radical, tanto no sentido político quanto no sentido estético e que desafia os preceitos básicos do cinema dominante.” (MULVEY, 2018, tradução Mariana Amaral). Com o fragmento, a autora reafirma a ação do cinema político feminista na desconstrução da cinematografia tradicional.

Mulvey delineia o conflito de questionar o inconsciente linguístico estruturado e reproduzido por meio das produções cinematográficas. Diante da cultura patriarcal, que encarca as subjetividades e compromete o senso crítico, as representações femininas nos filmes passam a performar estereótipos extremamente sexualizados e/ou submissos. O prazer visual, dentro dos limites apresentados, seria então a satisfação dos desejos e obsessões da cultura na qual os filmes são produzidos.

Acoplado à exigência cultural de representação da imagem da mulher nas narrativas, o cinema dominante habita não só a mente de seus espectadores, mas também age como reafirmação. Hábitos de consumo e rotina, socializações, questões intrapessoais, linguagens e códigos sociais são exemplos dessa incorporação na arte. Ainda que inconsciente e silenciosa, a potência dos universos diegéticos interpõe-se entre os processos de subjetivação e culturalização dos indivíduos.

A identificação e representação, frente e atrás das telas, simbolizam a essencialidade da origem do manifesto fílmico feminista. Pois, se o universo diegético carrega atributos do mundo físico, o consumo de produções plurais é capaz de criar conexões a respeito de contextos diferentes dos quais foram normalizados e generalizados. Logo, o exercício do cinema transgressor se faz necessário tanto para o compartilhamento de narrativas, como para a ocupação de espaços.

Da necessidade de um cinema que fosse de encontro com as pautas feministas culminou o surgimento de um contracinema. Caracterizado por uma manifestação cultural alternativa aos produtos audiovisuais influenciados pelo patriarcalismo da experiência social. A abstração fálica para dentro da indústria cinematográfica foi analisada e discutida

por cineastas e críticas nos anos 70, momento de intensa efervescência, principalmente em relação às grandes produções Hollywoodianas, repletas de condutas e práticas machistas.

A fim de traçar um raciocínio que permeia o cinema realizado por mulheres e a representação das mesmas nas telas, serão analisadas as proposições de Ann Kaplan. A autora oferece reflexões relevantes para os estudos do cinema feminista, contribuindo para a elaboração de uma nova subjetividade e de perspectivas críticas no que tange o recorte de gênero da temática.

Em seu livro “A Mulher e o Cinema” (1995), Ann Kaplan reconhece que as perspectivas feministas sobre a produção cinematográfica não devem ser apenas uma pauta para as mulheres, mas sim, para todos, uma vez que tais críticas buscam remodelar a recepção sociocultural de tais obras. Sendo assim, a existência de um cinema diverso deve ser encarada como necessária para o progresso da conquista de espaço e direitos.

Não somente a existência de um cinema realizado e vivido por mulheres suporta a carga transformadora necessária em sociedade, nessa perspectiva, a receptividade social constitui parte determinante dentro desse processo. Sendo assim, a luta do manifesto filmico feminista requer além do público em sintonia com seu conteúdo, é substancial que tais produções sejam reconhecidas, consumidas e difundidas.

A obra literária de Ann Kaplan representa um expoente atemporal no estudo do cinema político feminista, à vista disso, suas concepções são difundidas até hoje. Ann atua como professora de Inglês e Análise e Teoria Cultural na Stony Brook University (Stony Brook University, 2021), e seu trabalho continua sendo impresso nos Estados Unidos, apesar disto, a última edição traduzida de “Mulheres no Filme: os dois lados da câmera” é datada de 1995. Portanto, dada às circunstâncias da essencialidade da autora, o texto analisado será a tradução citada anteriormente.

A respeito da relação entre a narrativa e as vivências materiais, a autora discorre sobre os significados e impactos dos termos diegese e discurso. Segundo ela:

A narrativa do filme combina diegese e discurso e representa uma cadeia de eventos que ocorrem dentro de um determinado período de tempo, numa relação de causa e efeito. A diegese é o material denotativo da narrativa do filme (a história: ações, acontecimentos, personagens, objetos de cena), enquanto o discurso refere-se aos meios de expressão (o uso da linguagem e de outros sistemas de signos numa ordem espaço-temporal) e não ao conteúdo. No discurso estão contidos também, como pontos de referência, as condições para a expressão, a fonte da articulação (“eu”) e um destinatário (“tu”) (KAPLAN, 1995, p. 39)

Diante da afirmação, é possível vislumbrar os impactos de um cinema majoritariamente construído por discursos provindos de experiências privilegiadas da sociedade. Se a grande massa consome um conteúdo cinematográfico baseado nos princípios e olhares masculinos, é certo que a influência exercida por este material não comportará narrativas historicamente excluídas, alimentando assim o processo de marginalização com base no gênero.

A partir da abstração, Kaplan, reconhece que o cinema incorpora os processos da socialização. Por conseguinte, o rompimento com a narrativa clássica tradicionalista manifesta a transformação da figura feminina em sujeito social e político, abandonando a materialização do fetichismo masculino em relação às mulheres e suas condutas. Este distanciamento configura um exercício individual e coletivo, fundamentado na necessidade de desmistificar os significados do fenômeno.

Seguindo o raciocínio, a identificação do público em relação aos personagens e contextos dos filmes é de extrema importância para a construção da identidade do próprio indivíduo, uma vez que o consumo do audiovisual delineia uma parcela significativa da demanda sociocultural. Desta forma, ao valorizar obras chefiadas por mulheres podemos enxergar personagens e vivências provindas do olhar de mulheres, e não por meio da perspectiva masculina.

A partir do conceito de cinema alternativo, enxerga-se um espaço apto para transformações estéticas e políticas, que movimentam as estruturas da internalização patriarcal. A influência do contracinema promoveu estudos e reflexões sobre o falocentrismo cinematográfico, e suas contribuições são discutidas até hoje no campo de estudos audiovisuais.

O cânone da submissão e sexualização dos corpos femininos não devem ser analisados apenas dentro do universo diegético, mas também na cadeia produtiva fílmica. A desmoralização e desvalorização da imagem da mulher nas equipes e sets de filmagens expressam consequências da estrutura patriarcalista. Muitas vezes, comprometendo assim a participação das mesmas no mercado cinematográfico.

Por conseguinte, o exercício do cinema, viabiliza um espaço de luta e teorização para o movimento feminista e o progresso dos direitos socioculturais da mulher. A perspectiva feminista dos produtos audiovisuais preconiza a quebra da linguagem narrativa tradicional, colocando em primeiro plano figuras e as vivências das mulheres. Tal ação promove um debate plural e uma aproximação do público com a materialidade dos contextos de classe e gênero.

Ao romper com a cinematografia patriarcal, o contracinema torna-se agente de democratização do discurso feminista e antirracista. Por meio dos aparatos narrativos, histórias e vivências marginalizadas são conhecidas, corpos são valorizados, injustiças e violências são expostas. Em uma dinâmica onde o exílio social opera de forma brutal, utilizar-se da potência da indústria cinematográfica para dar voz àquele que é silenciado, caracteriza um expressivo mecanismo de luta.

O impacto do cinema na construção da subjetividade

Para fomentar uma análise clara sobre a relação do cinema com a construção da subjetividade, é necessário primeiro traçar parâmetros e expor os embasamentos empregados na definição do conceito acima citado. A partir disso, torna-se essencial, também, manifestar a existência de diferentes linhas de pensamento no que diz respeito à denominação do objeto de estudo. Por isso, mediante à conceituação e considerando a natureza exploratória do trabalho, foi adotada a abordagem da Psicologia Histórico-Cultural, objetivando uma pesquisa que favoreça o não reducionismo.

São copiosos os debates sobre a significação e aplicação do termo subjetividade na atualidade. Não apenas em áreas do conhecimento como Filosofia e Sociologia, mas também a Psicologia e suas vertentes são capazes de articular estudos relevantes a respeito do tema. À vista disso, abordaremos a seguir a linha de raciocínio que considera a formação da propriedade subjetiva com base na realidade material e nas relações sociais. (LEONTIEV, 1978/1983, p. 44, apud AITA e Facci, 2011, p. 34).

O indivíduo, como ser social e ativo, exerce determinadas funções que convergem para ações e reações, tanto no escopo das relações interpessoais como no ambiente físico em que o mesmo se encontra. Por isso, não pode ser encarado sobre uma perspectiva reducionista ou compartmentalizada, uma vez que são diversos os campos que compõem a estrutura social. Assim sendo, podemos afirmar que “o indivíduo se constitui a partir do outro, desenvolvendo-se em um específico contexto sócio-histórico-cultural” (AITA e Facci, 2011, p.36).

Ao encarar o desenvolvimento dos indivíduos, pessoal e coletivamente, como resultado de um processo histórico e social, estamos abrindo espaço para a contribuição dos pressupostos marxistas diante da complexidade que configura a organização da sociedade e o curso de evolução. Analisar tal processo considerando as partes que compõem o todo e o panorama dessa junção é essencial para não ir de encontro ao tendencionalismo e à superficialidade. Mediante a afirmação, devemos compreender que a subjetividade não é somente um objeto estático de estudo, mas sim, um processo mutável que abstrai ecos socioculturais. Logo, podemos concluir que:

“Portanto o homem só se torna homem ao apropriar-se do mundo, e a constituição da sua subjetividade caminha desse ir e vir do mundo interno para o mundo externo, numa relação dialética entre objetividade e subjetividade” (AITA e Facci, 2011, p. 35).

Essa internalização dos aparatos culturais é um processo retroalimentativo, uma vez que tais elementos externos são construídos socialmente pelos próprios sujeitos sociais. Por conseguinte, expõe-se a reafirmação da necessidade de afastamento do pensamento compartmentalizado, compreendendo que sociedade e indivíduo devem ser encarados juntamente. Abordando mais precisamente os estudos da Psicologia Histórico-Cultural, Maria Eliza Mattosinho Bernardes (2011), discorre sobre o fenômeno da formação da consciência.

Ao analisar o desenvolvimento do psiquismo dentro da lógica histórico-cultural, Bernardes infere que a consciência é produto das relações e da vida social. O pensamento da autora se estende de modo a constatar que a perspectiva materialista histórica dialética no estudo é concedida pela visão de que a natureza que influi sobre o indivíduo são as conjunções históricas e que esse sujeito opera sobre as mesmas, concebendo, portanto, “novas condições de existência” (BERNARDES, 2010, p. 301).

Toda a teorização apresentada até o momento busca incorporar áreas do conhecimento científico na definição de um termo muitas vezes encarado por uma ótica etérea. Ao discutir sobre a subjetividade, ainda que considerada uma singularidade do indivíduo, e por isso, de caráter individual, devemos pontuar que tal sujeito ocupa um espaço social, cultural e econômico na dinâmica em sociedade. Logo, não está isento dos impactos que o ambiente que o circunda exerce e das relações que o envolve.

Diante disso, o processo de abstração dessas atividades coletivas tem relação com o modo como o indivíduo encara o mundo e os aspectos estruturantes do mesmo. Assim, a consciência individual é fruto de uma internalização da consciência coletiva social. O sujeito, ao ocupar determinado espaço, está intrinsecamente ligado ao sistema do ambiente externo. Segundo Vygotsky (1931/2000 apud AITA e FACCI, 2011, p. 35) a conduta de um adulto culturalizado é fruto do processo biológico evolutivo dos seres e do processo histórico, responsável pela culturalização dos sujeitos.

Partindo do pensamento de internalização dos instrumentos culturais, o fenômeno de socialização dos indivíduos é capaz de materializar todo o processo de transmissão e assentamento cultural entre gerações. Paralela à formação do sujeito culturalizado, como definiu Vygotsky, é possível enxergar o reflexo da sociedade e a transformação das condutas. Em outras palavras, não considerar o fator histórico e o movimento evolutivo é partir de um raciocínio negligente.

De acordo com Bernardes, essa concepção dialética do elemento subjetivo promove a superação “das condições alienantes em que vivemos na sociedade contemporânea” (BERNARDES, 2010, P. 312). Ao suscitar a reflexão da contemporaneidade podemos concluir que, imersos em um mundo globalizado e na era da exponencial difusão informacional, discursos e formas de linguagem são carregadas com a bagagem cultural do interlocutor, podendo assim, atuar como elementos de influência.

Mediante ao alinhamento lógico de que a subjetividade, expressão singular do indivíduo, possui raízes nas relações sociais e no meio externo ao qual esse sujeito pertence, a concepção da fluidez entre o mundo concreto e abstrato torna-se evidente. Portanto, se esse ator social, que ocupa um espaço, ao mesmo tempo influencia e é influenciado, as expressões artísticas e manifestações comunicacionais são, consequentemente, reflexos das experiências em sociedade.

Vale ressaltar que ao considerar a abordagem da Psicologia Histórico-Cultural na concepção da subjetividade, o presente trabalho não se desfaz do pensamento de que

os anseios e instâncias pessoais estejam presentes nesse processo, mas sim, age em conformidade para abertura de um debate sobre a fluidez do objeto de estudo. Por essa razão, é preciso partir de uma lógica reflexiva e multidisciplinar.

Diante disso, até o momento, o estudo foi responsável por apresentar e fundamentar o conceito de subjetividade dentro das concepções da Psicologia Histórico-Cultural, área de relevante estudo que promove uma argumentação dialética e não reducionista. Após expor os parâmetros que circundam tal conceito, fica evidente a relação da formação subjetiva do indivíduo com as construções socioculturais do mundo externo.

Partindo então do pressuposto de que a subjetividade tem relação direta com as relações sociais e a experiência provinda do espaço sociocultural que ocupamos, podemos adotar a postura de que as produções, em suas mais variadas instâncias e formas, não estão desvinculadas dessa dinâmica. Portanto, não seria errôneo mapear o vínculo da construção do elemento subjetivo às formas de ficção. No caso dessa pesquisa analisaremos mais especificamente as narrativas cinematográficas como o eixo central dessa estruturação.

Da ação cinematográfica originam-se diversos elementos expressivos, visuais e sonoros, que permitem simultaneamente captar e incitar estímulos. Diante desse caráter imersivo, um filme é capaz de ultrapassar sua tela de exibição e dialogar com seu espectador. Esse encontro entre público e obra não deve ser encarado sobre uma perspectiva restrita ou ínfima, uma vez que os indivíduos são seres complexos com particularidades próprias e diferentes arcabouços culturais.

O processo de concepção de uma obra cinematográfica é extenso e desde sua ideia original as inclinações dos autores estão presentes. A escolha de um ponto de vista, seja do olhar objetivo da câmera aos personagens da narrativa dentre tantos outros, faz com que a perspectiva da produção adote uma postura estética e intencional que acarretará no discurso oferecido pelo filme.

Na pesquisa de Henrique Codato intitulada “Cinema e Representações sociais: alguns diálogos possíveis” (2010), é possível acentuar a linguagem técnica abordada pelo autor a fim de exemplificar o pensamento. Em relação ao cinema como estrutura de construção de produtos, a montagem² representa um fator determinante na significação das cenas de um filme, uma vez que são definidas pelo eixo e objetivo do discurso pretendido pelos autores da obra.

Segundo Codato, “enquadrar pressupõe uma escolha” (2010, p. 53), sendo assim, mais do que apenas registrar imagens em movimento, a forma como as mesmas são capturadas e posteriormente organizadas, delineia a estética intencional do cineasta e o discurso proposto. Logo, fazendo referência ao aspecto representacional dessas imagens, “quando partilhadas e compartilhadas pelos membros de um grupo, possibilitam o aparecimento de uma visão mais ou menos consensual da realidade” (2010, p. 48).

2 O termo faz referência ao processo de selecionar e ordenar as cenas e planos capturados na produção de um filme, dessa ação origina o discurso, intenção e mensagem da narrativa.

É fundamental salientar que essa representação social não se trata apenas de uma transcrição fiel e crua da realidade, mas sim de uma mediação complexa e profunda, que incorpora em si metáforas e gatilhos do inconsciente. Portanto, é necessário considerar as transformações produzidas fora do ambiente filmico, ou seja, abranger no debate o mundo objetivo e concreto.

Cotado afirma que “é através dos discursos, das imagens e das mensagens midiáticas que tais representações circulam” (2010, p. 50). A colocação do autor ainda se complementa de modo a constatar o papel essencial dos meios de comunicação de massa na “cristalização de condutas” (JODELET, 2001 apud COTADO, 2010, p. 50). Em conclusão, essa materialização mediada pelos elementos e aparatos disponíveis, seria responsável por afetar a “realidade material, coletiva e ideativa” (CODATO, 2010, p. 50).

Nesse sentido, o cinema, atuando como elemento representacional do real, faz com que as experiências dos indivíduos, como analogia “remetentes” e “destinatários” da mensagem cinematográfica, sejam determinantes no momento do consumo desse discurso. Dado isso, o caráter empírico do movimento de ação e reação filmica, é capaz de construir diferentes resultados no que tange o papel da sétima arte na construção da subjetividade.

O cinema contempla diversas formas de expressão, isso porque mediado por aparatos visuais (cores, ângulos, cenários, figurinos, iluminação) e sonoros (efeitos, diálogos, trilhas) é capaz de construir todo um universo diegético de significação própria e/ou diretamente espelhado na realidade. Entretanto, o sentido captado de uma narrativa não é universal, uma vez que somos sujeitos sociais com relações repletas de alteridade.

Analizando a fala de Young (2014) no livro “A Psicologia Vai ao Cinema: O Impacto Psicológico da Sétima Arte em Nossa Vida e da Sociedade Moderna”, Duarte e Carlesso (2019), apresentam contribuições a respeito da estrutura simbólica dos filmes. As autoras afirmam que “o cinema de um modo geral é uma forma unificada de refletir sobre os símbolos” (2019, p. 8), e que essa significação permeia entre autor, cineasta, atores e espectadores. Portanto, no momento em que um filme ultrapassa a tela e vai de encontro à compreensão pessoal do telespectador, de acordo com suas experiências, é quando o cinema ganha vida.

As significações construídas a partir das narrativas cinematográficas, entrelaçam ficção e realidade, a fim de contribuir para a compreensão do discurso e mensagem das obras. Duarte e Carlesso ressaltam que a cinematografia “provoca experiências psíquicas profundas em indivíduos telespectadores” (2019, p. 14) e que desse efeito origina-se a reflexão, “resultando em processo de subjetivação (2019, p. 14). O pensamento delas se estende de modo a constatar que:

“É possível realizar associações entre o cinema e a construção e reconstrução da subjetividade, de modo que a arte cinematográfica poderá permitir reflexões acerca do sujeito e daquilo que ele próprio se reconhece” (2019, p. 14).

O termo “reconstrução” usado no fragmento acima é essencial na concepção do fenômeno sociedade-cultura como processo e não objeto estático. A partir dessa lógica fluida de se discutir a temática, fica evidente que a relação entre o movimento de culturalização dos indivíduos opera constantemente na concepção que os mesmos elaboram de si e do mundo ao seu redor. Dessa forma, assim como exposto anteriormente, uma discussão limitada e compartmentalizada não se mostra viável, pois pode ser responsável por produzir conclusões estigmatizadas e superficiais.

Conforme a sétima arte ultrapassa sua função primária de entretenimento e se posiciona como elemento estruturante da cultura, as narrativas filmicas transformam-se em espaço de reflexão e análise. No entrelaço das perspectivas de subjetividade expostas e discutidas por meio da Psicologia Histórico-Cultural com a representação e identificação no processo de subjetivação dos indivíduos ao consumir obras cinematográficas, concebe-se o cinema crítico, com valores político-sociais.

A partir disso, o cinema, seria então uma forma de propor modos alternativos de identidade, existência e relações. Essa prática dialoga com as motivações de transgressão, necessárias em uma sociedade marcada pela imobilidade mental de questionar, contexto que facilita a manipulação por meio de uma mídia massificada e hierarquizada. Tal cenário permite que as narrativas e a indústria cinematográfica ultrapassem o abstrato e assumam elementos concretos, muitas vezes transcritos pelos interesses das instituições dominantes.

A prática de problematizar os discursos originados dessa mídia massificada deve ser transferida também para a cinematografia, já que a indústria filmica é um complexo de representações, significações e discursos. Diante da contextualização, Vasconcelos e Nogueira desdobram-se sobre o trabalho de Rosa Maria Bueno Fischer, pesquisadora na área do Discurso e da Educação, evocando seus estudos no dossiê Cinema, Experiência e Subjetividades.

Com tal interlocução, as autoras produziram “A Subjetividade como Resistência às Formas de Sujeição: O Cinema na Educação” (2018). Estruturado por uma entrevista realizada com Rosa Maria, o debate do dossiê permeia os caminhos que a sétima arte percorre e vai de encontro aos modos de existência, traçando as conjunturas da indústria cinematográfica na formação dos sujeitos contemporâneos.

Muito além de uma simples influência, atualmente, os aparatos midiáticos atuam diretamente na formação de nossa personalidade e identidade. Dentro dessa lógica, o cinema, como parte desse conjunto de expressões visuais e sonoras, age ainda que inconscientemente na construção das nossas visões de mundo e de nós mesmos. Certos dessa concepção abrangente sobre a função cultural que exerce a indústria filmica, analisaremos a seguir a fala de Fischer a respeito da estruturação subjetiva a partir do exercício da sétima arte.

A pesquisadora se debruça sobre o pensamento de que ao assumir o posto de espectador, portanto, apenas de observador e não de agente ativo, em determinada obra

cinematográfica não estamos isentos da experiência que acontece no espectro diegético. De acordo com Fischer, “é possível, a partir de uma narrativa cinematográfica, fazer vergar forças que nos constituem historicamente, forças de saber e poder” (2018, p. 31).

Para ela, a ficção é capaz de nos auxiliar no processo de superação de perdas, sonhos e desejos. Por meio de uma narrativa criada pela alteridade, ou seja, pelo outro, há a possibilidade de identificação. Esse exercício de reconhecer-se em algo externo é fundamental para a concepção e afirmação de nossa identidade, pois, se há uma falha na representação de determinados grupos em um mundo composto fundamentalmente por aparatos imagéticos, a existência dos mesmos é marginalizada e relegada à invisibilidade.

Mediante à perspectiva construída fica evidente o caráter social que o cinema pode exercer na ocupação de espaço, tanto físico como metafórico, por parte dos grupos historicamente excluídos. Por essa razão, a cinematografia social deve buscar incorporar em suas estruturas um viés que priorize a pluralidade de gênero, raça e classe. Quando representados e incluídos no sistema de produção filmica, esses indivíduos são atingidos tanto pelo senso de pertencimento como pela promoção da legitimação de suas identidades.

Nessa reflexão, o termo “identidades” assume uma posição de sinônimo do conceito de sujeito social, que como discutido previamente, ocupa uma posição sociocultural e econômica dentro da estrutura em que vivemos. Seguindo a perspectiva de pertencimento e representação, ao encarar o outro extremo da linha de raciocínio há um cinema elitista e patriarcal, construído por indivíduos que vivenciam experiências privilegiadas na dinâmica de sociabilidade.

Atrelado à teoria feminista e antirracista, é possível evidenciar a relevância da expressão filmica no rompimento com o cinema tradicional, tanto nas narrativas como no ambiente profissional. Com isso, novas perspectivas são introduzidas e a pluralidade preenche o espaço antes destinado ao aspecto fálico. Dessa forma, a representatividade da mulher no audiovisual demarca uma parcela da emancipação cultural fundamental para a reestruturação da cadeia produtiva cinematográfica. Ao valorizar as vivências das mulheres na área, é elucidado o vínculo entre sociedade e sétima arte, expondo a inevitabilidade da transgressão cultural.

Estatísticas cinematográficas e suas implicações

Análise da Produção Fílmica Brasileira entre 1995 e 2019

Com o intuito de contextualizar de forma quantitativa o cenário exposto anteriormente, serão analisados dados referentes à participação feminina no mercado audiovisual brasileiro. A verificação fundamenta-se em relatórios disponibilizados pelo Observatório Brasileiro do Cinema e do Audiovisual (OCA), iniciativa que oferta informações produzidas pela Agência Nacional do Cinema (ANCINE). Sendo assim, o presente trabalho faz uso essencialmente de estudos críticos na área e parâmetros quantitativos de orgãos competentes.

Segundo Gimenez, Doutor em Administração e Especialista em Cinema, “mesmo quando há registros de mulheres no fazer cinematográfico brasileiro, esta sempre foi minoritária quando comparada à dos homens” (2020, p. 1497). Paralelo a esse cenário, Holanda e Tedesco (2017), manifestam que ainda com o aumento da busca por estudos sobre a presença cinematográfica feminina, os levantamentos disponibilizados até o momento são insuficientes ao considerar o papel exercido pelas mesmas na indústria filmica.

Diante da conjuntura de escassez, tanto da presença feminina no mercado cinematográfico e do conteúdo investigativo a respeito do tema, debruçar-se sobre o panorama implica em uma intensa movimentação de estruturas. Para Holanda e Tedesco, “o terreno é muito vasto, ainda há muito a ser ocupado, a ser compreendido.” (2017, p. 14). Partindo desse pressuposto, explorar os valores numéricos da participação das mulheres na indústria audiovisual é, também, questionar o papel das políticas públicas inseridas em um escopo de equidade cultural.

A análise dos dados quantitativos foi realizada por intermédio do levantamento estatístico de Fernando Antonio Prado Gimenez (2020) referente aos filmes lançados entre os anos de 1995 a 2019. O pesquisador empregou como base as informações disponibilizadas pelo OCA e pelo portal Filme B, este último sendo um site especializado no mercado cinematográfico brasileiro. A fim de pontuar de forma mais precisa, os documentos utilizados no processo foram os arquivos intitulados Listagem de Filmes Brasileiros lançados 1995 a 2018, Resultados Mensais do Cinema Brasileiro e o Informe Anual Preliminar Salas de Exibição 2019.

Por meio da intersecção entre os relatórios citados, a relação de Gimenez totalizou 1.918 filmes lançados entre 1995 a 2019, um período de vinte e cinco anos. Dentre esse total, ao desconsiderar nomes que somam mais de uma produção, os números mostram que 1.285 cineastas são autores de pelo menos uma obra, ou seja, inserido no intervalo de tempo analisado esse dado corresponde à somatória dos nomes responsáveis pela direção de filmes lançados

Seguindo a lógica, entre os 1.285 cineastas, somente 25,6% (262) correspondem a mulheres, os outros 74,4% (1.023) são homens. O cenário qualifica menos de um terço de atividade feminina nesses 25 anos. Fica evidente, então, a discrepância da participação no mercado fílmico brasileiro referente às funções atribuídas ao diretor cinematográfico. A tabela abaixo ainda mostra que a evolução do número de diretoras com o passar dos anos não foi capaz de acompanhar o crescimento de homens no cargo de direção.

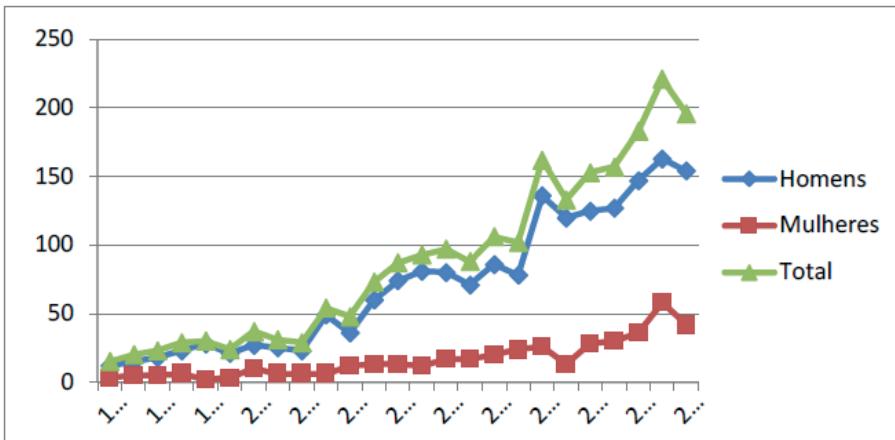


Gráfico 1 – Evolução da presença de homens e mulheres na direção de filmes brasileiros

Fonte: Gimenez, 2020.

Fica visível que o aumento no número homens na direção de filmes encontra-se muito próximo do número de produções nacionais totais. Ademais, ao considerar que em 2019 a população feminina correspondia a 52,2% do total, de acordo com a Pesquisa Nacional de Saúde, divulgada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o panorama baseado no recorte de gênero se agrava consideravelmente.

Gimenez analisou também o cenário em relação à exibição do número de filmes em salas de cinema nacionais. Ao identificar que 31 cineastas, sejam diretores ou diretoras, haviam lançado sete ou mais obras, aplicou o recorte de gênero no resultado. O resultado da investigação apresentou 27 homens e apenas 4 mulheres. A fim de estabelecer uma comparação mais precisa, o pesquisador aprofundou-se nos números, qualificou para a análise as 21 cineastas com quatro ou mais filmes exibidos nos 25 anos.

Homens	Filmes	Mulheres	Filmes
Roberto Santucci	14	Lucia Murat	10
Evaldo Mocarzel	13	Tizuka Yamasaki	8
Andrucha Waddington	12	Cris D'Amato	7
Moacyr Góes	11	Sandra Werneck	7
Daniel Filho	10	Daniela Thomas	6
Domingos de Oliveira	10	Julia Rezende	6
Beto Brant	9	Lina Chamie	6
Eduardo Coutinho	9	Tata Amaral	6
Jorge Furtado	9	Anna Muylaert	5
José Joffily	9	Izabel Jaguaribe	5
Júlio Bressane	9	Laís Bodanzky	5
José Eduardo Belmonte	8	Maria Augusta Ramos	5
Sergio Rezende	8	Carla Camurati	4
Bruno Barreto	7	Claudia Priscilla	4
Gabriel Mascaro	7	Eliane Caffé	4
Guto Parente	7	Helena Solberg	4
Heitor Dhalia	7	Mara Mourão	4
Helvécio Ratton	7	Marília Rocha	4
José Alvarenga Jr.	7	Monique Gardenberg	4
Murilo Salles	7	Rosane Svartman	4
Paulo Nascimento	7	Susanna Lira	4
Paulo Thiago	7		
Ricardo Pretti	7		
Toni Venturi	7		
Ugo Giorgetti	7		
Walter Carvalho	7		
Walter Salles	7		

Tabela 1 – Cineastas com o maior número de filmes exibidos

Fonte: Gimenez, 2020.

Com base na tabela acima, os homens apresentam uma média de 8,5 filmes lançados no espaço de tempo observado, ao passo que as mulheres manifestam apenas 5,3. De acordo com o autor, “além das mulheres serem um conjunto bem menor do que o dos homens que lançaram filmes produzidos no Brasil, estas têm maior dificuldade de serem mais assíduas no mercado.” (GIMENEZ, 2020).

Ao observar a discrepância nos números do cinema brasileiro sob um recorte de gênero, não apenas o impacto narrativo dessa predominância masculina em produções deve ser explorado. É necessário apontar para o fato de que a carência de participação feminina no mercado cinematográfico dialoga também com o âmbito econômico. Uma vez

que não é viável projetar a emancipação sociocultural da mulher sem considerar o efeito da autonomia financeira inserido dentro desse escopo de mudança.

Análise da Participação Feminina na Produção Audiovisual Brasileira em 2018

Os dados analisados no tópico anterior são referentes à direção dos filmes fazendo-se de uma perspectiva geral do mercado nacional, adiante serão expostos os demais cargos ativos na indústria cinematográfica. Por meio do relatório de Participação Feminina na Produção Audiovisual Brasileira 2018, análise com tal recorte divulgada pelo órgão competente, será possível construir uma análise comparativa, além de fomentar ações e debates a fim de proporcionar equidade de gênero no setor fílmico.

A publicação em questão expõe de forma quantitativa informações referentes às áreas de direção, roteiro, produção executiva, direção de fotografia e direção de arte das produções cinematográficas que emitiram um Certificado de Produto Brasileiro (CPB) em 2017 e 2018. Serão analisados percentuais gerais comparativos dos dois anos e as demais estatísticas sobre os tipos de obra.

A partir dos Certificados de Produto Brasileiro emitidos em 2018, os dados apontam que somente 20% dos filmes foram dirigidos apenas por mulheres, enquanto 72% são homens e 8% direção mista. No segmento da roteirização destes CPB's os números emitidos são 25% de participação feminina, 60% masculina e 15% mista. Diante da quantificação relativa às duas frentes mais difundidas no discurso cinematográfico, os percentuais de cineastas e roteiristas mulheres não alcançam nem metade do espaço ocupado por homens na cadeia produtiva.

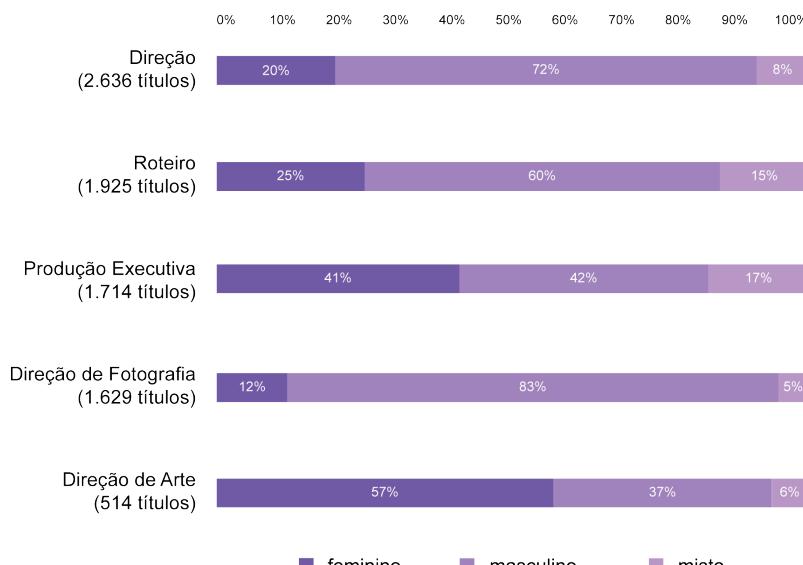


Gráfico 2 - Percentuais de Gênero 2018

Fonte: ANCINE, 2018

O cargo de direção de fotografia representa o menor índice de participação feminina, com apenas 12%, enquanto 83% são masculina e apenas 5% mista. Os melhores números são representados pelos setores de produção executiva, com 41%, e direção de arte, o único que ultrapassa a participação masculina nos Certificados de Produto Brasileiro de 2018, com 57% do total.

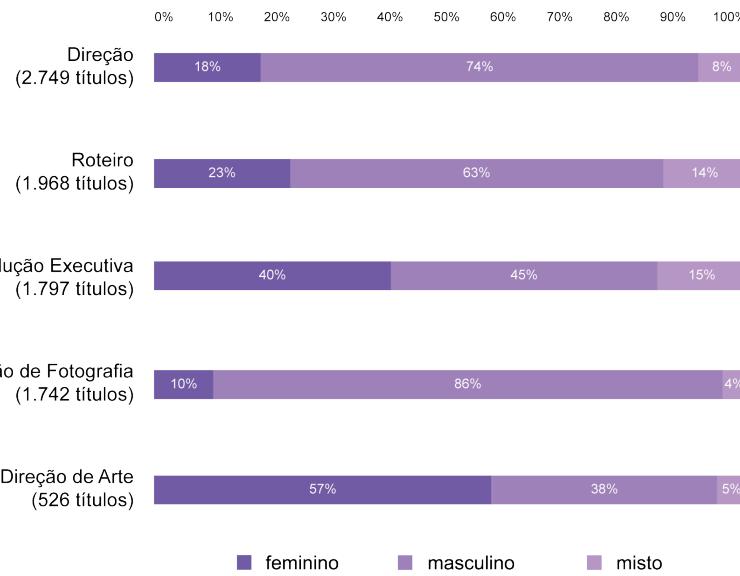


Gráfico 3 - Percentuais de Gênero 2017

Fonte: ANCINE, 2018.

Em comparação às estatísticas de 2017, é possível notar um aumento de 2% da participação feminina nos setores de direção, roteiro e direção de fotografia, além de um ponto percentual em produção executiva. Entretanto, são melhorias extremamente graduais e lentas se considerarmos todo o histórico do segmento cinematográfico nacional e o panorama apresentado no último subtópico.

As publicações expressam de forma objetiva o contexto sociocultural da marginalização do cinema produzido por mulheres. No qual, os obstáculos e a desvalorização sustentam a permanência de uma indústria cinematográfica composta majoritariamente por homens. Dessa forma, torna-se essencial fomentar o debate sobre a temática, com o intuito de impulsionar ações e políticas públicas que atuem na promoção da equidade de gênero dentro do cinema e da visibilidade de narrativas plurais.

Documentário e mecanismos de expressão

Por intermédio dos aparatos audiovisuais, a voz do cineasta toma forma e pode ser compartilhada a partir de determinado recorte da realidade. O cinema, ao possibilitar por meio da ficção a construção de narrativas que dialogam com o mundo concreto, é responsável por assumir fragmentos do real vinculados aos elementos midiáticos. Dessa forma, a produção documental também deve ser encarada além da perspectiva de registro, uma vez que o autor da obra opta por determinada abordagem inserida em seu ponto de vista e experiência de mundo.

Para o crítico e teórico americano, Bill Nichols, “cada documentário tem sua voz distinta” (2005, p. 135), em outras palavras, a parcela do mundo histórico que compõe o ideal da documentação audiovisual é carregada pela voz que a produziu. Essa mediação teria então sua própria forma de expressão e um estilo singular, atrelado à individualidade do autor. Segundo Nichols, há seis tipos de representação inseridas como subgêneros do filme documentário, sendo elas: expositiva, observativa, participativa, reflexiva, performática e poética.

Os modos propostos por Nichols determinam características e elementos comuns entre obras a fim de viabilizar expectativas a respeito da narrativa. Entretanto é importante ressaltar que a qualificação de um produto com determinado sub gênero do documentário não é total, é possível que haja identificação com mais de um tipo, ou seja, “as características de um dado modo funcionam como dominantes num dado filme: elas dão estrutura ao todo do filme, mas não ditam ou determinam todos os aspectos de sua organização” (2005, p. 136).

O surgimento dos sub gêneros documentais provieram da necessidade que os cineastas tinham no processo criativo de um novo filme, assim, quando o modo prévio não atendia à natureza da obra audiovisual, uma nova forma de representação era proposta. Portanto, a mutabilidade das circunstâncias de produção em razão da singularidade provinda de cada indivíduo torna-se elemento fundamental na trajetória do documentário no campo cinematográfico.

É pertinente frisar que o desenvolvimento de diferentes estilos não caracteriza a superação dos anteriores, mas sim, enriquece e complementa os mecanismos de expressão. Em concordância com Bill Nichols, a manifestação de novos modos simboliza “uma nova ideologia para explicar a nossa relação com a realidade e um novo conjunto de questões e desejos para inquietar o público” (2005, p. 138). A partir disso, os cineastas usufruem de instrumentos imagéticos, sonoros, narrativos e práticos, com o propósito de sustentar a voz fílmica pretendida na obra.

Modo Poético

A forma poética de produzir documentários possui raízes comuns com as da vanguarda modernista, pois, carrega em sua estrutura a renúncia aos padrões de montagem contínua, juntamente com os preceitos de posicionamento temporal e espacial significativamente específicos que surgem junto com tal abordagem. Esse modo oportuniza o caráter exploratório da produção visto que objetiva provocar sensações em seus espectadores, sobretudo, por meio dos recursos imagéticos.

O documentário poético ressalta mais um “estado de ânimo, o tom e o afeto do que as demonstrações de conhecimento ou ações persuasivas” (NICHOLS, 2005, p. 138). Em outras palavras, está associado à uma abordagem artística e menos sequencial, que proporciona uma forma alternativa de criar e representar o mundo histórico, por meio de uma construção rítmica e visual. Tais produções absorvem para si a dianteira do movimento vanguardista ao despertar novos olhares.

Bill Nichols relaciona a origem da representação poética à emergência dos filmes modernistas, pois são capazes de representar o mundo concreto em “fragmentos, impressões subjetivas, atos incoerentes e associações vagas” (2005, p. 140). A estética e a narrativa do modo poético estão relacionadas diretamente com o cinema experimental, e por isso, detém significativo valor quando são analisadas dentro dos processos de desenvolvimento e progresso artístico ao longo dos anos.

Seguindo o pensamento do teórico americano, de que a representação poética provém em grande parte da vanguarda filmica, a influência do documentário poético seria então responsável por proporcionar perspectivas determinantes no que diz respeito ao avanço sociocultural. Em contraposição à prática convencional de produzir documentários, o modo poético não configura-se como superior, mas sim, como uma alternativa aos estilos habituais. A escolha de um subgênero ao invés de outro depende fundamentalmente da intencionalidade da obra.

De acordo com Nichols, “o modo poético tem muitas facetas, e todas enfatizam as maneiras pelas quais a voz do cineasta dá a fragmentos do mundo histórico uma integridade formal e estética peculiar ao filme” (2005, p. 141). Dessa forma, o formato analisado viabiliza uma impressão singular da sociedade por intermédio do espaço que o cineasta ocupa como sujeito social, estando intrinsecamente ligado às experiências que o mesmo vivenciou.

Modo Expositivo

Em oposição às principais características do documentário poético, o modo expositivo apresenta uma narrativa comprometida de forma objetiva com a realidade, estruturada pela argumentação e não pela estética visual. O mundo histórico não é retratado por meio da perspectiva emotiva e/ou artística, mas sim, pela retórica. De acordo com Nichols, “os documentários expositivos dependem muito de uma lógica informativa transmitida verbalmente” (2005, p. 143).

Se na representação anterior, a essência da obra era primordialmente sustentada pelas imagens, nesse segundo modo de representar a fração sonora manifesta a parte fundamental da obra. Em *Introdução ao Documentário* (2005), Bill Nichols destaca que os filmes expositivos assumem dois tipos de comentário: a voz over (voz de Deus), quando o narrador é apenas ouvido e não visto; e a voz da autoridade, quando o orador é visto e ouvido.

É importante ressaltar que essa característica demarca uma tradição pautada em um ideal de credibilidade machista, uma vez que “fomentou a cultura do comentário com voz masculina profissionalmente treinada, cheia e suave em tom e timbre” (2005, p. 142). A associação da figura do homem à legitimação da informação transmitida revela mais um indicador de isolamento baseado no gênero, nesse caso, relativo aos preceitos essencialistas e não às necessidades técnicas de cada obra.

Ainda a respeito da função do comentário no modo expositivo, é correto dizer que as imagens operam de forma comprobatória ou demonstrativa do que é falado. Sendo assim, o elemento visual é colocado em segundo plano, essencial para descrever e reforçar a informação difundida pelo orador. Logo, em razão da autoridade que a voz exerce nesse estilo de documentário, os outros recursos técnicos são diretamente influenciados pela execução da expressão verbal.

À vista disso, a técnica da montagem do modo expositivo foi caracterizada por Bill Nichols como necessária para “manter a continuidade do argumento ou perspectiva verbal” (2005, p. 144). O teórico definiu essa ação como “montagem de evidência” (2005, p. 144), pois é possível que tempo e espaço sejam afetados em matéria de continuidade se a quebra for de encontro à sustentação do comentário do orador. Isso significa que a incorporação de imagens distantes entre si são plausíveis na construção da narrativa, já que funcionam como descrição do áudio.

Ao prezar pela objetividade e pelo embasamento da argumentação, a voz filmica da representação expositiva pode ser qualificada como neutra, indiferente, onisciente e distante. Em concordância com o posicionamento de Nichols, o documentário expositivo favorece a “generalização e a argumentação abrangente” (2005, p. 144). Ainda nessa perspectiva, o autor afirma que:

“Esse modo também propicia uma economia de análise, já que as argumentações podem ser feitas, de maneira sucinta e precisa, em palavras. O documentário expositivo é o modo ideal para transmitir informações ou mobilizar apoio dentro de uma estrutura preexistente ao filme. Nesse caso, o filme aumenta nossa reserva de conhecimento, mas não desafia ou subverte as categorias que organizam esse conhecimento” (2005, p. 144).

Diante do trecho exposto, fica evidente que o modo expositivo atende mais às práticas convencionais do que busca propor uma perspectiva alternativa, como a representação poética. Portanto, os filmes expositivos são, sobretudo, ferramentas fundamentais para a transmissão de informações sob uma ótica objetiva do mundo histórico, sem questionar ou desafiar padrões.

Modo Observativo

O documentário observativo propõe um recorte da realidade sem intervenções explícitas, ou seja, esse formato renuncia aos modos de controle da narrativa e composição que os outros possuem. Ele nasce, pois, após a Segunda Guerra Mundial, os avanços tecnológicos no Canadá, Estados Unidos e Europa, foram responsáveis pelo surgimento das câmeras de 16mm e de gravadores de áudio, equipamentos mais leves e de fácil locomoção, o que facilitou a produção desse tipo de produto documental.

A correspondência à observação culminou em produções sem voz over e legendas, sem trilha ou efeitos sonoros, sem encenações para a câmera e sem reconstituições. A figura do diretor permanece isolada no processo de captação, fator que possibilita um acesso verossímil do mundo histórico se realizado da forma correta. De acordo com Nichols, “o isolamento do cineasta na posição de observador pede que o espectador assuma um papel mais ativo na determinação da importância do que se diz e faz” (2005, p. 148).

O modo de representação observativo levanta questões éticas, pois encontra-se fundamentalmente na esfera do ato de observar os indivíduos em ações diversas e o quão próximas da realidade essas captações estão. Essa consideração é feita por se tratar da exposição de experiências e pessoas reais, diferentemente das produções ficcionais. A presença da câmera por si só já seria responsável por afetar o comportamento dos participantes, impactando o compromisso com o real, entretanto, se não informado, são despertados pontos a respeito do consentimento.

Além disso, é preciso questionar também a responsabilidade do cineasta em relação à intervenção de algo que venha a prejudicar os sujeitos sociais da cena. A característica neutra e passiva do diretor no documentário observativo desloca-se para a necessidade de ponderar de forma situacional cada processo de produção. O modo observativo pondera limites entre a integridade e a fidelidade, ao refletir sobre o impacto do cineasta, dos atores sociais e do público.

Modo Participativo

O documentário participativo é responsável por apresentar, pelo ponto de vista do cineasta, como é vivenciar determinada situação. Esse tipo de representação assemelha-se, de acordo com Nichols, à observação participativa realizada em pesquisas dentro das Ciências Sociais, pois o pesquisador vai a campo, integra-se com o meio e reflete sobre a experiência utilizando métodos e ferramentas da sociologia e antropologia.

Os filmes participativos, ao contrário dos observativos, são representados por um sujeito social que faz parte do mundo histórico e coloca-se ativamente na cena. Essa mesma característica pode assumir diferentes posturas a respeito dos testemunhos coletados, seja ela crítica, interrogativa, colaborativa ou interrogativa, todas são responsáveis por construir o viés da obra. Dessa forma, o cineasta aproxima-se das demais figuras, sendo o controle da câmera o ponto de diferenciação entre os lados.

O encontro entre cineasta e tema é parte determinante no modo participativo, pois o recorte do mundo concreto e como este será retratado, está intimamente ligado à perspectiva e postura do autor na cena. O controle da narrativa permeia a participação do ator social e do diretor, que estão envolvidos em uma dinâmica de troca e concessão. Sendo assim, o ato de compartilhar a responsabilidade de representação no filme participativo, culmina no entrelaço de duas ou mais experiências distintas.

Essa forma de documentar dialoga com a ideia de encontro com a verdade, uma vez que a interação entre participante e cineasta é revelada e colocada como elemento pontual da obra. A negociação entre o autor e os indivíduos que representam a temática manifesta os traços de poder envolvidos nessa relação, ou seja, o espectador tem acesso às diferentes camadas que envolvem esse encontro.

A voz fílmica do documentário participativo pode aparecer em primeira pessoa quando se aproxima de uma reflexão sobre os acontecimentos que envolvem o autor, essa forma de narrar assume uma postura de diário pessoal. Entretanto, não é necessário que a voz do cineasta apareça diretamente, é possível apresentar a perspectiva do diretor por meio das entrevistas. Esse segundo modo de se dirigir ao público é uma alternativa que une testemunhos diferentes a fim de tecer uma história.

Portanto, o documentário participativo se faz pelo encontro do cineasta com o tema, seja ele de forma direta ou indireta, pela voz dos sujeitos sociais. Tais componentes são fundamentais nesse modo de representação, integrando assuntos pessoais e históricos com o intuito de produzir um recorte da realidade resultante de determinadas perspectivas.

Modo Reflexivo

Em contraposição ao modo participativo, que dá enfoque na dinâmica entre cineasta e participante, o documentário reflexivo é focado na negociação entre público e cineasta. Os filmes reflexivos não expressam somente a relação extra midiática, mas também levantam questões acerca dos problemas de representação. Nessa forma de representar, os espectadores são convidados a enxergar a produção como um todo, como um processo de construção.

A proposta de realismo faz com que os documentários reflexivos desafiem convenções e técnicas. Esse modo é capaz de expor os processos de criação dos filmes, transparecendo a construção da narrativa e a transposição das cenas captadas nas sequências finais. Nesse sentido, a prática da montagem caracteriza parte importante no conceito de questionar o próprio formato, pois, uma vez exposta, a impressão da realidade não permanece intacta para o público.

Para Bill Nichols, os documentários reflexivos podem ser construídos tanto pela ótica formal como pela política. O autor afirma que “de uma perspectiva formal, a reflexão desvia nossa atenção para nossas suposições e expectativas sobre a forma do documentário em

si" (2005, p. 166). Nichols complementa sobre o segundo sentido, "de uma perspectiva política, a reflexão aponta para nossas suposições e expectativas sobre o mundo que nos cerca" (2005, p. 166 - 167).

O movimento de autorreflexão que esses filmes fazem promove uma análise a respeito dos mecanismos de estruturação da produção audiovisual. Ao expor os processos e os elementos que os compõem, o espectador tem acesso ao escopo do produto. Dessa forma, o documentário passa da necessidade de promover a crença absoluta e vai de encontro à fragmentação, apontando para a consciência do planejamento e elaboração do trabalho.

Modo Performático

O documentário performático é caracterizado principalmente por sua abordagem subjetiva. Dentro desses moldes há uma proximidade muito grande com a produção ficcional, sendo a incorporação de atores ou indivíduos reais que vivenciam a temática o que delinea a diferenciação entre as duas áreas. Esses filmes se dirigem ao espectador por meio de uma perspectiva emocional, ao invés de direcionar os pontos comuns entre obra e público dentro do mundo objetivo.

Nas obras performáticas, o cineasta se distancia da reprodução realista do mundo, empregando "licenças poéticas, estruturas narrativas menos convencionais e formas de representação mais subjetivas" (2005, p. 170). Para Nichols, os filmes performáticos amplificam os acontecimentos reais por meio dos imaginários, combinando os dois universos para a criação de uma estrutura moldada pela sensibilidade e carga emocional.

A fim de depositar textura e densidade no cinema performático, o cineasta faz uso de técnicas expressivas como planos de ponto de vista, musicais, representações de estados subjetivos da mente e fotogramas congelados, juntamente com técnicas de oratória (NICHOLS, 2005). Com isso, o processo criativo do documentário de performance projeta meios e formatos para estimular a sensibilidade dos espectadores.

Para Nichols, o cinema performático procura desprender e mover seu espectador para uma compreensão subjetiva de determinada perspectiva sobre o mundo. O autor exemplifica tal pensamento constatando que:

"A estética feminista pode empenhar-se para deslocar o público, independentemente de seu sexo e de sua orientação sexual, para a posição subjetiva do ponto de vista de um personagem feminista sobre o mundo" (2005, p. 171).

Ao aproximar-se do subjetivo, Bill Nichols discorre sobre a tendência dos documentários performáticos de representar "uma subjetividade social que une o geral ao particular, o individual ao coletivo e o político ao pessoal" (2005, p.171). Essa expressão desdobra-se a fim de abranger não somente sujeitos específicos mas também um efeito de reação social compartilhada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral do trabalho de produzir um mini documentário sobre o cinema feminista e suas implicações socioculturais foi alcançado. Além disso, ainda dentro das intenções de pesquisa, o estudo sobre a indústria filmica empregada como ferramenta política mostrou-se essencial para a consolidação da compreensão de um mercado audiovisual integrado com questões voltadas à inclusão. Portanto, a partir do aprofundamento teórico foi possível vislumbrar cenários passíveis de transformações.

O desenvolvimento do trabalho foi responsável por fomentar uma perspectiva crítica a respeito do exercício cinematográfico. É fundamental ressaltar novamente que o movimento feminista integrado à indústria filmica promove não somente a visibilidade de vivências sob o recorte de gênero, mas também viabiliza a entrada de mulheres no mercado de trabalho. Sendo assim, analisar tal fenômeno se mostrou necessário para o início do movimento de mudança na cadeia produtiva e, consequentemente, da cultura de consumo audiovisual.

O produto finalizado atendeu às expectativas, pois permitiu a troca e compartilhamento de experiências de mulheres dentro do mercado cinematográfico e/ou audiovisual. Tal movimento representa, além dos objetivos acadêmicos, uma circunstância significativa para a própria autora, pois remonta em sua carreira profissional e pessoal a importância da temática. É imprescindível pontuar que o processo de produção proporcionou valiosa prática no que tange a gestão de projetos audiovisuais em suas diferentes etapas.

Espera-se que a pesquisa possa colaborar com futuros estudos sobre o cinema visto pelo recorte de gênero e a relevância do feminismo integrado aos formatos e narrativas audiovisuais. Por fim, ao entender que a ação de questionar é o primeiro passo da transformação rumo a uma sociedade e cultura mais plurais, o presente trabalho deve ser encarado como expressão da inevitabilidade dessa mudança, pois, comprehende em seu escopo a subjetivação dos sujeitos e a ocupação de espaços.

REFERÊNCIAS

AITA, Elis Bertozi; FACC, Marilda Gonçalves Dias. **Subjetividade: uma análise pautada na Psicologia histórico-cultural.** Psicol. rev. (Belo Horizonte), Belo Horizonte , v. 17, n. 1, p. 32-47, abr. 2011 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682011000100005&lng=pt&nrm=iso>.

BARROS, José d'Assunção. **Cinema e história – as funções do cinema como agente, fonte e representação da história.** Ler História, 52 , 2007, p.127-159. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/lerhistoria/2547#notes>>

BERNARDES, Maria Eliza Mattosinho. **O método de investigação na psicologia histórico-cultural e a pesquisa sobre o psiquismo humano.** Rev. psicol. polít., São Paulo , v. 10, n. 20, p. 297-313, dez. 2010 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2010000200009&lng=pt&nrm=iso>.

CARLESSO, Janaína Pereira Pretto; DUARTE, Indianandra Thoasi. **Psicanálise, Cinema e Subjetividade: como a Sétima Arte interfere na Construção e Reconstrução da Subjetividade.** Dialnet, vol. 8, Nº. 4, 2019. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7164665>>

CÁSSIA, Rosana Kamita. **Relações de Gênero no Cinema: contestação e resistência.** Florianópolis, Estudos Feministas, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/9K8vXW7x9JxZxm8rFN8NC7c?format=pdf&lang=pt>>

CASTRO, Christian de. **Participação Feminina na Produção Audiovisual Brasileira 2018.** ANCINE, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/ancine/pt-br/oca/publicacoes/arquivos.pdf/participacao_feminina_na_producao_audiovisual_brasileira_2018_0.pdf>

CODATO, Henrique. **Cinema e representações sociais: alguns diálogos possíveis.** Verso e Reverso, Belo-Horizonte, v. 24 n. 55, 2010. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/44>>

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **A Subjetividade Como Resistência às Formas de Sujeição: O Cinema na Educação.** Revista Científica/FAP, [S.I.], jul. 2018. ISSN 1980-5071. Disponível em: <<http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistacientifica/article/view/2305>>.

GANDRA, Alana. **IBGE: mulheres somavam 52,2% da população no Brasil em 2019.** Agência Brasil, 2021. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-08/ibge-mulheres-somavam-522-da-populacao-no-brasil-em-2019>>

GIMENEZ, Fernando Antonio Prado. **A Presença da Mulher na Direção do Cinema Brasileiro Contemporâneo.** v. 6 (2020): Anais do VI Simpósio Gêneros e Políticas Públicas.

HELLER, Eva. **A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão;** [tradução Maria Lúcia Lopes da Silva]. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de Prefácio. In: HOLANDA, K.; TEDESCO, M. C. (Org.) **Feminino e plural: mulheres no cinema brasileiro.** Campinas: Papirus, 2017. p. 1-12.

HOOKS, bell (Tradução por Carol Almeida). **The Oppositional Gaze: Black Female Spectators.** Fora de Quadro, 2017. Disponível em: <<https://foradequadro.com/2017/05/26/o-olhar-opositivo-a-pectadora-negra-por-bell-hooks/>>

KAPLAN, Ann. **A Mulher e o Cinema.** Rio de Janeiro, Rocco, 1995.

KLIX FREITAS, NELI. **REPRESENTAÇÃO, Simulação, Simulacro e Imagem ca Sociedade Contemporânea.** POLÉMICA, [S.I.], v. 12, n. 2, p. 334-340, jun. 2013. ISSN 1676-0727. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/6435/4861>>.

MASSARO, Geraldo. **Cinema, subjetividade e psicodrama.** Revista Brasileira de Psicodrama, [S. I.], v. 20, n. 2, p. 31-37, 2020. Disponível em: <<https://revbraspicodrama.org.br/rbp/article/view/258>>.

MARTINS, E. DE C.; IMBRIZI, J. M.; GARCIA, M. L. **Cinema, subjetividade e sociedade: a sétima arte na produção de saberes.** Uma experiência de extensão na Universidade Federal de São Paulo. Revista de Psicologia, v. 8, n. 1, p. 75-86, 2 jun. 2017. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/13957>>

MULVEY, Laura (Tradução por Mariana Amaral). **Prazer Visual e Cinema Narrativo**. QG Feminista, 2018. Disponível em: <<https://medium.com/qg-feminista/prazer-visual-e-cinema-narrativo-9749dd27e616>>

MUNIZ, Alex Braga. **Anuário Estatístico do Cinema Brasileiro 2020**. ANCINE, 2020. Disponível em <<https://www.gov.br/ancine/pt-br/oca/cinema/arquivos-pdf/anuario-2020.pdf>>

MUNIZ, Alex Braga. **Anuário Estatístico do Cinema Brasileiro 2019**. ANCINE, 2019. Disponível em <https://www.gov.br/ancine/pt-br/oca/publicacoes/arquivos.pdf/anuario_2019.pdf>

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Papirus Editora, 2005 p. 138-142, 153-162.

SANTOS, G. R. dos; AQUINO, O. F. **A Psicologia Histórico-Cultural: Conceitos Principais e Metodologia de Pesquisa**. Perspectivas em Psicologia, [S. l.], v. 18, n. 2, 2014. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/perspectivasempsicologia/article/view/29471>>.

STONY BROOK UNIVERSITY, Stone Brook Edu. **E. Ann Kaplan**. 2021. Disponível em <<https://www.stonybrook.edu/commcms/english/people/kaplan.php#Biography>>.

CAPÍTULO 7

DO DIREITO AO VOTO FEMININO À POSSE DA PRIMEIRA PRESIDENTA. UMA ANÁLISE DAS MULHERES NAS PRIMEIRAS PÁGINAS

Data de aceite: 01/04/2024

Camila Welikson

Doutora em Comunicação Social
no Programa de Pós-graduação em
Comunicação da PUC-Rio. Mestra em
Estudos dos Media pela Universidade
Nova de Lisboa

Leonel Azevedo de Aguiar

Professor do Programa de Pós-graduação
em Comunicação da PUC-Rio. Doutor e
Mestre em Comunicação (UFRJ)

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; teorias
do jornalismo; jornal *O Globo*; feminismos;
movimento feminista.

FROM THE RIGHT TO WOMEN'S
SUFFRAGE TO THE INAUGURATION
OF THE FIRST FEMALE PRESIDENT.
AN ANALYSIS OF THE WOMEN ON
THE FRONT PAGES

ABSTRACT: This article presents the analysis of a survey about News published on 'O Globo' - a Brazilian newspaper - related to events considered fundamental for the feminist movement. Its purpose is to try to understand how the achievements and advances of this social movement influenced the process of producing journalistic information and how the discursive dispute involving the representation of women was evidenced in well regarded journalism on fundamental moments of the feminist struggle. The theme was investigated based on theoretical studies about publishing criteria, and also from authors who debate the relationship between discourse, power and feminism.

KEYWORDS: Journalism; journalism theories; *O Globo* newspaper; feminism, feminist movement.

RESUMO: Este artigo apresenta as análises de um levantamento sobre as notícias publicadas no jornal *O Globo* relacionadas aos acontecimentos considerados fundamentais para o movimento feminista. O objetivo é tentar compreender como as conquistas e avanços deste movimento social influenciaram o processo de produção da informação jornalística e de que forma a disputa discursiva envolvendo a representação da mulher se evidenciou no jornalismo de referência em momentos fundamentais da luta feminista. Investigou-se o tema com base em estudos teóricos sobre critérios de noticiabilidade e também a partir de autores que debatem a relação entre discurso, poder e feminismo.

INTRODUÇÃO

A reflexão sobre o papel da mulher na História vem ganhando mais espaço entre pesquisadores, mas não foi sempre assim. Desde o pensamento ilustrado do século XVIII até meados do século XX, o discurso político e histórico foi construído com base em um sujeito abstrato e, fundamentalmente, masculino. Por séculos, as mulheres foram ignoradas tanto como personagens quanto como produtoras de conhecimento.

Mudanças neste cenário começaram a ocorrer no final do século XIX, com a primeira onda feminista, quando as mulheres passaram a lutar pelo direito ao voto. Mas foi somente a partir dos anos 1970, com a segunda onda feminista, durante o qual reivindicações e mobilizações políticas e sociais irromperam por toda a Europa e também nos Estados Unidos, que ocorreu a emergência de um debate histórico acerca da mulher. O surgimento da *Nouvelle Histoire*¹ contribuiu para que as mulheres fossem percebidas como agentes integrantes da narrativa histórica e ganhou força o debate sobre a condição de exploração em razão do sexo.

Nos anos 1990, a terceira onda feminista trouxe novas pautas e a introdução do conceito de interseccionalidade², o que tornou o debate mais atento a aspectos relacionados à raça, classe e sexualidade. Já existe uma discussão sobre o surgimento de uma quarta onda feminista, marcada pelo uso massivo das redes sociais para fins de organização, conscientização e divulgação de ideias.

A imprensa acompanhou estes movimentos e transformou o debate público e político em notícia. Foi o caso do Jornal *O Globo*, fundado em 29 de julho de 1925. Funcionou como jornal vespertino até 1962, ano em que passou a ser matutino, e em 29 de julho de 1996 – setenta e um anos após sua inauguração – lançou uma versão digital. O jornal testemunhou, portanto, importantes conquistas da luta feminista.

Segundo Margareth Rago, “as mulheres entram no espaço público e nos espaços do saber transformando inevitavelmente estes campos, recolocando as questões, questionando, colocando novas questões, transformando radicalmente” (1998, p. 159). Daí a importância de estudar a sua representação na imprensa, pesquisar de que modo o reconhecimento do poder do seu próprio corpo na luta por direitos influenciou o seu posicionamento no espaço social e analisar como as notícias sobre mulheres acompanharam as mudanças culturais e históricas.

1 A Escola dos *Annales*, que deu origem à Nova História, contribuiu para a valorização de análises culturais que reconhecem a importância do cotidiano e da esfera privada. Desta forma, cresceu o número de estudos em que a mulher é vista como personagem histórico.

2 O termo “interseccionalidade” ficou conhecido quando a defensora dos direitos civis americana Kimberlé Williams Crenshaw realizou uma palestra na cidade Durban, na África do Sul, em 2001, e usou a expressão para definir uma categoria teórica que enfatiza diferentes sistemas de opressão, em especial aqueles que envolvem raça, gênero e classe. Carla Akotirene aborda o assunto e destaca a sua importância na luta das mulheres negras. Para a autora, a interseccionalidade oferece uma instrumentalidade teórica-metodológica para pensar a questão da inseparabilidade estrutural do racismo com o capitalismo e o cis-hétero-patriarcado. Para saber mais, ver: AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Rio de Janeiro: Editora Letramento, 2018.

As experiências sociais relacionadas ao avanço do feminismo influenciaram o discurso midiático? As notícias publicadas em jornais sobre questões da mulher estão vinculadas a um olhar masculino? Existe uma disputa entre o discurso feminista e o discurso hegemônico patriarcal sobre a mulher, seus direitos, seus interesses e seu corpo?

Para refletir sobre o tema, analisamos as matérias do jornal *O Globo* publicadas no dia seguinte a acontecimentos em que houve ou protagonismo feminino ou decisões importantes na esfera política envolvendo mulheres. O primeiro momento escolhido foi a aprovação, por Getúlio Vargas, em 24 de fevereiro de 1932, do novo Código Eleitoral que garantiu o direito de voto feminino. O segundo momento foi a publicação, em 1945, da Carta das Nações Unidas que reconheceu a igualdade entre homens e mulheres. Escolhemos, também, a fundação da primeira Delegacia da Mulher, em 1985, a promulgação da Constituição Brasileira de 1988, no dia 5 de outubro daquele ano e o decreto da Lei Maria da Penha, em 7 de agosto de 2006. Analisamos, ainda, notícias referentes às eleições das seis primeiras mulheres a assumirem os cargos de prefeita, deputada federal, senadora, ministra de Estado, ministra da Fazenda e presidente do país. Para completar a pesquisa, analisamos a primeira página das 87³ edições do jornal *O Globo* do dia 8 de março, Dia Internacional da Mulher, com ênfase para as últimas 45 capas, a partir de 1975, quando a ONU estabeleceu oficialmente a data.

No campo teórico, utilizamos os principais autores dos estudos de jornalismo que utilizam a metodologia do *newsmaking*, notadamente os critérios de noticiabilidade. Além de aplicar conceitos das teorias do jornalismo, levantamos questões significativas do debate feminista.

Os resultados desta pesquisa, associadas aos textos teóricos, permitiram pensar sobre a relação entre evolução do movimento feminista e produção noticiosa no Brasil e avaliar como a disputa discursiva envolvendo as categorias “feminino” e “feminismo” se evidenciaram na imprensa ao longo do século XX.

Avanços nas ruas, entraves no jornal

O feminismo avançou paulatinamente no século XX e foi somente na década de 1970, com a decisão da ONU de considerar 1975 o Ano Internacional da Mulher, que discussões sobre o tema vieram à tona.

Em países da Europa ocidental como a França, um novo movimento feminista, no começo dos anos 1970, levava às ruas debates como o direito das mulheres ao corpo e ao sexo, o uso da pílula anticoncepcional, a participação das mulheres na política institucional, nas atividades produtivas e de direção, além das transformações aceleradas do que se entendia como família (...). A priorização conferida pela ONU a essa agenda de direitos (...) possibilitou que tais discussões chegassem à arena pública no Brasil, mesmo que com atraso de alguns anos (FREITAS; OLIVEIRA, 2018, p. 73 e 74).

³ Desde a sua fundação até 2019, há 94 edições do jornal referentes ao dia 8 de março, no entanto, há sete jornais que não estão disponíveis no arquivo digital e, portanto, não entraram na contagem.

Foi já no século XXI que o movimento (e também a imprensa) feminista, embarcando na apropriação que os movimentos sociais fizeram das tecnologias de informação e comunicação (TICs), ressurgiu com força, impelindo que fossem colocados em pauta, na grande imprensa, temas que até então eram ignorados.

Ao analisar as notícias publicadas no jornal *O Globo* sobre os avanços feministas no Brasil, percebemos que, na primeira metade do século XX, não havia ainda muita preocupação em transpor para as linhas do jornal o cenário de lutas e transformações que se modelava nas ruas e no campo político.

A aprovação do novo Código Eleitoral, por Getúlio Vargas, em 24 de fevereiro de 1932, foi amplamente noticiada no dia seguinte, com ênfase para algumas mudanças importantes, como a aprovação do voto secreto e proporcionalidade das representações estaduais. Apesar de ter sido neste momento que o direito de voto feminino foi aprovado,⁴ o jornal do dia 25 de fevereiro nada anunciou sobre o assunto. Apenas no dia 29 de fevereiro, a questão foi lembrada em uma matéria intitulada “A concessão do voto às mulheres”, mencionando que a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, antiga sociedade de senhoras, “que vem defendendo o voto feminino como uma das suas mais justas e legítimas aspirações, satisfeita pela realização desse objetivo com a assinatura e publicação da Lei Eleitoral, enviou (...) telegramas aos que lhe deram seu decidido apoio”⁵.

Do mesmo modo que a conquista ao voto passou sem alarde pelas páginas do jornal, a igualdade entre homens e mulheres, reconhecida com a publicação da Carta das Nações Unidas⁶, também não resultou em notícias em *O Globo* no dia seguinte ao acontecimento.

Não se pode ignorar que a conjuntura política nos dois momentos mencionados acima era bastante complexa. No caso da aprovação do Código Eleitoral Brasileiro, pela primeira vez, a legislação fez referência aos partidos políticos, ainda que a candidatura avulsa fosse permitida e inúmeras outras novidades surgiram, entre elas, a proporcionalidade das representações estaduais, assunto considerado prioridade pelo jornal e, portanto, principal notícia.

No caso da elaboração da Carta das Nações Unidas, o mundo ainda estava vivendo o fim da II Grande Guerra e o tema principal a ser abordado pela imprensa não poderia ser outro. De acordo com Marcos Paulo da Silva, “os valores-notícia, entendidos como parâmetros que levam um determinado acontecimento a ser selecionado como noticiável (...) estabelecem-se atrelados a um padrão clássico de ruptura a uma ordem social anteriormente estabelecida” (SILVA, 2014, p. 31). É o que, de fato, vemos nos dois casos citados acima, mas as rupturas relevantes naqueles dois momentos não incluíam quaisquer questões relacionadas às mulheres.

4 O voto feminino foi aprovado com algumas restrições. Apenas mulheres casadas (com autorização do marido), viúvas e solteiras com renda própria podiam votar.

5 Acervo Digital *O Globo*, 29/2/1932, edição vespertina, 1ª Seção, p. 6.

6 Entre os dias 25 e 26 de junho de 1945, representantes de 50 países se reuniram em São Francisco para a Conferência sobre Organização Internacional. No último dia da Conferência, foi assinada a Carta das Nações Unidas que entrou em vigor em 24 de outubro daquele mesmo ano.

Os discursos dominantes são excludentes uma vez que não dão espaço de fala para muitos sujeitos. Isso não significa que exista um único discurso “ilimitado e contínuo”, como alerta Foucault. “Os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem” (FOUCAULT, 1996, p.52-53). Sendo assim, o discurso é uma manifestação de poder e também de tensão e por meio da produção discursiva é impossível apreender a realidade objetiva.

A ideia de discurso como “o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 1996, p. 10) é importante, mas não há espaço aqui para um aprofundamento na proposta foucaultiana, portanto, daremos atenção às questões teóricas próprias do campo do jornalismo a fim de entender a forma de representação da mulher na imprensa entre as décadas de 1930 e 1940.

Marcos Paulo da Silva, citando Herbert Gans, mostra que um acontecimento pode ser eleito como notícia em meio a um amplo conjunto de eventos cotidianos por quatro diferentes razões.⁷ Primeiro, pode ser o resultado do julgamento subjetivo dos próprios profissionais da área e “portanto, as notícias submetem-se e decorrem necessariamente dos vieses – ideológicos e políticos, entre outros – de cada um dos integrantes das salas de redação” (SILVA, 2014, p. 27); uma segunda razão é a influência de fatores eminentemente organizacionais, o que significa considerar as estruturas administrativas e as divisões de trabalho em cada organização; a terceira possibilidade é a repercussão da própria natureza dos eventos noticiáveis, hipótese já considerada ultrapassada uma vez que aborda a notícia a partir de um prisma frágil e até ingênuo; por fim, uma quarta explicação é a consequência de forças provenientes do exterior das organizações jornalísticas, tais modelos estariam “ancorados em determinismos tecnológicos ou economicistas” (SILVA, 2014, p. 28). Para Gans, todas as explicações acima possuem um grau de verdade ou validade ao se discutir o processo de seleção noticiosa, mas:

Todas as soluções dadas pelas teorias anteriormente citadas perpassam, de alguma maneira, três noções teóricas situadas em um campo de ação bastante próximo, mas expressas em categorias semânticas distintas que precisam ser entendidas em seus universos multifacetados: um verbo – “selecionar” – e dois substantivos – “critério” e “valor” (...). Os três conceitos constituem aspectos essenciais para o entendimento dos processos intrínsecos na construção tanto da narrativa jornalística quanto da ideia mais ampla de noticiabilidade (SILVA, 2014, p. 29-30).

Uma rápida pesquisa na internet sobre o Código Eleitoral de 1932 e a Carta das Nações Unidas de 1945 nos levará a diversos textos atuais que mencionam as decisões acerca da mulher como pontos importantes nas duas ocasiões. Mas esta é uma visão posterior e própria de textos escritos muitos anos depois dos acontecimentos. Ao analisar as notícias sobre estes dois episódios, publicadas no momento em que ocorreram, percebemos que nos anos 30 e 40 do século XX as questões feministas ainda não eram consideradas valores-notícia.

7 As quatro razões propostas por Gans e apresentadas aqui são uma síntese de algumas das principais teorias do jornalismo, como a Teoria da Ação Pessoal (Gatekeeper), a Teoria do Espelho, as Teorias Organizacionais e Construcionistas e as Teorias de Ação Política (TRAQUINA, 2005).

Décadas depois, a realidade era bem diferente. Quando a primeira Delegacia da Mulher foi inaugurada em São Paulo, em 6 de agosto de 1985, a pauta feminista já tinha alcançado dimensões maiores – a própria criação desta delegacia indicava tal avanço – e o fato virou notícia com destaque na primeira página do jornal, com o título “Mulher paulista já tem Delegacia”. Como o mundo não havia mudado tanto assim e o discurso patriarcal continuava (e continua) hegemônico, a chamada destacava a piada machista do então Secretário de Segurança, Michel Temer, que, “após ouvir as feministas, ironizou: quer a de Defesa dos Homens”⁸. A matéria completa dava destaque à delegada Rosemary Corrêa, mas junto à fotografia da sua posse, um texto com menção à roupa que usava.

Mulher paulista já tem Delegacia

São Paulo criou ontem a Delegacia de Defesa da Mulher. Após ouvir as feministas, o Secretário de Segurança Michel Temer ironizou: quer a de Defesa dos Homens. Página 6



Rosemary Corrêa (no centro) é aplaudida ao tomar posse na Delegacia da Mulher

Paulista ganha Delegacia para defender a mulher

SÃO PAULO — O Governador Franco Montoro assinou ontem o decreto de criação da Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher, a primeira do gênero na América Latina. Com a presença de representantes de mais de dez entidades de defesa da mulher, da Presidente do Conselho Estadual da Condicão Feminina, Eva Blay, da Deputada Federal Ruth Escobar, entre outras autoridades políticas e sociedade civil, foi marcada por um clima de euforia, principalmente porque nenhuma entidade se dedicando por todo o País. Vários estados já mostraram interesse na criação da sua delegacia semelhante.

A Delegada titular da Delegacia de Defesa da Mulher, Rosemary Corrêa, muito bem vestida e comunicativa, não escondeu sua expectativa no sucesso da experiência.

— Tem que dar certo e vai dar certo — disse a um repórter. — Nós preparamos a toda mulher vítima de violências um ambiente agradável, onde ela não se sentirá constrangida de falar. A comunicação desses crimes, que hoje é muito baixa, vai aparecer muito mais e os criminosos vão saber agora que não ficarão mais impunes.

Rosemary não se alterou quando lhe perguntaram o que fará quando tiver que enfrentar um crime muito violento:

— Não somos heroínas e nem temos a preensão de ser. Se precisarmos, não temos dúvida de que pediremos apoio aos investigadores do Degran — enfatizou.

Segundo dados fornecidos pela Arregalia de Imprensa da Secretaria da Segurança Pública, em 1984, na Grande São Paulo, ocorreram 1.437 estupros consumados, 515 tentativas, 1.192 casos de sedução, 288 olhos obscenos, 478 raptos e 188 ocorrências de corrupção de menores.

Acervo Digital *O Globo*, 7 de agosto de 1985, edição matutina, Primeiro Caderno, primeira página e página 6.

⁸ Acervo Digital *O Globo*, 7/8/1985, edição matutina, 1º Caderno, 1ª página.

Alguns anos depois, no dia 6 de outubro de 1988, a imagem de um plenário lotado comemorando a promulgação da Nova Constituição Brasileira – um marco contra a discriminação da mulher – dividiu a primeira página do jornal com uma fotografia em que o jogador Romário “oferece churrasco à sua noiva, Mônica, com quem já está fazendo planos para a nova vida na Europa”⁹. A moda italiana que fez “as saias descerem” também recebeu espaço na primeira página.

No interior do jornal, muitas linhas sobre os acontecimentos do dia anterior e análises sobre as mudanças no país. Informações relacionadas às mulheres destacavam o medo e a incerteza devido ao aumento da licença-maternidade para 120 dias.¹⁰ Outro destaque foi a “brilhante noite de D. Mora”, esposa de Ulysses Guimarães. Considerada pelo jornal uma das principais atrações do Congresso no dia anterior, a “primeira-dama” foi elogiada na matéria por ter se saído bem como mulher, mãe e avó:

Cuidou de todos os detalhes de Ulysses: arrumou sua gravata, ajeitou o paletó e, segundo recomendação de Dona Sarah Kubitschek, convidada de honra do casal, escondeu um lenço branco que não combinava com o terno azul marinho. Como mãe e avó, preocupou-se com a acomodação dos filhos Celina e Tito Henrique e dos seus cônjuges, Luiz Eduardo e Maria Luiza, e com os netos Paulo (filho de Celina) e Francisco e Tito (de Tito Henrique)¹¹.



Acervo Digital *O Globo*, 6 de outubro de 1988, edição matutina, Primeiro Caderno, página 3.

9 Acervo Digital *O Globo*, 6/10/1988, edição matutina, 1º Caderno, 1ª página.

10 As matérias não abordam ainda uma visão feminista sobre aspectos relacionados à raça e classe. Estas questões entrariam no debate público apenas a partir dos anos 1990.

11 Acervo Digital *O Globo*, 6 de outubro de 1988, edição matutina, Primeiro Caderno, página 3.

D. Mora teve direito a fotografia e entrevista, ao contrário da socióloga e cientista política, Jacqueline Pitanguy, indicada pelo então presidente da República a ocupar o cargo de Presidente do Conselho Nacional de Direitos da Mulher, “com o mandato de propor, acompanhar e desenvolver políticas públicas com perspectiva de gênero, visando melhorar a situação da mulher no Brasil”¹². Jacqueline ganhou, no entanto, nota na coluna social Swann, de Fred Suter:

Como representante máxima do que ela mesma batizou de “lobby do batom”, a Presidente do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, Jacqueline Pitanguy, vai caprichar na maquiagem e na fatiota para a grande festa da promulgação da nova constituição, hoje, em Brasília. Jacqueline e suas seguidoras feministas não escondem a satisfação com as vitórias que tiveram: afinal, 80% das propostas das mulheres foram incorporadas ao texto constitucional com avanços significativos – entre eles, o direito de amamentação das presidiárias, licença-maternidade de 120 dias, licença-paternidade e direitos para as empregadas domésticas¹³.

É notório que o contexto histórico influencia políticas editoriais, julgamentos subjetivos e relações intra e extra organizacionais, e provoca alteração no que é considerado valor-notícia, o que mostra que tais valores não são definidos e invariáveis. É o que vemos acontecer com a aprovação da Lei Maria da Penha, no dia 7 de agosto de 2006.

Neste momento, temos um novo cenário, com a agenda do movimento feminista, em especial a violência contra a mulher, já bem solidificada como valor-notícia na imprensa. Apesar de não aparecer na primeira página, a nova lei ganhou destaque na segunda página, além do espaço de toda a página 13, com imagens, quadro de contextualização sobre casos de violência e informações sobre mudanças produzidas com a lei.

Se questões relacionadas à mulher se transformaram, definitivamente, em valor-notícia, resultado da crescente importância e interesse dados ao tema, foi porque, como explica Barsotti, os jornalistas estavam “sintonizados com os temas que mobilizam a comunidade na qual estão inseridos, que está circunscrita em um tempo e espaço definidos” (2017, p. 52). Vemos isso ao analisar as notícias relacionadas às eleições de mulheres para ocupar cargos políticos.

Elegantes, não! Importantes

Alzira Soriano poderia ter ganhado as páginas dos jornais em todo o país quando, aos 32 anos de idade, venceu as eleições com 60% dos votos para prefeitura de Lajes, cidade do interior do Rio Grande de Norte. O motivo? Ela foi a primeira mulher da América Latina a ocupar o cargo de prefeita e tomou posse no dia primeiro de janeiro de 1929. Mas o jornal *O Globo* não noticiou o acontecimento.

12 Revista do Instituto Humanitas da Unisinos, edição 387, de 26 de março de 2012. Disponível em: http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4324&secao=387. Acesso em 12 de junho de 2019.

13 Acervo Digital *O Globo*, 5 de outubro de 1988, edição matutina, Primeiro Caderno, página 12.

Somente meses depois, Alzira virou notícia devido a um telegrama de apoio enviado ao governador da Bahia Vital Soares. O curioso é o início do telegrama publicado pelo jornal, que mostra, no âmbito político, uma evidente condição de subordinação da prefeita a um homem. Alzira informa que, “obedecendo à orientação do presidente Juvenal Lamartine”¹⁴, dava seu apoio a Vital Soares. Alzira foi lembrada mais uma vez, não pelo jornal, mas pela diretoria da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, presidida por Bertha Lutz. A reunião semanal deste grupo virou notícia e inclui-se, então, informação sobre a leitura do relatório do primeiro ano de governo da prefeita “Alzira Soriano, primeira administradora municipal da América do Sul – que realizou importantes empreendimentos”¹⁵.

Enquanto esteve viva, o nome de Alzira só apareceu neste jornal mais uma vez, em 1962. É provável que, na época em que a primeira prefeita foi eleita no nordeste do país, as proximidades geográfica e temática, tão importantes para se definir o que é notícia, tenham sido decisivas para não incluir o seu nome nas linhas do jornal. Talvez, Lajes não fosse tão perto espacialmente aos leitores d’*O Globo*, portanto, como explica Mario Luiz Fernandes, qualquer notícia sobre a cidade não estaria “inserida de modo direto na convivência cotidiana das pessoas” (FERNANDES, 2014, p. 146) e não iria gerar um grau suficiente de interação e afetividade para virar notícia.

Em relação à aproximação temática, o que inclui aspectos sociais e psicológicos, esta, como bem lembra Fernandes, “supre a necessidade de grupos que buscam trocar informações, têm afinidades por temas os mais diversos e expectativas em comum” (2014, p. 146). O mais provável, como já falamos anteriormente, é que a questão feminista ainda não despertasse qualquer afetividade ou identificação com os leitores do jornal no final da década de 1920 e nos anos seguintes, portanto, não era entendida como valor-notícia.

Algo parecido aconteceu com Carlota Queiroz, primeira mulher brasileira a ser eleita deputada federal. Ela participou dos trabalhos na Assembleia Nacional Constituinte entre 1934 e 1935. No dia seguinte à sua posse, em novembro de 1933, nenhuma linha do jornal foi dedicada a ela e, apesar de seu nome aparecer diversas vezes em matérias publicadas nos anos seguintes, não houve protagonismo de Carlota Queiroz nas notícias.

Foi bem diferente a situação da primeira senadora do país. Em maio de 1979, o senador João Bosco faleceu e deixou a vaga aberta para ser ocupada pela suplente, Eunice Michiles que, em 31 de maio, assumiu o cargo. Em 12 de maio, dia seguinte ao falecimento de João Bosco, Michiles já estava na primeira página do jornal, anunciada como feminista e defensora da causa da mulher brasileira.

Sua chegada ao Senado foi marcada por discursos poéticos dos senadores. O jornal fez sua crítica com nota irônica: “a situação é grave, o Legislativo está em perigo: ou se toma uma providência ou o Senado da República se dissolve em ditirambos”¹⁶.

14 Acervo Digital *O Globo*, 22 de agosto de 1929, edição matutina, Primeira Seção, página 3.

15 Acervo Digital *O Globo*, 4 de abril de 1930, edição matutina, Primeira Seção, página 4.

16 Acervo Digital *O Globo*, 5 de junho de 1979, edição matutina, Primeiro Caderno, página 5.

A primeira ministra do país, Esther Ferraz, assumiu em agosto de 1982 e recebeu bastante atenção da imprensa. Na década de 1980, centenas de matérias foram publicadas com menção ao seu nome. Uma, de página inteira, merece nossa atenção, pois abordou a atuação dos movimentos feministas:

A nomeação de Esther Ferraz não foi exclusivamente em atendimento a reivindicação apresentada pelo Movimento da Mulher Democrática Social, ao presidente Figueiredo, em recente encontro nacional (...), no entanto, a reivindicação pesou na decisão presidencial. Por ocasião do encontro do Movimento das Mulheres do PDS, a senadora Eunice Michiles sugeriu que o Ministério da Educação fosse ocupado por uma mulher. A secretária-geral do MDS e candidata a deputada federal por Minas Gerais, Ana Maria Mendonça, que esteve ontem no Palácio do Planalto, disse que indicação da professora Esther de Figueiredo Ferraz tinha sido "uma resposta direta do Presidente à reivindicação das mulheres de maior participação na vida pública"¹⁷.

O movimento das mulheres ganhava força no âmbito social e político e o texto acima nos leva a ressaltar dois fatores importantes sobre esta questão. Em primeiro lugar, devemos lembrar mais uma vez, como bem destaca Mauro Wolf, o caráter dinâmico dos valores-notícia:

Mudam no tempo e, embora revelem uma forte homogeneidade no interior da cultura profissional – para lá de divisões ideológicas, de geração, de meio de expressão, etc. –, não permanecem sempre os mesmos. Isso manifesta-se claramente na especialização temática que, num determinado período histórico, os meios de informação conferem a si próprios. Assuntos que, há alguns anos, simplesmente "não existiam", constituem atualmente, de uma forma geral, notícia, demonstrando na extensão gradual do número e do tipo de temas considerados noticiáveis. Alguns deles impuseram-se a ponto de determinarem uma cobertura informativa específica, sob a forma de rubricas, pareceres de especialistas, separatas especiais, etc (WOLF, 2003, p. 198).

Há um movimento circular crescente: a agenda feminista torna-se noticiável, a grande imprensa é levada a falar desse movimento, o que colabora com a difusão da sua imagem. Chegamos, desse modo, ao segundo fator importante que é imperioso enfatizar. Como consequência do progresso do movimento feminista, há o aumento proporcional do seu papel na sociedade. Wolf explica que, desta forma, acelera-se "a sua marcha para a institucionalização. Por conseguinte, esses movimentos acabam por se tornar fontes estáveis (e já não ocasionais e controversas) dos órgãos de informação" (2003, p. 199), ou seja, o movimento feminista se torna uma fonte confiável, o que irá garantir mais produção noticiosa sobre as mulheres.

Há, em contrapartida, um revés. À medida que os grupos feministas evoluem, parece que se intensifica, também, o discurso machista que avança como um contra-ataque misógino frente à ascensão da imagem (com uma perspectiva positiva) da mulher na imprensa.

17 Acervo Digital *O Globo*, 17 de agosto de 1982, edição matutina, Primeiro Caderno, página 5.

Na mesma matéria que ressalta reivindicações que colaboraram para a nomeação de Esther Ferraz, outro parágrafo informa que a nova ministra:

Recebeu os jornalistas vestindo um tailleur bege, blusa preta e colar de pérolas, aparentando estar muito bem disposta e mostrando-se bem penteada. Houve rumores de que a demora ao atender a imprensa deveu-se a uma ida ao cabeleireiro, mas sua governanta, dona Nilza, assegurou que ela estava na residência de seu irmão, o ex-prefeito de São Paulo, José Carlos de Figueiredo Ferraz, depois de uma passagem pela costureira para provar um vestido¹⁸.

A ênfase aos aspectos físicos, vestimentas e gostos particulares cresce na mesma proporção em que cresce o poder das mulheres. A disputa de produção de sentido sobre a realidade social que diversas forças sociais e políticas travam por meio da construção discursiva fica ainda mais evidente com a nomeação de Zélia Cardoso como Ministra da Economia e com a eleição de Dilma Rousseff à Presidência da República.

No dia primeiro de março de 1990, uma matéria que também ocupou uma página inteira informava que Zélia Cardoso já era Ministra da Economia. No entanto, o subtítulo chamava a atenção para o fato de Zélia ser “uma jovem economista de muitos adjetivos”. Entre os tais adjetivos, sóbria, elegante e delicada. Além das características listadas inicialmente, a matéria chama a atenção para os “cabelos longos, batas indianas, sandálias de couro cru e bolsa a tiracolo” da nova Ministra. Só, então, seu currículo profissional é apresentado para, logo em seguida, o texto discorrer sobre os restaurantes caros que frequenta nos finais de semana, as roupas “discretamente elegantes, de confecções igualmente finas e caras, como a Tweed, em São Paulo”. Há, ainda, menção ao fato de ser solteira, mas manter “sua vida íntima totalmente preservada”¹⁹.

Um último ponto que chama a atenção na matéria trata do risco que Zélia Cardoso correu de não receber o cargo porque “foi a Búzios acertar com seus assessores os últimos detalhes do plano econômico. O futuro Presidente teria se irritado com o fato de sua assessora ser fotografada de maiô durante as discussões econômicas”²⁰.

As notícias sobre a primeira presidente do Brasil são merecedoras de um artigo inteiro. Ou mais. Infelizmente, aqui, não há espaço para explorar as inúmeras matérias publicadas sobre ela. Vale, no entanto, destacar dois aspectos relevantes no conteúdo produzido em *O Globo* no dia seguinte à sua eleição.

Primeiramente, a quantidade de espaço reservado para tratar dos aspectos físicos e de consumo de Dilma Rousseff. Uma página inteira foi dedicada a este tema. As linhas iniciais mencionavam que “mesmo após a repaginada da campanha, Dilma foge das grifes de moda para se vestir ou se calçar”²¹. Segue, então, informações sobre roupas, sapatos,

18 Acervo Digital *O Globo*, 17 de agosto de 1982, edição matutina, Primeiro Caderno, página 5.

19 Acervo Digital *O Globo*, 1 de março de 1990, edição matutina, Primeiro Caderno, página 3.

20 Acervo Digital *O Globo*, 1 de março de 1990, edição matutina, Primeiro Caderno, página 3.

21 Acervo Digital *O Globo*, 1 de novembro de 2010, edição matutina, caderno especial “De Silva para Rousseff”, página 12.

perfume, bolsas, joias e acessórios que gosta de usar. Há, ainda, um espaço para uma charge e um quadro comparativo de fotografias de diferentes fases de sua vida.

Em segundo lugar, percebe-se nas matérias do dia primeiro de novembro, o enorme destaque dado ao presidente Lula (“Lula elege Dilma”, “como Lula construiu sua candidata”, “o risco do duplo comando”, “Lula vitorioso”, “Lula, o fiador vitorioso” e “o paralelo de Dilma será o presidente Dutra, que esquentou a cadeira para a volta de Getúlio”). Uma charge em que Dilma aparece como noiva diante de uma urna eleitoral e a indagação “Ai, meu Deus... e agora?” completa o tom de personagem coadjuvante dado à presidente.



Acervo Digital O Globo, 1 de novembro de 2010, Primeiro Caderno, primeira página e caderno especial “De Silva para Rousseff”, página 5.

No final do século XX e início do XXI, grupos e organizações feministas ganharam espaço na imprensa graças às discussões sobre reivindicações e conquistas das mulheres que não se limitaram ao espaço acadêmico, atingindo, sobretudo, espaços de discussão pública como a mídia, mas, aparentemente, prevaleceu o interesse patriarcal de garantir ao homem o acesso aos corpos das mulheres. É o que defende a jurista feminista americana Catharine MacKinnon. Segundo ela, este é um problema real uma vez que os meios de comunicação

não são imparciais ou neutros, eles se posicionam, sim, e o patriarcado é quem exerce o controle da informação, provocando uma relação brutalmente assimétrica. Para MacKinnon, só é possível sair deste esquema, saindo do patriarcado e do capitalismo (1989).

De fato, a partir da segunda metade do século XX, quando as mulheres tentam se estabelecer como parte do grupo de atores sociais e começam a pleitear a inserção de suas demandas nas discussões políticas, o discurso patriarcal hegemônico aparece na imprensa, como afirma Lisa McLaughlin:

Embora o feminismo tenha teorizado sobre ter, substancialmente, influenciado a representação contemporânea [da mulher], um número de feministas argumenta (e eu concordo) que o legado da influência feminista na cultura popular revela, no máximo, mudanças superficiais na representação das mulheres (...). A presença das vozes feministas não garante que representações irão mudar noções tradicionais ou a ordem social dominante; nem é garantia de que estas vozes feministas serão facilmente ouvidas na competição que travam com as vozes dominantes do patriarcado e do capitalismo (MCLAUGHLIN, 1991, p. 259-260).

Esta constatação fica mais evidente ao analisarmos as primeiras páginas d'*O Globo*, no dia 8 de março, Dia Internacional da Mulher.

Agora é que são elas?

Em sua tese de doutorado, Adriana Barsotti lembra que “a temporalidade expressa nas páginas de jornais foi (e ainda é) fruto da relação da imprensa com o seu tempo (...). A atualidade é a força que move as primeiras páginas” (2017, p. 31-32).

Mas não só. Há, também, uma disputa pelo discurso. A análise das matérias publicadas no Dia Internacional da Mulher nos mostra bem como se dá esta disputa. Veremos que é possível compreender a escolha do que é publicado na primeira página a partir das teorias do jornalismo, mas é preciso enfatizar as motivações que levam à seleção e narração da notícia a partir de uma contextualização histórica e pensar, ainda, como afirma Aguiar, no processo de produção noticiosa como um “espaço público de lutas micropolíticas, no qual diversas forças sociais, políticas e econômicas disputam a produção de sentido sobre o real” (AGUIAR, 2009, p.180).

A data fundadora do Dia Internacional da Mulher é associada a diferentes episódios. O evento mais conhecido é a greve das operárias têxteis da Fábrica Cotton, ocorrido em Nova York, nos Estados Unidos, em 1857, quando 129 operárias morreram queimadas após repressão policial.

Em 1910, durante o II Congresso de Mulheres Socialistas, realizado na Dinamarca, a comunista alemã Clara Zetkin propôs homenagear as operárias nova-iorquinas ao consagrando o dia 8 de março como Dia Internacional da Mulher. Mas a data não é sequer considerada feriado, o que, como explica Maria Amélia de Almeida Teles, “indica o quanto tem sido tortuoso o caminho em defesa da libertação da mulher” (TELES, 1999, p. 97).

A autora lembra que antes de 1964, o dia era comemorado no Brasil, mas o Golpe Civil-Militar interrompeu as manifestações. As primeiras comemorações públicas pós-golpe aconteceram em 1976, no Museu de Arte de São Paulo, e em 1977, na Fundação Getúlio Vargas, também em São Paulo:

É interessante destacar a reação da grande imprensa. O *Jornal da Tarde* publicou uma reportagem de página inteira, com a seguinte manchete: “Nossas irrequietas feministas e todos os seus pedidos. Um deles: um lugar para namorar”, assinada pela repórter Sheila Lobato. Sem dúvida, essa matéria era uma tentativa de desmoralizar o movimento, que já começava a demonstrar sua força (TELES, 1999, p. 98-99).

O Globo nada publicou sobre a comemoração paulista, mas no mesmo dia em que o *Jornal da Tarde* ironizava o movimento feminista, o jornal carioca, em pequena nota na página 4, anunciava a instalação da CPI da Mulher:

Foi instalada ontem no Congresso, com prazo de 180 dias para seus trabalhos e verba de Cr\$ 500 mil, a primeira Comissão Parlamentar Mista de Inquérito do Legislativo Brasileiro, destinada a investigar a situação da mulher brasileira em todos os setores de atividades²².

Neste mesmo dia 9 de março, na seção Internacional, uma pequena matéria chamava a atenção para um texto do teólogo Gino Concetti, publicado na Itália, que dizia que o “feminismo não liberta mulher”. Para o franciscano, a emancipação só seria possível através da fé cristã. O texto do jornal *O Globo* lembrava que o jornal *Pravda*, da União Soviética, dedicou um editorial na primeira página com críticas aos países capitalistas, onde há “vergonhosa discriminação das mulheres” e onde “a igualdade de direitos para as trabalhadoras não existe”²³.

Ao mesmo tempo em que chamava a atenção para as lembranças acerca do feminismo e do Dia Internacional da Mulher em outros lugares do mundo, *O Globo* não dava qualquer destaque ao fato no Brasil.

Poderíamos supor que a proximidade geográfica influenciaria notícias sobre as comemorações dentro do país, afinal, como já mencionamos, este é um fator importante ao se eleger o que é notícia. No entanto, como ocorreu com Alzira Soriano e Carlota Queiroz, a aproximação temática pode não ter sido suficiente para tornar notícia tais festividades. É provável que, na década de 1970, a questão feminista apenas começava a despertar afetividade ou identificação com os leitores do jornal.

Mesmo em 1975, quando a Organização das Nações Unidas estabeleceu o Dia Internacional da Mulher, o jornal ignorou a data. Apesar de ter na primeira página um anúncio importante para o movimento feminista – proposta de emenda constitucional para a instituição do divórcio no país –, não há qualquer menção que associe o fato às festividades do oito de março.

22 Acervo digital *O Globo*, 9 de março de 1977, edição matutina, Primeiro Caderno, página 4.

23 Acervo digital *O Globo*, 9 de março de 1977, edição matutina, Primeiro Caderno, página 15.

Somente em 1982, o jornal mencionou a data na primeira página, com chamada para uma matéria sobre encontros de mulheres em diversas partes do país. Entretanto, no mesmo dia, a primeira página destacava, ainda, três notícias com protagonismo feminino, todas ressaltando aspectos negativos ou pejorativos acerca das personagens (“a esperança da desertora”, “ex-companheira impede casamento com saraivada de tiros”, “Maira, secretária e namorada de milionário”)²⁴.

Percebemos que alguns estereótipos sobre a mulher são reforçados por meio das palavras utilizadas no jornal, como, por exemplo, a imagem da mulher associada a aspectos físicos. Foram 15 matérias em 14 edições com ênfase para a beleza e a sensualidade femininas. Também chama a atenção a quantidade de matérias em que a mulher aparece associada ao homem. São 21 chamadas em que há referência à esposa, amante, namorada, viúva, filha etc.

Paralelamente, a luta do movimento feminista é deixada de lado. É possível ver isso, claramente, a partir da quantidade de chamadas para matérias relacionadas ao Dia Internacional da Mulher. Apenas em 14 edições a data foi lembrada, em um total de 23 chamadas, sendo que, em 2015, uma chamada apresenta um tom hostil à mulher: “Dilma só cumpre uma das 5 metas. O governo da primeira presidente do país tem pouco a celebrar. Das ações prometidas contra a violência de gênero, só o transporte para vítimas de agressão foi providenciado”.²⁵ Ao ler a matéria inteira, na página 10, fica claro que alcançar as metas mencionadas na primeira página dependeria de uma ação conjunta de estados e municípios e, portanto, não seria possível responsabilizar exclusivamente a chefe do governo federal pelos poucos avanços nos programas de ação de combate à violência de gênero.

24 Acervo digital *O Globo*, 8 de março de 1982, edição matutina, Primeiro Caderno, primeira página.
25 Acervo digital *O Globo*, 8 de março de 2015, edição matutina, Primeiro Caderno, primeira página.

Dia Internacional da Mulher

Dilma só cumpre uma das 5 metas

O governo da primeira presidente do país tem pouco a celebrar. Das ações prometidas contra a violência de gênero, só o transporte para vítimas de agressão foi providenciado. PÁGINA 10

DORRIT HARAZIM

Filme sobre estupro debate o que o poder despreza. PÁGINA 18

FLÁVIA OLIVEIRA

Neste oito de março, precisamos falar sobre aborto. PÁGINA 37

HELENA CELESTINO

A revolucionária da burguesia que Fidel amou. PÁGINA 40

Divisão das tarefas de casa segue injusta

Mulheres, mesmo as mais escolarizadas, ainda estão sobre carregadas com as tarefas domésticas. PÁGINA 35

Acervo digital *O Globo*, 8 de março de 2015, edição matutina, Primeiro Caderno, primeira página

Também chama a atenção o fato de haver apenas 5 chamadas para matérias sobre feminicídio. De acordo com o relatório de 2018 do Atlas da Violência,²⁶ produzido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, em 2016, 4.645 mulheres foram assassinadas no país. De acordo com a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL)²⁷, das 2.795 mulheres assassinadas em 23 países da América Latina e Caribe em 2017, 1.133, ou 40%, foram no Brasil.

²⁶ Informação do site do Instituto de Pesquisa Econômica aplicada. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/180604_atlas_da_violencia_2018.pdf. Acesso em 11 de julho de 2020.

²⁷ Informação do site da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe. Disponível em: <https://oig.cepal.org>. Acesso em 11 de julho de 2020.

Chamadas para matérias	Qtde	Ano
Sobre o Dia Internacional da Mulher com aspectos positivos como luta, resistência, avanços etc.	9	1982, 1985, 2002, 2016(2), 2018(2), 2019(2)
Sobre o Dia Internacional da Mulher com abordagem de problemas como feminicídio, desigualdade, sexismo etc.	13	1994, 2008, 2015(3), 2016, 2017(2), 2018(3), 2019(2)
Sobre o Dia Internacional da Mulher com tom hostil à mulher	1	2015
Com ênfase a aspectos físicos da mulher como corpo, beleza, sexualidade etc.	15	1937, 1946, 1954, 1955(2), 1957, 1960, 1961, 1962, 1987, 1988, 1993, 1997, 2011, 2014
Com protagonismo de mulheres e abordagem positiva	15	1928, 1930(2), 1937, 1940, 1960, 1968, 1977, 1982, 1986, 2004(2), 2005, 2009(2)
Com protagonismo de mulheres e abordagem negativa	13	1950, 1956, 1974, 1982, 1990, 1995(2), 1996, 2004, 2010, 2013, 2016, 2017
Com associação de mulheres a homens (esposa, amante, mãe, filha, viúva etc.)	21	1932(3), 1939, 1947, 1950, 1954, 1955(2), 1957, 1958, 1963, 1969, 1972, 1982, 1989, 1994, 2006, 2008(2), 2009
Sobre feminicídio	5	1934, 1955, 1957, 1988, 2013
Sobre resistência ou luta feminina	6	1937, 1954, 1980, 1983, 2004, 2007
Sobre avanços políticos que envolvem mulheres	1	1975
Sobre assuntos diversos com menção a mulheres	12	1927, 1928, 1940, 1946, 1954, 1955, 1956, 1960, 1968, 1971(2), 1990
Com destaque para mulheres em política, crimes, viagens, eventos etc. * Matérias sobre crianças do sexo feminino	20	1938(3), 1940, 1944(2)*, 1951, 1952*, 1955, 1957, 1962, 1963, 1968, 1971, 1973, 1991(2), 2000, 2017, 2019
Charges com mulheres	5	1997, 2003, 2006, 2012, 2015

Diante de números tão alarmantes é, no mínimo, curioso não haver mais notícias sobre o assunto. O tom, de fato, mudou. Em 1934, quando apareceu a primeira matéria sobre feminicídio no jornal, o assassino era apresentado como impulsivo e um homem que “se casara por amor”²⁸. Nos anos seguintes, não encontramos mais adjetivos que busquem de forma tão evidente justificar o feminicídio. Há, no entanto, em 2013, uma chamada para a notícia sobre o julgamento do goleiro Bruno, responsável pela morte da namorada. Na página 15, a matéria o apresenta como um rapaz abandonado pelos pais, o que pode ser compreendido como uma tentativa de se criar um discurso que transforme o alvo em vítima.

O crescimento da agenda feminista forçou a grande imprensa a abordar temas relacionados a mulheres. No entanto, tal abordagem ainda se orienta por uma perspectiva misógina, que exprime o olhar machista dominante na sociedade.

²⁸ Acervo digital *O Globo*, 8 de março de 1934, edição matutina, Primeira Seção, primeira página.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o final do século XIX até o início do XXI, mulheres se organizaram para lutar por mudanças sociais e políticas com o objetivo de conquistar direitos e igualdade. As chamadas ondas feministas provocaram a emergência de um debate histórico acerca da mulher e a imprensa, como participante do processo de construção da realidade social, participou desta transformação.

No final dos anos 1970, questões femininas começavam a se solidificar como valores-notícia, mas à medida que a discussão ganhava forma por meio de manchetes nos jornais, crescia, proporcionalmente, o discurso baseado em ideias patriarcais dominantes, em que a mulher é representada a partir de perspectivas misóginas. Vimos neste trabalho exemplos claros desta situação.

Ao analisar as notícias sobre mulheres em *O Globo*, percebemos uma tendência do jornal de ignorá-las ou retratá-las dentro de papéis estereotipados de vítima e/ou consumidoras. A pauta feminista já faz parte do campo cultural e aparece cada vez com mais frequência em notícias na imprensa, mas ainda há uma forte inclinação para um discurso hegemônico patriarcal.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Leonel. A validade dos critérios de noticiabilidade no jornalismo digital. In: RODRIGUES, Carla (Org.). **Jornalismo on-line: modos de fazer**. Rio de Janeiro/Sulina: Editora PUC-Rio/Sulina, 2009.

BARSOTTI, Adriana. **Primeira página**: Do grito no papel ao silêncio no jornalismo em rede. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. PUC-Rio, 2017.

FERNANDES, Mario Luiz. A proximidade como critério de noticiabilidade: a força da notícia local. In: SILVA, Gislene; SILVA, Marcos Paulo; FERNANDES (Orgs.). **Critérios de noticiabilidade. Problemas conceituais e aplicações**. Florianópolis: Insular, 2014.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

FREITAS, Viviane Gonçalves; OLIVEIRA, Lucy. Agenda da imprensa feminista: rupturas e continuidades. In: AGUIAR, Leonel; SILVA, Marcos Paulo da; MARTINEZ, Monica (Orgs.). **Desigualdades, Relações de Gênero e Estudos de Jornalismo**. São Paulo: Life Editora, 2018.

MACKINNON, Catharine. **Toward a feminist theory of the estate**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1989.

MCLAUGHLIN, Lisa. **Discourses of Prostitution / Discourses of Sexuality. Critical Studies in Mass Communication**. Abingdon: Taylor and Francis Group, 1991.

RAGO, Margareth. "Epistemologia feminista, gênero e História". In: PEDRO, Joana; GROSSI, Miriam (Orgs.). **Masculino, feminino, plural. Gênero na interdisciplinaridade**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.

SILVA, Marcos Paulo da. Perspectivas históricas da análise da noticiabilidade. In: SILVA, Gislene; SILVA, Marcos Paulo; FERNANDES (Orgs.). **Critérios de noticiabilidade. Problemas conceituais e aplicações**. Florianópolis: Insular, 2014.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 2003.

CAPÍTULO 8

CONECTIVIDADE E PODER: A NOVA FACE DA COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO

Data de aceite: 01/04/2024

Suélen Keiko Hara Takahama Costa

Mestre em Educação pela Universidade Federal de Jataí-GO (PPGE/UFJ), graduação em Pedagogia - Licenciatura Plena. Especialista em Educação Especial Inclusiva pela PUC-MINAS e Especialista em Educação à Distância e as Novas Tecnologias. Cursou Libras na Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS). Foi professora de Libras na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Instituto Federal de São Paulo (IFSP) e Fundação Educacional de Penápolis (FUNEPE). Atuou como professora interlocutora de Libras na Secretaria de Educação do Estado de São Paulo e na Secretaria Municipal de Educação de Corumbá-MS. Trabalhou na Secretaria Municipal de Educação em Cuiabá como professora da Sala de Recursos Multifuncionais. <http://lattes.cnpq.br/6672018912589028> <https://orcid.org/0000-0002-7490-4913>

Edvaldo Costa

Coordenador do Programa de Mestrado em Comunicação Digital do IDP. Pós-doutor em Jornalismo pela Universidade de São Paulo (USP). Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Atuou como professor de

Jornalismo na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), no Centro Universitário Toledo de Araçatuba e na União das Instituições Educacionais do Estado de São Paulo. Trabalhou no Centro de Comunicação Social da Marinha do Brasil, na Assessoria de Comunicação do Ministério da Defesa e na Assessoria de Comunicação do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República (GSI/PR). Cursa outro pós-doutorado em História na UnB e em Comunicação e Saúde na Daphne Cockwell School of Nursing – Toronto Metropolitan University. Atualmente é Assessor de Comunicação na Diretoria-Geral de Desenvolvimento Nuclear e Tecnológico da Marinha. <http://lattes.cnpq.br/3950553227038648> <https://orcid.org/0000-0002-3416-3815>

RESUMO: O artigo “Conectividade e Poder: A Nova Face da Comunicação na Educação Digital” aborda o papel das tecnologias digitais na remodelação da comunicação educacional. Investigamos como a conectividade influencia as relações de poder dentro do espaço educacional, permitindo novas formas de ensino, aprendizagem e participação. Este estudo

adota uma metodologia bibliográfica, analisando publicações acadêmicas, estudos de caso e dados de pesquisas empíricas que se concentram na integração das TICs na educação. Os resultados indicam que, enquanto a tecnologia oferece oportunidades para inovações pedagógicas e maior acessibilidade ao conhecimento, ela também apresenta desafios relacionados à equidade e à inclusão digital.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Digital, Tecnologias de Informação e Comunicação, Inovação Pedagógica, Conectividade, Relações de Poder.

CONNECTIVITY AND POWER: THE NEW FACE OF COMMUNICATION AND EDUCATION.

ABSTRACT: The article “Connectivity and Power: The New Face of Communication in Digital Education” explores the critical role of digital technologies in reshaping educational communication. It examines how connectivity influences power relations within the educational space, enabling new forms of teaching, learning, and participation. This study employs a bibliographic methodology, analyzing scholarly publications, case studies, and empirical research data focusing on the integration of ICTs in education. Findings suggest that while technology offers opportunities for pedagogical innovations and increased access to knowledge, it also presents challenges related to equity and digital inclusion.

KEYWORDS: Digital Education, Information and Communication Technologies, Pedagogical Innovation, Connectivity, Power Relations.

INTRODUÇÃO

A comunicação é a espinha dorsal da interação humana, moldando nossa percepção da realidade e mediando nosso entendimento do mundo. Na era da informação, caracterizada pela ascensão e pela ubiquidade das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), o poder da comunicação tem sido amplificado de forma sem precedentes. Com a capacidade de alcançar bilhões globalmente em questão de segundos, a informação hoje flui mais rápido e mais livremente do que em qualquer outra época da história humana.

Atualmente, vivemos em uma sociedade profundamente interconectada, onde as TICs desempenham um papel central na vida cotidiana de quase todos os indivíduos. Smartphones, redes sociais, e-mails e plataformas de compartilhamento de vídeo são apenas alguns exemplos de como as tecnologias digitais redefiniram os mecanismos de compartilhamento e consumo de informação. Isso resultou em uma reconfiguração das estruturas tradicionais de comunicação, deslocando poderes anteriormente consolidados e criando novos espaços para a expressão e mobilização.

Este novo cenário comunicativo trouxe benefícios tangíveis, como o aumento do acesso ao conhecimento e a capacidade de fomentar movimentos sociais e políticos. No entanto, também surgiram desafios significativos, como a desinformação, a polarização, as ameaças à privacidade e a segurança dos dados. Em um mundo onde as notícias falsas podem se espalhar tão rapidamente quanto as verídicas, e onde os dados pessoais podem

ser tanto uma moeda quanto uma vulnerabilidade, o poder da comunicação se torna tanto uma ferramenta de emancipação quanto de manipulação.

A relevância do tema é acentuada pela sua omnipresença; os efeitos da comunicação digital permeiam todos os aspectos da sociedade moderna, influenciando desde decisões políticas e sociais até nuances individuais de comportamento e identidade. A compreensão do poder da comunicação na era da informação é, portanto, fundamental para navegar neste ambiente complexo e para formular políticas que promovam o uso ético e efetivo das TICs.

A era da informação desafia a sociedade a reavaliar conceitos de autoridade, credibilidade e ética na comunicação. O poder de informar, influenciar e persuadir nunca foi tão acessível, e sua gestão responsável é crucial para o desenvolvimento social e o fortalecimento das instituições democráticas. Assim, a investigação do poder da comunicação na era da informação é um imperativo para entender e direcionar o futuro da interação humana e da organização social.

As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) têm uma história marcada por inovações rápidas e transformações profundas que remodelaram a sociedade. Desde o surgimento dos primeiros computadores pessoais, passando pelo nascimento da Internet até a atual proliferação de dispositivos móveis e redes sociais, as TICs têm evoluído de ferramentas especializadas para elementos onipresentes no cotidiano das pessoas.

Nos anos 60 e 70, os computadores, ainda grandes e caros, eram predominantemente confinados a empresas e instituições de ensino. A revolução dos microprocessadores nos anos 70 e 80 viu o advento do computador pessoal (PC), uma inovação amplamente popularizada por pioneiros como Steve Jobs e Bill Gates, que perceberam o potencial das TICs para uso pessoal e profissional (Isaacson, 2011).

A década de 1990 foi marcada pelo surgimento da Internet, que se expandiu rapidamente das redes acadêmicas e militares para o público em geral, uma transição impulsionada por Tim Berners-Lee e a invenção da World Wide Web, que democratizou o acesso à informação (Berners-Lee, 1999). As TICs começaram a integrar-se mais profundamente na vida cotidiana com o crescimento dos serviços online, desde comunicações por e-mail até o surgimento das primeiras empresas de comércio eletrônico.

No início do século XXI, a mobilidade se tornou o novo paradigma com a introdução dos smartphones. A era dos telefones inteligentes, iniciada em grande parte pela Apple com o iPhone em 2007, converteu os dispositivos móveis em plataformas multifuncionais (Vise e Malseed, 2006). As redes sociais, como o Facebook, fundada por Mark Zuckerberg, transformaram-se em plataformas dominantes para comunicação e compartilhamento de conteúdo, redefinindo a interação social e a disseminação da informação (Kirkpatrick, 2010).

Com a chegada do Big Data e da computação em nuvem, houve uma nova mudança de paradigma nas TICs, permitindo uma quantidade imensa de armazenamento

e processamento de dados e oferecendo serviços on-demand acessíveis de qualquer lugar (Mayer-Schönberger e Cukier, 2013). Hoje, as TICs permeiam todos os aspectos da vida moderna, desde dispositivos vestíveis que monitoram a saúde até assistentes virtuais baseados em IA que respondem a comandos de voz, refletindo uma integração tecnológica que continua a evoluir e a expandir suas fronteiras (Russell e Norvig, 2016).

Essa rápida evolução e integração das TICs na vida cotidiana ressaltam a natureza dinâmica do campo da tecnologia da informação, caracterizado por uma constante adaptação e inovação que tanto refletem quanto moldam as mudanças sociais e culturais.

O objetivo geral deste artigo é explorar e analisar o impacto transformador das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) na comunicação humana e social na era da informação. Pretende-se investigar como as TICs têm redefinido as relações sociais, culturais e políticas, ampliando o acesso à informação, alterando a dinâmica do poder e facilitando novas formas de interação.

A metodologia empregada neste estudo é predominantemente bibliográfica, com uma análise aprofundada de literatura acadêmica, estudos de caso, e revisões teóricas relevantes ao tema. Esta abordagem permite uma compreensão abrangente dos diversos aspectos da comunicação na era da informação, incluindo a evolução das TICs, suas implicações sociais e culturais, bem como os desafios e oportunidades que surgem nesse cenário dinâmico. Além disso, a seleção de materiais reflete um esforço para incorporar perspectivas diversificadas, contribuindo para um entendimento multifacetado da comunicação como fenômeno complexo e multidimensional.

Este artigo é relevante para pesquisadores, acadêmicos e profissionais interessados na interseção entre tecnologia, comunicação, educação e sociedade. Ao fornecer uma análise crítica das transformações induzidas pelas TICs no âmbito da comunicação, o artigo oferece insights valiosos para aqueles que buscam compreender as nuances dessa dinâmica e explorar suas implicações práticas e teóricas. Portanto, espera-se que esta pesquisa contribua com acadêmicos interessados no assunto, incentive futuras investigações e debates sobre o poder da comunicação na era da informação e educação digital.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A evolução das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) nas últimas décadas desencadeou uma transformação sem precedentes na maneira como nos comunicamos, acessamos informações e nos relacionamos uns com os outros. Esta seção explora teorias fundamentais que oferecem uma compreensão aprofundada do impacto das TICs na comunicação e na sociedade.

Manuel Castells (2000), em sua obra seminal “A Sociedade em Rede”, argumenta que entramos em uma nova era econômica, política e social definida pela preeminência

das estruturas em rede mediadas pela tecnologia. Castells descreve como a informação, o capital e as pessoas circulam em redes globais que transcendem fronteiras geográficas e institucionais, reconfigurando o tecido da sociedade.

O conceito de “espaço de fluxos” de Castells é fundamental para entender como as TICs moldam a organização social, permitindo a comunicação instantânea e a disseminação de informações em uma escala global. Esta teoria ressalta a importância das redes digitais como infraestruturas críticas que sustentam a sociedade contemporânea, influenciando desde a economia até as relações interpessoais.

Para Yochai Benkler, em “The Wealth of Networks” (2006), discute o papel das TICs na democratização da produção e distribuição de informação. Benkler argumenta que a Internet e as tecnologias digitais possibilitaram um modelo de produção colaborativa e descentralizada, caracterizado por uma participação mais ampla e diversificada.

Benkler sugere, ainda, que esse modelo promove uma “economia da informação de rede” onde o poder é distribuído entre múltiplos atores, desafiando as hierarquias tradicionais de conhecimento e autoridade. Este processo de democratização não apenas expande o acesso à informação, mas também facilita formas inovadoras de criação e compartilhamento de conhecimento, potencializando a emergência de uma cultura participativa.

A era digital transformou radicalmente os paradigmas da comunicação. O desenvolvimento de plataformas digitais e redes sociais revolucionou a maneira como as mensagens são criadas, disseminadas e recebidas.

Jenkins (2006), em sua teoria da cultura da convergência, destaca como a mídia digital permite a convergência de conteúdos, audiências e plataformas de comunicação, resultando em uma cultura participativa onde os usuários são simultaneamente consumidores e produtores de conteúdo. Essa mudança na dinâmica da comunicação amplifica o alcance das mensagens, promove a interatividade e fomenta a formação de comunidades virtuais.

Essas teorias coletivamente oferecem uma lente através da qual podemos analisar o impacto transformador das TICs na sociedade. A transição para uma sociedade em rede e a democratização da informação evidenciam o poder disruptivo das tecnologias digitais, que redefinem as relações de poder e abrem novas possibilidades para a comunicação humana. Ao mesmo tempo, essas transformações apresentam desafios significativos, como questões de desigualdade no acesso às tecnologias, privacidade e a qualidade da informação, que exigem uma reflexão crítica e abordagens regulatórias cuidadosas.

Amplificação da comunicação pelas TICs: Alcance, velocidade e consequências da conectividade globalizada

As TICs, particularmente a internet e as redes sociais, revolucionaram a maneira como as informações são disseminadas e consumidas. Esta revolução digital não apenas acelerou a velocidade da comunicação, mas também expandiu seu alcance a níveis antes inimagináveis, permitindo que indivíduos e organizações se conectem e interajam em uma escala global. Este artigo investiga as implicações dessa transformação, focando na amplificação da comunicação proporcionada pelas TICs.

As TICs eliminaram muitas das barreiras físicas e temporais à comunicação, permitindo a transmissão instantânea de mensagens para um público global. Esta seção analisa como a internet, em especial, facilitou uma comunicação mais rápida e abrangente, destacando o papel das redes sociais na difusão de informações e na mobilização social. Exemplos incluem campanhas virais e movimentos ativistas que utilizaram plataformas como Twitter e Facebook para alcançar audiências internacionais em tempo real.

Conforme Clay Shirky (2010), em “Cognitive Surplus”, argumenta que a conectividade globalizada tem transformado as pessoas de consumidores passivos de mídia para produtores ativos de conteúdo.

O autor discute as implicações dessa mudança, incluindo a democratização da produção de informação e os desafios associados, como a sobrecarga de informações e a dificuldade de discernir a veracidade do conteúdo.

A capacidade de mobilizar rapidamente grandes grupos de pessoas para causas sociais ou políticas também é examinada, evidenciando o duplo filo da conectividade: seu potencial para promover mudanças positivas versus a facilidade de disseminar desinformação.

Casos exemplificando o poder amplificador das redes sociais

Este subcapítulo apresenta estudos de caso que ilustram o impacto significativo das redes sociais na amplificação da comunicação. Destaca-se o papel das mídias sociais na Primavera Árabe, onde plataformas como Twitter e Facebook foram cruciais para organizar protestos e chamar a atenção global para as questões políticas na região. Outro exemplo é a campanha #MeToo, que utilizou as redes sociais para amplificar vozes contra o assédio sexual, gerando um movimento global de conscientização e mudança social.

A emergência das redes sociais digitais transformou radicalmente o panorama da comunicação pública, permitindo a formação rápida de redes de apoio e a disseminação eficaz de mensagens. Estas plataformas tornaram-se espaços significativos para a expressão coletiva e ação política, como evidenciado em eventos críticos globais recentes.

A Primavera Árabe, uma série de protestos e revoluções que começaram no final de 2010, foi um marco para a comunicação ativista. Jovens ativistas e cidadãos

comuns utilizaram plataformas de redes sociais, especialmente o Twitter e o Facebook, para organizar protestos, compartilhar informações em tempo real e galvanizar o apoio internacional. As hashtags se tornaram ferramentas poderosas para mobilizar, coordenar e manter o momentum dos protestos, ultrapassando as tentativas dos governos de censurar ou restringir as comunicações tradicionais. Estas plataformas também permitiram a documentação de injustiças, funcionando como um meio para atrair a atenção da mídia global e pressionar por mudanças políticas.

O movimento #MeToo é outro exemplo seminal de como as redes sociais podem amplificar mensagens e criar movimentos sociais com impacto global. O que começou como um uso da hashtag por Tarana Burke e posteriormente popularizado por celebridades como Alyssa Milano, cresceu para se tornar uma campanha internacional contra o assédio sexual e a violência de gênero. As redes sociais proporcionaram uma plataforma onde as sobreviventes puderam compartilhar suas histórias, muitas vezes levando à repercussão pública e responsabilização. Este movimento destacou o papel das TICs na facilitação da solidariedade e ação coletiva, além de influenciar a opinião pública e políticas em uma escala transnacional.

Os estudos de caso da Primavera Árabe e do #MeToo demonstram claramente o potencial das redes sociais como ferramentas de amplificação da comunicação e mobilização social. Eles ilustram o poder dessas plataformas para ultrapassar as fronteiras geográficas e sociais, impulsionar a mudança social e remodelar as discussões públicas em torno de questões cruciais.

Ao mesmo tempo, esses movimentos evidenciam a natureza complexa das redes sociais, que podem ser utilizadas tanto para o avanço de causas nobres quanto para propagação de desinformação, ressaltando a necessidade de um uso consciente e responsável dessas poderosas ferramentas comunicativas.

A ERA DA INFORMAÇÃO: REVERBERAÇÕES NA COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO E CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

A era da informação revolucionou as esferas não só da comunicação, mas também da educação. As TICs emergiram como elementos cruciais que afetam como interagimos uns com os outros, como os educadores ensinam e os alunos aprendem, e como o conhecimento é criado e compartilhado. Este texto visa explorar essas transformações, destacando a relevância da teoria do conectivismo proposta por Siemens (2005) para entender esses fenômenos.

A comunicação na era da informação também é marcada pela instantaneidade e pelo alcance global. As TICs eliminaram barreiras geográficas e temporais, possibilitando interações em tempo real entre indivíduos de diferentes partes do mundo. Isso tem implicações significativas para a sociedade, desde a formação de relacionamentos até a

mobilização para ações coletivas. A interconexão contínua também cria novos desafios, como a sobrecarga de informação e a necessidade de filtrar o excesso de estímulos comunicativos.

Influenciada pelas TICs, a Educação precisou se adequar e introduz novas modalidades de ensino e aprendizado. A era da informação exige uma reavaliação das metodologias pedagógicas, privilegiando a aprendizagem colaborativa e a utilização de recursos digitais.

Segundo Siemens (2005), o conectivismo como uma teoria de aprendizagem para a era digital, argumentando que a capacidade de conectar e navegar por redes de informação é mais crucial do que a acumulação de conhecimento estático. Isso sugere uma mudança de enfoque no ensino, passando do conteúdo tradicional para habilidades como análise crítica, pensamento sistêmico e aprendizagem autodirigida.

Na era da informação, o conhecimento é frequentemente descentralizado e distribuído. As TICs facilitam a colaboração e o compartilhamento de informações, permitindo a construção coletiva de conhecimento. Siemens destaca que a aprendizagem ocorre através da diversidade de opiniões e da conectividade entre campos, ideias e conceitos. Isso desafia as noções tradicionais de autoridade e expertise, promovendo um modelo em que o conhecimento é fluido e evolutivo, e onde as redes de aprendizagem se tornam mais significativas do que o conhecimento isolado.

O impacto da era da informação na comunicação, na educação e na construção do conhecimento é multidimensional e profundamente transformador.

As TICs possibilitaram novas formas de interação, mudanças paradigmáticas na educação e uma nova abordagem para a construção do conhecimento. A teoria do conectivismo de Siemens oferece um quadro teórico valioso para compreender e navegar por essas mudanças, enfatizando a importância das redes e da capacidade de adaptação na aprendizagem. Conforme avançamos nesta era, continua essencial refletir sobre como as TICs podem ser utilizadas para promover uma sociedade mais conectada, informada e educada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo deixa evidente que a era da informação é um período de transição significativa, caracterizado pela intersecção entre tecnologia, sociedade e cognição humana.

A análise do poder da comunicação mediada pelas TICs revela uma ampliação exponencial do alcance e da velocidade da interação humana. As redes sociais, em particular, emergiram como ferramentas poderosas, não apenas para comunicação interpessoal, mas também como mecanismos de mobilização social e política. Os estudos de caso da Primavera Árabe e do movimento #MeToo ilustram como plataformas digitais

podem servir como catalisadores para mudanças sociais, elevando vozes individuais a um coro global que demanda atenção e ação.

Na educação, o cenário é igualmente transformador. As TICs desafiaram os modelos tradicionais de ensino, sugerindo novas abordagens pedagógicas que enfatizam a aprendizagem colaborativa, autodirigida e baseada em redes, conforme articulado na teoria do conectivismo de Siemens. A educação, portanto, não é mais um domínio exclusivo das salas de aula, mas um ecossistema expansivo de recursos e comunidades de aprendizado que transcendem as barreiras físicas.

Em termos práticos, a convergência das TICs com a comunicação e a educação exige um reexame contínuo das políticas e práticas. As instituições educacionais devem considerar como integrar efetivamente as tecnologias digitais para melhorar o acesso e a qualidade do ensino, enquanto também se protege contra os riscos associados ao uso da tecnologia, como a distração digital e as preocupações com a privacidade.

Do mesmo modo, a disseminação de informações através de redes sociais convoca um senso crítico aguçado e uma responsabilidade ética tanto dos criadores quanto dos consumidores de conteúdo. É crucial desenvolver competências em alfabetização digital e pensamento crítico para navegar no mar de informações disponíveis e discernir entre fontes confiáveis e desinformação.

Olhando para o futuro, a era da informação está pronta para continuar seu caminho de transformações rápidas e inovadoras. As TICs evoluirão, e com elas, as formas como nos comunicamos, educamos e construímos conhecimento. A inteligência artificial, a realidade aumentada, a internet das coisas e outras tecnologias emergentes prometem abrir novos horizontes para a comunicação e aprendizagem, enquanto simultaneamente apresentam desafios inéditos relacionados à ética e à governança da tecnologia.

Em conclusão, o artigo lança luz sobre a complexidade e a dinâmica do atual momento tecnológico, educacional e social. Ele atesta que a era da informação não é apenas uma era de mudança, mas também uma era de oportunidades expansivas e desafios significativos. A responsabilidade compartilhada de moldar esta era não recai apenas sobre indivíduos ou entidades isoladas, mas sobre a sociedade como um todo, que deve colaborar para garantir que o poder das TICs seja empregado de maneira que beneficie a humanidade em sua máxima capacidade.

REFERÊNCIAS

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

ISAACSON, W. Steve Jobs. Simon & Schuster, 2011.

BERNERS-LEE, T. *Weaving the Web: The Original Design and Ultimate Destiny of the World Wide Web by Its Inventor*. HarperSanFrancisco, 1999.

JENKINS, H. *Convergence Culture: Where Old and New Media Collide*. New York: New York University Press, 2006.

KIRKPATRICK, D., SIMON & SCHUSTER *The Facebook Effect: The Inside Story of the Company That Is Connecting the World*., 2010.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

MAYER-SCHÖNBERGER, V., & CUKIER, K. *Big Data: A Revolution That Will Transform How We Live, Work, and Think*. Houghton Mifflin Harcourt, 2013.

MORAN, José Manuel. Mudando a educação com metodologias ativas. In: SOUZA, Carlos Alberto de; MORALES, Ofélia Elisa (Orgs.). *Coleção Mídias Contemporâneas*. Fortaleza: Edições UFC, 2013.

RUSSELL, S. J., & NORVIG, P. *Artificial Intelligence: A Modern Approach*. Pearson, 2016.

SHIRKY, C. *Cognitive Surplus: Creativity and Generosity in a Connected Age*. Penguin Press, 2010.

SIEMENS, G. *Conectivismo: Uma Teoria de Aprendizagem para a Era Digital*. International Journal of Instructional Technology and Distance Learning, vol. 2, n. 1, Jan 2005.

VISE, D. A., & Malseed, M. *The Google Story: Inside the Hottest Business, Media, and Technology Success of Our Time*. Delta, 2006.

SAMPAIO, M. N.; LEITE, L. S. *Desafios à inclusão digital*. In: SILVA, M. A. da (Org.). *Inclusão Digital: polifonia de vozes*. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

SILVA, Marco. *Sala de aula interativa*. Rio de Janeiro: Quartet, 2010.

TOFFLER, Alvin. *A terceira onda*. Rio de Janeiro

EDWALDO COSTA: Coordenador do Programa de Mestrado em Comunicação Digital do IDP. Pós-doutor em Jornalismo pela Universidade de São Paulo (USP). Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Atuou como professor de Jornalismo na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), no Centro Universitário Toledo de Araçatuba e na União das Instituições Educacionais do Estado de São Paulo. Trabalhou no Centro de Comunicação Social da Marinha do Brasil, na Assessoria de Comunicação do Ministério da Defesa e na Assessoria de Comunicação do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República (GSI/PR). Cursa outro pós-doutorado em História na UnB e em Comunicação e Saúde na Daphne Cockwell School of Nursing – Toronto Metropolitan University. Atualmente é Assessor de Comunicação na Diretoria-Geral de Desenvolvimento Nuclear e Tecnológico da Marinha.

<http://lattes.cnpq.br/3950553227038648>

<https://orcid.org/0000-0002-3416-3815>

LUIS FELIPE ABREU: É escritor, professor e pesquisador. Doutor e mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Foi professor na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É pesquisador de pós-doutorado da FAPERJ, atuando junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da UFRJ. É membro do Grupo de Pesquisa em Semiótica e Culturas da Comunicação (GPESC) e do Grupo de Pesquisa Poesia Brasileira Contemporânea.

<http://lattes.cnpq.br/1944602254626344>

<https://orcid.org/0000-0002-2460-5165>

A

Alternative journalism 1, 2, 3, 5, 6, 8, 9

C

Cinema 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 86, 87, 88, 89

Comunicação 9, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 40, 41, 42, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 53, 60, 61, 62, 73, 90, 93, 101, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 119

Conectividade 109, 110, 114, 116

Contextos comunicativos 120

Coral 52, 54, 56, 57, 59

Cultura 15, 18, 21, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 44, 48, 49, 50, 51, 52, 59, 62, 64, 65, 67, 74, 83, 87, 99, 102, 113

Cultura gospel 33, 34, 48, 49

D

Digital age 1, 2, 9

Documentário 62, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 89

E

Educação digital 109, 110, 112

Ensino básico 11

Era da informação 13, 110, 111, 112, 115, 116, 117

Expressão 25, 48, 52, 53, 56, 62, 63, 64, 66, 68, 71, 73, 75, 81, 83, 86, 87, 91, 99, 110, 114

F

Feminismo 62, 66, 87, 90, 92, 102, 103

I

Inclusão digital 9, 11, 13, 17, 110, 118

Informação 10, 11, 13, 14, 15, 17, 18, 20, 31, 33, 39, 45, 46, 49, 53, 83, 90, 93, 98, 99, 102, 105, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117

Inovação pedagógica 110

J

Jornalismo 33, 39, 90, 92, 94, 102, 107, 109, 119

Jornal O Globo 91

- Juventude 33, 35, 36, 48, 51
- M**
- Mediações 33, 35, 36, 40, 41, 48, 49, 50, 51
- Metodologia qualitativa 120
- Movimento feminista 69, 87, 90, 92, 97, 99, 103, 104
- Música 34, 39, 40, 45, 46, 47, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 61

P

- Pessoa com deficiência 52, 53
- Poder da comunicação 110, 111, 112, 116
- Protagonismo 14, 49, 52, 53, 92, 98, 104

Q

- Qualitative methodology 1, 4, 5, 9

R

- Rádio 33, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 62
- Relações de poder 109, 110, 113
- Religião 33, 34, 35, 36, 37, 43, 44, 46, 48, 50
- Repórter sem fronteira 120
- Reporters Sans Frontières 1, 2

S

- Sociedade 9, 11, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 23, 35, 40, 50, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 70, 71, 73, 74, 75, 82, 87, 88, 93, 99, 106, 110, 111, 112, 113, 115, 116, 117

T

- Tecnologias da informação e comunicação 11, 13, 17, 53
- Teorias do jornalismo 90, 92, 94, 102

O poder da comunicação na era da informação

Volume II



- 🌐 www.atenaeditora.com.br
- ✉️ contato@atenaeditora.com.br
- 👤 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
- 👤 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

O poder da comunicação na era da informação

Volume II



- 🌐 www.atenaeditora.com.br
- ✉️ contato@atenaeditora.com.br
- 👤 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
- 👤 www.facebook.com/atenaeditora.com.br